

M A R I A D E L O U R D E S S I Q U E I R A

"AGÔ AGÔ LONAN"
REPENSANDO O SER NEGRO EM
TERREIROS DE CANDOMBLÉ
SALVADOR-BAHIA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO EXI
GÊNCIA PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SO-
CIAIS (SOCIOLOGIA) SOB A ORIENTA
ÇÃO DO PROF. DR. CANDIDO PROCÓPIO
FERREIRA DE CAMARGO.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/PUC
SAO PAULO - 1985

COMISSÃO JULGADORA

Este trabalho tem uma contribuição
MAIOR: o testemunho de uma mulher
que sempre acreditou na vida, lu
tando com esforço e seriedade. E
ela compartilhava isso comigo - mi
nha mãe:

ALBERTINA MOREIRA SIQUEIRA

A razão da escolha deste caminho é a presença de François Marie de L'Espinay. Ele continua hoje apoiando e incentivando o meu compromisso com a classe a a raça às quais pertença.

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de todo o tipo ocultaram o verdadeiro rosto da África... Negavam-se a ver nos africanos criadores de culturas originais, que se desenvolveram e perpetuaram através dos séculos, por caminhos próprios, e que, por isso mesmo o historiador não pode alcançar a menos que renove seus métodos...

No exercício do direito à iniciativa histórica, os próprios africanos, sentiram a necessidade profunda de restabelecer em bases sólidas a historicidade de suas sociedades.

Amadour Mahtar M'Bow

Diretor Geral da UNESCO. História Geral da África, Volume I. UNESCO, 1982.

A consciência negra é inerente a ela mesma. Não sou uma potencia lidade de algo, sou plenamente o que eu sou. Minha consciência ne gra não se considera como algo que falta. Ela coincide consigo mesma.

Fanon, 1952: 11. Presence Africaine

SUMÁRIO

S U M Á R I O

	Página
1. INTRODUÇÃO	11
1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	12
1.2 OBJETIVOS GERAIS	15
1.3 COMO FOI REALIZADA A PESQUISA	17
2. A QUESTÃO DO NEGRO NO BRASIL	20
2.1 RAÇA E CLASSE	21
2.2 DO PARTICULAR E DO UNIVERSAL	23
2.3 PROCESSO INDIVIDUAL E IDENTIDADE COLETIVA	25
3. CANDOMBLÉ	32
3.1 O QUE É CANDOMBLÉ	34
3.1.1 Considerações gerais sobre o Candomblé..	34
3.2 OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ	39
3.2.1 O que é um Terreiro	39
3.2.2 Função de um Terreiro dentro da concepção de Mundo do Candomblé	40
4. DESCRIÇÃO GERAL DOS TERREIROS	43
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS TERREIROS E SIGNIFICADO DE DADOS BÁSICOS	44

4.2	SIGNIFICADO DE DADOS BÁSICOS QUE CARACTERIZAM O TERREIRO	49
4.2.1	Os Nomes dos Terreiros	49
4.2.2	Localização	54
4.2.3	Orixás - Patronos	55
4.2.4	Nações a Que Pertencem os Terreiros	60
4.3	OS TERREIROS EM SI	64
4.3.1	Composição Racial das pessoas que Partipam do Candomblé	64
4.3.2	A Mulher e o Candomblé	70
4.3.3	Nível de Escolaridade	72
4.3.4	Ocupação/Profissão	91
4.3.5	Tempo de Orixá	135
4.3.6	Distribuição dos Agentes Rituais pela Posição que Ocupam no Sistema Religioso do Candomblé	145
5.	AS RELAÇÕES DO MEIO DO TERREIRO	162
5.1	HIERARQUIAS ESTABELECIDAS	163
5.1.1	Identificação dos Babalorixás e Yalorixás	165
5.1.2	Funções e perfis das Hierarquias	168
5.1.3	Hierarquias Estabelecidas e a Questão da Identidade Negra: Tradição de Origem Africana	170

5.2	RELAÇÕES CERIMONIOSAS	173
5.2.1	As Festas	173
5.2.2	Função das Cerimônias como Elementos de Coesão e Identidade do Grupo: Conservação da herança, transmissão de valores..	182
5.3.	FUNDAÇÃO DOS TERREIROS	185
5.3.1	Histórico ou Motivações e Significados dos seus Nomes	185
5.3.2	Motivação e suas relações com a Identidade e Solidariedade	192
5.4	TERREIRO E A QUESTÃO SOCIAL	194
5.4.1	Atitude Ante os Problemas Sociais	194
5.4.2	Respostas Teóricas e Práticas no Interior dos Terreiros	197
5.5	RELAÇÃO ENTRE TERREIROS	206
5.5.1	Como Influi na Identidade e na Solidariedade	206
6.	CANDOMBLÊ E SOCIEDADE NACIONAL	208
6.1	RELAÇÕES HISTÓRICAS: PERSEGUIÇÃO. POR QUE FORAM PERSEGUIDOS	208
6.2	DATA DAS FUNDAÇÕES: QUE RELAÇÕES EXISTEM ENTRE FASES DE EXPANSÃO E RETRAÇÃO, COM A SOCIEDADE NACIONAL OU OUTROS FATORES QUE POSSAM EXPLICAR	210

6.3	SITUAÇÃO ATUAL DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ — SEUS VALORES PODEM AJUDAR À SOCIEDADE? CO- MO?	219
7.	CONCLUSÕES DO TRABALHO	223
7.1	SENTIDO DE DIGNIDADE IGUALITÁRIA	224
7.2	SENTIDO DE IDENTIDADE NEGRA	224
7.3	LIÇÕES DE EXPERIÊNCIA DOS TERREIROS PARA OS NEGROS BRASILEIROS	237
7.4	RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS	243
7.5	CONCLUSÕES GERAIS	246
	ANEXOS	267
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	292

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A população negra na cidade de Salvador, tem suas formas de organização cultural, e através delas mantém viva parte da tradição trazida pelos negros africanos desde os primeiros tempos da escravidão, ocorrendo transformações na vida da sociedade baiana.^{1/}

Essas formas de organização cultural na Bahia e no Brasil foram mantidas através de uma forte ligação com as raízes negras vindas da África, e se manifestam no canto, na música, na dança, na vestimenta, nas cores, nos símbolos sagrados e nas práticas religiosas do que trataremos especificamente.

Entre as práticas religiosas, as mais distintas, encontramos as comunidades de Candomblé, que expressam seu ritual segundo a linha das várias nações que aqui vieram: congo, gêge, angola, nagô.

Dentre as nações africanas, foi em torno dos descendentes do povo Yorubá, que se deu a articulação maior das

comunidades religiosas com base no jeito de ser africano, o que constituía o elemento fundamental do processo de identificação, que se realizava nas práticas do culto.

Este trabalho visa realizar um estudo de alguns elementos que caracterizam essas comunidades religiosas. Não se propõe a um estudo completo sobre o Candomblé, sistema religioso, como muitos já o fizeram.

O trabalho aqui exposto se baseia na hipótese de que entre muitas formas culturais, das quais o negro participa, na cidade de Salvador, ele encontra nas comunidades de Candomblé seu momento maior de identificação.

O que se diz é fruto de um processo intenso de observação participante, na acepção aqui assumida de que o pesquisador é aquele que chega para ajudar à compreensão da realidade, na perspectiva de quem chega também para aprender, conhecer, trocar vida e experiência.

Nessa perspectiva quer-se repensar a questão do Negro, buscando sua dimensão cultural e religiosa, onde ele se redefine como pessoa, se qualifica socialmente, ocupando posições significativas dentro de sua comunidade religiosa. É aí que ele se identificava, retomando valores, que não lhes são permitidos vivenciar na realidade de sua vida cotidiana.

Desenvolve-se este trabalho na perspectiva de um sujeito que, ao lago de um compromisso de tentar discutir o

problema de um ponto de vista acadêmico, o faz como alguém de dentro, que vive e sente a questão. Vive a questão maior, a da classe, em que o negro está colocado histórica e concretamente, sem perder de vista a especificidade do ser negro, num país como este, onde há todas as formas de opressão, se acrescentam os mais velados ou evidentes mecanismos de racismo, preconceito de cor e discriminação racial, advindos das condições de escravidão e colonização. O fato de a autora deste trabalho ser negra e de participar como mulher negra de uma comunidade de Candomblé desde julho de 1974, onde tem a função de Ekedí, confere às idéias de que trata, o caráter de uma análise teórica, desenvolvida no contexto de uma abordagem metodológica, onde a exigência de ver, viver e compreender a realidade se efetivou no pleno sentido do termo.

Dentro do objetivo proposto de identificação dos espaços culturais, enquanto experiência de vida, que possibilitam ao negro o encontro de sua identidade, parte-se da hipótese de que na Bahia tal espaço se configura na vivência de Candomblé. Experiências outras, tais como: o samba, a capoeira, de certa forma já apropriadas pelo branco, contêm em si mesmo menor força potencial para a atualização permanente e crescente da Identidade, nos termos em que ela se realiza no Candomblé. Confirmando esta hipótese, vê-se por um lado o agudo interesse da indústria cultural de penetrar no mundo singular do Candomblé, e por outro, a resistência — a tenaz resistência destas comunidades à invasão daquele espaço, que se constitui

na mais preciosa garantia de encontro de uma identidade criada e recriada em meio a todo esse processo por ele vivido na con
dição de escravo e ex-escravo.

Confere-se validade e importância ao fato de que pessoas negras entrem nessa luta de comprometimento com um processo de elaboração teórica da sua própria condição de ser negro. Reconhece-se que tal tarefa exige não só o esforço de sistematização próprio a todo estudo de qualquer natureza, co
mo um ato de coragem de abrir o debate na Academia sobre a ques
tão do negro pelo próprio negro.

Colocadas essas premissas, acredita-se que o es
paço para o debate esteja aberto, desde que se respeite a pre
missa maior, ou seja, o respeito às diferenças.

1.2 OBJETIVOS GERAIS

O trabalho aqui apresentado não se configura um estudo sobre o Candomblé do ponto de vista histórico ou etno
gráfico.

Nosso interesse é o estudo do Candomblé enquan
to um espaço onde os negros se reencontram e compartilham cren
ças, costumes, valores, tradições, significados que se mantiveram.

Formalizamos esses objetivos centrais a que nos propomos desenvolver neste trabalho em 3 (três) pontos, marca

dos profundamente por 4 (quatro) elementos que lhes dão base e razão de ser, na expectativa em que nos colocamos:

1. Demonstrar que os terreiros de Candomblé são entidades que conservam e transmitem a possibilidade de identificação com suas tradições.
2. Assinalar que os Terreiros de Candomblé são expressões de solidariedade tradicional das comunidades Negras do Brasil.
3. Mostrar como os Terreiros de Candomblé, precisamente por serem portadores de tradição negra; e da solidariedade, constituem uma resposta para o negro que busca um espaço de vida e identificação com sua história, sua cultura, sua religião. *(no caso de Salvador - Bay.)*

Estes objetivos estão apoiados em 4 (quatro) pontos fundamentais:

1. O valor dos nossos ancestrais.
2. A tradição religiosa relacionada com os intermediários — Os Orixás.
3. Uma concepção igualitária do mundo (homens, mulheres, todos têm iguais possibilidades, direitos e responsabilidades.
4. O papel fundamental desempenhado nas sociedades

des africanas e na diáspora, dos mais velhos da comunidade.

"Chaque fois qu' un vieillard muert e'est' une bibliohque qui brûle". Ham patê Bã.

Os dados aqui apresentados pretendem evidenciar o papel do Candomblé, enquanto atualizador e potencializador de uma história, de uma tradição, de uma cultura própria que se constituem fatores determinantes das marcas de identificação dos descendentes de negros africanos, que se expressam na fala de uma Mãe de Santo ou de um Pai de Santo.

Este trabalho pretende também, mostrar a dinâmica, através da qual este acervo de saber significados é passado de geração em geração, dos mais velhos aos mais moços, numa contínua troca de saber.

Pretende-se caracterizar através dos dados a posição e o papel das pessoas que constituem as comunidades de Candomblé, no interior da comunidade ritual, e a posição social dessas pessoas na sociedade civil, onde elas vivem o seu cotidiano permeado por todas as determinações que o processo de dominação política, exploração econômica e discriminação racial lhes impõem.

1.3 COMO FOI REALIZADA A PESQUISA

Esta pesquisa é decorrência, sobretudo, de um

intenso e continuado processo de observação, participante realizado a partir de 1974. Tal processo se efetiva por uma Ekedide de Xangô no Ilé Axé Opô Aganju.

Em decorrência, sobretudo, desta posição, o processamento da pesquisa se realizou sempre em situação de muita troca, partilhando-se de muitas situações questionadoras, de um esforço cuidadoso de viver e, ao mesmo tempo, compreender a realidade.

Além da observação participante, utilizou-se outros procedimentos técnicos de pesquisa: a) entrevistas em profundidade com pessoas da comunidade negra, direta ou indiretamente ligadas à comunidade de Candomblé; b) a aplicação de questionários no contexto de encontros pessoais, informais, com Yalorixás e Babalorixás em suas residências e/ou lugares de culto. A aplicação desses questionários, a partir dos encontros referidos, evidenciou-se como um mecanismo precioso para o levantamento de dados pretendidos, configurando-se igualmente como uma situação de entrevista, onde o interesse e a disponibilidade dos sujeitos se materializaram muitas vezes pelo desdobramento do intercâmbio em dois ou mais encontros.

Partindo-se do pressuposto de que Casas Antigas têm sido objeto de vários estudos, optou-se por investigar comunidades pequenas desconhecidas, novas, às vezes. A intenção foi verificar se também nelas o Candomblé se configura como um fator de reencontro dos negros com suas raízes culturais.

Nesse sentido, foram pesquisadas 156 comunidades de Candomblé, ouvindo-se a Mãe ou Pai de Santo responsável pela comunidade (das quais aqui apresentamos 126).

No que se refere à receptividade à pesquisa, conforme já foi evidenciado, não houve problema de resistência. Muito pelo contrário, a pesquisa se configurou como um momento onde as pessoas se encontravam para falar sobre a percepção e experiências vitais.

2 A QUESTÃO DO NEGRO NO BRASIL

"... o matiz da pele servia como uma espécie de índice da condição social das pessoas..." (Roger Bastide e Florestan Fernandes, 1971:85).

2 A QUESTÃO DO NEGRO NO BRASIL — Teses Gerais: uma visão Retrospectiva do Problema

2.1 RAÇA E CLASSE

- a) A questão do Negro no Brasil se situa ao nível de raça e de classe.

"A tradição escravocrata, associou de tal modo "cor" e "posição social", que o branco recém egresso do regime de castas, ainda se comportava como se fosse o senhor e revelava extrema intransigência diante de qualquer quebra ostensiva da velha etiqueta das relações raciais!" Florestan Fernandes, 1978: 298.

- b) O Projeto de liberação do Negro deve ser uma proposta global que atinja toda a Sociedade Nacional.

"A revolução anti-escravista não produziu no Brasil uma sociedade nova, moderna e dinâmica. Na medida em que preservou múltiplos elementos da formação anterior, assumiu um caráter, não apenas conservador, mas na verdade arcaico. Salvo melhor juízo deve-se ao historiador Serguei Kovaliov a conceituação das revoluções pre-capitalistas, como revoluções de tipo arcaico, ou seja, revoluções que produziram sociedades atrasadas e conservadoras. Nisso parece consistir a especificidade da transformação social operada no Brasil

com a abolição da escravatura". Dêcio Freitas, 1983:66.

c) O racismo, o preconceito de cor e a discriminação racial, são problemas específicos^{2/}. Mas não podemos perder a perspectiva do global, integrados no sistema capitalista de produção.

"Na esteira de uma política elitista e autoritária, rearticula-se o racismo e a violência é dirigida fundamentalmente, contra o negro, o marginal, o operário, o cidadão negro de modo geral, su daqueles que descendem diretamente das matrizes africanas". (Clovis Moura, 1983:142.

Essa prática do racismo traduzida em discriminação racial, por preconceito de cor tem base na mesma origem do sistema escravista, não resolvido com as medidas legais do processo da Abolição.

"Terminada a escravidão, o negro foi atirado compulsoriamente às grandes cidades em formação, procurando trabalho. O grupo migratório estrangeiro já entrava maciçamente no sentido de excluí-lo do centro do Sistema de produção que se dinamizava. Ele sobrou neste processo. O preconceito de cor neste contexto funcionava como elemento de barragem permanente... durante quase quatro séculos foi o único trabalhador da sociedade brasileira, passou a ser considerado preguiçoso, ocioso, de má índole para o trabalho... O negro foi por isto lançado à periferia do sistema, não apenas para ficar no sub-emprego, no desemprego, na criminalidade do pobre, na prostituição baixa, mas também, para ser dizimado biologicamente

camente nos surtos de meningite, tuberculose, raquitismo e outras doenças carenciais. (Clovis Moura, 1983: 10 a 12).

2.2 DO PARTICULAR E DO UNIVERSAL

- a) A questão do Negro no Brasil e especificamente na Bahia, tem que assumir várias formas de luta, pela sua identidade étnica e pela sua integração na sociedade de classe. Essa luta tem que assumir formas a partir de seus valores culturais, suas crenças, suas tradições.

"A metamorfose do escravo em negro e mulato é também metamorfose de uma forma de alienação em outra. Na escravatura o negro é alienado no produto do seu trabalho e em sua pessoa. E é nessa condição que ela reelabora ou recria os elementos da cultura africana, em combinação com a cultura da sua própria condição escrava. Nesse contexto a religião, a magia, a música, folclore e língua tornam-se a expressão de um empenho em garantir um universo sócio-cultural restrito, no qual o escravo se refugia, expressa, afirma e resiste à cultura da escravidão. A casta dos senhores concede esse refúgio. Inclusive toma esse universo socio-cultural, como prova de que a casta dos escravos é de fato outra raça. Ao passo que na sociedade de classe o negro é um trabalhador livre. ... Como negro ou mulato e assalariado ele recria e reelabora os elementos culturais da sua condição de classe e do seu passado escravo. A experiência coletiva é histórica de escravo, por dois, três ou quatro séculos é recriada e reelaborada juntamente com a experiência presente do negro ou mulato membro da classe operária (urbana ou rural) da classe média, pequena burguesia ou ou

tra categoria social. ... Na sociedade de classe do século XX, portanto as formas de consciência, de alienação podem ser mais diferenciadas. É verdade que a religião, a magia, a música, o folclore, a língua continuam a ser esferas de um universo sócio-cultural importante. Mas as significações sócio-culturais e políticas desse universo são dadas pelas relações de interdependência, alienação e antagonismos das classes sociais. A condição de *raça* e *classe* subsumem-se reciprocamente". (Octavio Ianni, 1978: 75/76).

b) A Identidade Étnica por si só pode levar a uma questão conservadora, se não levar à questão política revolucionária. A Consciência étnica isoladamente pode ser reacionária.

"O que se ganhou com os estudos de etnicidade foi a noção clara de que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferenças". (Manuela Carneiro da Cunha, 1985:206).

... Muito do que precede aplica-se igualmente a outras identidades, se sexuais ou religiosas, por exemplo. Mas a identidade étnica refere-se a algo específico, uma origem histórica. É uma afirmação sobre a origem putativa, através de sinais tangíveis: a "cultura".

Pois a história não é necessariamente desafiada: basta que esteja implícita. Ela é, na verdade, uma caução para o que realmente no dia-a-dia, marca a identidade étnica, ou seja, a "tradição" ou a "cultura", modo imediato de manifestação da origem do grupo, caução que a ancestralidade confere". (Manuela Carneiro da Cunha, 1985:206).

- c) A busca do Universal não significa esquecer o particular — a cor. O que no Brasil significa a condição de ex-escravo. O universal só será obtido pela afirmação radical do particular.

Neste sentido queremos afirmar que a questão geral de transformação dos processos e estruturas de denominação da Sociedade Nacional não estão desvinculadas das lutas pelas transformações das condições sócio-econômicas, políticas e culturais, a que estão submetidas as comunidades negras na Cidade de Salvador, no Estado da Bahia.

"Largo Dois de Julho. Aluga-se um ótimo quarto para duas moças e dois rapazes em pensionato rigorosamente asseado e familiar, cozinha variada, prédio conservado e turma selecionada. Preço: 160 (cento e sessenta cruzeiros). Não aceitamos as seguintes pessoas: Vendedores, "casais", "pessoas de cor escura" e pessoal que não tenha emprego certo ou apresente conduta duvidosa. Tratar na rua Carneiro de Campos, 39". (Thales de Azevedo, 1975:44).

2.3 PROCESSO INDIVIDUAL E IDENTIDADE COLETIVA

- a) A integração do negro na sociedade de classe, não pode ser um processo somente individual, nem uma identificação com o dominante/opressor que o domina e discrimina.

"A ideologia escravista inculcou em todos os brasileiros — ricos ou pobres,

cultos ou ignorantes, brancos ou pretos, a arraigada convicção de que aquele sistema representava a mais alta conquista da civilização.

Ainda mesmo os que teriam todas as razões para ser hostis ao sistema — como a massa de livres pobres, cuja miséria competia com a dos escravos — eram induzidas pela ideologia dominante a apoiá-lo". (Décio Freitas, 1978:186-187).

- b) A luta do negro tem que realizar-se no contexto global da luta proletária, com responsabilidades recíprocas e sem paternalismo (o paternalismo é pior que a prepotência).

"A desumanidade da escravatura, segundo as leis de Deus e da burguesia, somente se instaura e se desenvolve, de uma maneira irreversível na consciência da burguesia ascendente, quando a acumulação de capital passa a ser comandada pelo processo produtivo.

Quando o capitalismo generaliza a idéia e a prática de que o lucro se produz no processo da produção, o senhor de escravo se coloca diante de um impasse. A composição orgânica de seu capital passa a ser um requisito essencial para o argumento ou a preservação da sua taxa de lucro. Ao dar-se conta de que o trabalho livre corresponde a relações de produção mais propícias à produção do lucro — nas condições do capitalismo — o senhor dos escravos transforma-se num burquês, para não ser ultrapassado pela empresa capitalista organizada com base no trabalho livre. De qualquer maneira essa é a época em que se torna mais agudo o antagonismo entre liberdade e escravidão, na consciência prática da classe burguesa em formação. Quando a força de trabalho começa a revelar-se obsoleta, na dinâmica do processo produtivo, da divisão social do trabalho e da transi

ção para a produção da mais valia relativa, então o escravocrata é obrigado a transformar-se em empresário capitalista, associar-se com outros ou abandonar o sistema produtivo". (Octávio Ianni, 1978:42).

- c) A luta do negro tem que despojar-se dos padrões impostos e assimilados da sociedade dominante.

"Como todo escravo o negro trabalhava muito, mas produzia pouco e mal. Não era só assim, contudo, que ele prejudicava o senhor. Para este, o escravo se distinguia do animal apenas pelo fato de ser instrumento capaz de articular som, ou melhor, dotado de linguagem. Porém o escravo não era unicamente um instrumento inanimado de trabalho. Tinha consciência de sua diferença em relação aos animais.

Sabia que era um ser humano. Ele portanto se revoltava num esforço para recuperar a sua identidade humana sequestrada pelo escravismo. Desde o início da escravidão no Brasil o negro buscou recuperar sua Identidade humana, fugindo para o Quilombo. Nenhuma região do Brasil teve mais escravos que a Bahia e também em parte alguma pulularam tantos quilombos, alguns de vida efêmera, porém muitos constituindo pequenas repúblicas que resistiram longamente a todas as tentativas de destruição". (Décio Freitas, 1976:15).

A questão do negro no Brasil tem como fundamento o seu próprio processo histórico. É uma história profundamente marcada por fenômenos sociais, de significação determinante, iniciadas pela opção por parte dos colonizadores, de escravizar o negro africano ^{3/}. A seguir o tráfico negreiro que no seu bojo trazia, a viagem; as mortes; a desintegração dos grupos

étnicos; das línguas; ou dialetos da cultura; dos costumes; da família; a escravidão em si mesma; a relação senzala/casa grande, senhor/escravo; a dominação do senhor; a propriedade absoluta com direitos de troca e venda; de vida e de morte sobre a pessoa do escravo; o não ser, o não ter, o não decidir seu próprio destino; a conjugação de esforços das classes dominantes: Estado e Igreja e "Senhores"; o outro nome, outro batismo. Por outro lado as manifestações de resistência do negro ao longo de todo o processo de desaculturação para quebrar culturalmente o negro com outro nome, outro batismo, outra forma de vida, outra organização política, outra relação de trabalho; as manifestações de resistência do negro ao longo de todo o processo de escravidão: quilombos, vários pontos do País revoltas dos malês, na Bahia tentativas de organização, fugas em diversas regiões. [A abolição por interesses externos acompanhada de lutas intensas; a falta de destino do ex-escravo; a falta de preparação para sua condição de "homem livre"; o estado de desagregação em que o negro é submetido após a abolição. Todos estes pontos marcam a história do negro no Brasil.]

"Solidariedades. Mas nem tudo separava internamente essa população. Existem casos de solidariedade que atravessavam a linha de liberdade, os mais óbvios sendo as que se assentam no parentesco; mães e pais resgatam filhos, amantes e esposas se resgatam mutuamente. Mas há também alguns exemplos de libertos que ajudam membros da mesma etnia a comprarem sua alforria". Manuel Carneiro da Cunha, 1985:25).

A participação do negro é indiscutível na ori

gem e construção deste País. A questão do negro é um ponto de referência para uma avaliação da Democracia no Brasil, passando pela questão da propriedade privada, da questão das classes, das manifestações de toda sorte, explícita ou não de desigualdades não resolvidas e diferenças não respeitadas ^{4/}

Diante deste quadro histórico a luta do negro tem hoje dois eixos principais:

1. A luta política geral.

2. A luta cultural específica. Integradas por uma exigência que a natureza da questão requer. É uma luta política que passa pelo cultural.

[O africano vem de seu continente trazendo consigo uma tradição, uma história, uma cultura.

As etnias às quais pertenciam, suas línguas crioulas, cada uma delas com seu código de práticas, de significados expressos na vida do dia-a-dia. Entre esses pontos mais marcantes dos que constituem o ser africano destacamos: a sua relação de poder com os ancestrais; a dimensão de espiritualidade do negro; a relação do homem com o ser Supremo ^{5/} através de entidades que correspondem aos nomes ancestrais; as formas da transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos mais novos através da Tradição Oral; a relação com as forças da natureza; as práticas tradicionais costumeiras; o sentido de vida em co

mum; as formas de união entre o homem e a mulher; as partilhas
 à nível de igualdade e as formas de organização do trabalho.]

"O negro africano, antes de vir escravo para a América, era um ser inteiro: corpo e alma livres. Os escravistas não tinham interesse na sua alma — ou na sua cultura, se se preferir. Queriam o seu corpo. A religião, a língua, a arte, a ciência, os costumes, nada disso interessava. Como os próprios escravistas se habituaram a dizer, queriam daquele imenso continente — Billad es Sudan, Terra dos Pretos — apenas fô lego vivos". (Joel Rufino dos Santos, 1985).

Ao mesmo tempo em que o trato do negro era de escravo, o senhor sempre se interessou por incorporar na cultura do País, elementos de suas tradições africanas ^{6/}.

Todo o período vivido pelo negro na escravidão foi uma contínua busca de retorno à sua condição de liberdade e de sua Identidade Humana: o desejo de ser ^{7/}. Seja através de seus próprios elementos culturais, religiosos, seus saberes acumulados em vida e experiência antes de ser escravo. A realidade é que ele nunca aceitou a escravidão e ele sempre lutou, se organizando, ora através de busca de soluções de caráter individual com resultados mais eficazes, ou menos eficazes, mas sem perder de vista as circunstâncias de que se revestiam a estrutura escravocrata, cujas manifestações para eles se revestiam de formas muitas vezes desconhecidas e sempre adversas.

"Os estudiosos, ao invés de fazerem uma macrointerpretação da situação do negro brasileiro e compreendê-lo concretamente, através de elementos da

sua cultura, isto é, valorizando os traços culturais que sobreviveram (apesar do regime escravista e os elementos sociais que o inferiorizavam como escravo e ex-escravo), caíram em micro-análises dos aspectos de acomodação e aculturação, especialmente ao nível do estudo de traços menos relevantes como a cozinha(1) detalhes da indumentária e outros aspectos menos significativos ainda". (Clóvis Moura, 1983: 77).

3 C A N D O M B L É

"De fato temos que ter uma coisa bem clara. O catolicismo, o protestantismo de onde vêm? Da Europa. Não vem da África com os negros. Não faz parte de seu verdadeiro mundo. Não é uma mensagem de seus ancestrais, mas dos meus ancestrais: articulado, dogmatizado; numa realidade branca. Como europeu, eu me sinto muito à vontade com a palavra de Deus adaptada à minha maneira de pensar. Nós europeus racionalizamos. Não sentimos muito. Será que essa forma racionalizada, estruturada está adaptada a todas as culturas? Será que Deus quer falar a todas a mesma linguagem ou Ele se adapta à maneira de se expressar de cada povo?

Não acredito em um Deus monolítico que fala uma só linguagem.

É mais cômodo falar com um Deus que não precisa de intérprete de língua ou de cultura".

(François Marie de L'Espinay, 1982).

Padre Católico, francês, vive há 20 anos na América Latina, dos quais 11 anos na Bahia, vinculado com um terreiro de Candomblé de origem Nagô-Mogbã (Ministro de Xangô) do Ilê Axé Opô Aganjú).

3 CANDOMBLÉ

3.1 O CANDOMBLÉ

3.1.1 Considerações Gerais sobre o Candomblé

Candomblé na Bahia, Xangô em Pernambuco, Tambor em Minas e Terecô no Maranhão são designações com que se identificam a existência da Religião dos Orixás na Bahia, principalmente, e dos Voduns (como são conhecidos no Maranhão, no Haiti) e expressão religiosa dos negros aqui desembarcados no Brasil, na condição de escravos. A proveniência que mais nos interessa é o continente de onde vêm — a África Negra Sudaneses e Bantus — hoje aqui traduzidos na Bahia como Terreiros de Candomblé pertencentes às nações de Ketu, Nagô, Angola, Gêge, Igexá. Estes terreiros de Candomblé têm para nós o sentido de uma luta de resistência cultural, pela afirmação da identidade do negro no Brasil.

Os Orixás, os búzios, as árvores sagradas, as folhas sagradas, os animais, o vento, os raios, a chuva, o cair da tarde, as moedas, as cores, os sons, os ritmos, as cantigas, a água, a terra, o fogo — constituem elementos que asseguram

o fundamento e ao mesmo tempo a força que sustenta esse sistema religioso tão complexo — a religião dos Orixás aqui na Bahia ^{8/}.

Todos os elementos fundamentais do Candomblé se encontram demonstrados através dos dados oferecidos pela pesquisa.

"A religião dos Orixás está ligada à noção de família. A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O Orixá seria em princípio um ancestral divinizado, que em vida, estabeleceria vínculos que lhe garantiriam um controle sobre certas forças da natureza, com o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou então assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com os metais, ou ainda adquirindo conhecimento das plantas e de sua utilização. O poder AXÉ do ancestral — Orixá, teria após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um dos seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada".

... "A presença dessas religiões africanas no Novo Mundo é uma consequência imprevista do tráfico de escravos". (Pierre Verger, 1981).

Muitas vezes o Sociólogo recorre a percepção de teólogos, como por exemplo o texto a seguir evidencia.

"Na África não existe Candomblé, Macumba, Xangô. Existe uma religião tradicional africana que todos praticam.

Há um esforço do Governo e o esforço da Igreja de tratar de considerar a religião tradicional africana como puro folclore.

Não se trata de fetichismo, de magia,

mas de uma realidade, de uma Religião que vale tanto para o negro, quanto o catolicismo para o branco.

O Candomblé é o Catolicismo do branco. É uma questão de ponto de vista, considerar o culto como uma Religião autêntica. É uma Religião africana porque ela não foi inventada no Brasil. Vem diretamente da África trazida pelos escravos, sobretudo a partir de 1715 quando faziam o tráfico de escravos na Bahia. Chegaram todos organizados com seus sacerdotes, seus ritos, seus Orixás. Desde aí até hoje o culto se mantém exatamente o mesmo.

O Racismo e a Escravidão alteraram coisas secundárias, mas não os Fundamentos.

Certos ritos não podem se fazer sem certos elementos trazidos diretamente da África. As palhas de Omulu, por exemplo.

É bom falar de Religião Tradicional Africana, herança dos Ancestrais — Vo rubás — da Nigéria, do Dahomé, um pouco do Togo. A língua dessa região o Yorubá ainda hoje está sendo usada nos cultos de Candomblé na Bahia.

Houve escravos não só Sudaneses, mas também os bantus. Mas todas se reconhecem nos Yorubás. Exportados para Minas Gerais e Rio, perderam o contato, dispersaram-se. Daí nasceram a macumba, a umbanda, influenciadas pelo protestantismo, pelo cristianismo. Seja o Candomblé ou macumba, ou umbanda basicamente é a mesma fé. Fé em Deus e não tem o menor problema. Deus sim ou não para o africano não existe. O Deus do mundo Yorubá é o nosso mesmo, que quer se comunicar com eles numa forma, segundo a cultura deles. A referência a Deus é o de todos os restantes. Olorum — dono do além, não importa o nome. A realidade é a mesma.

O negro tem esse sangue, tem essa cultura. De ver, de sentir, de tocar. Uma idéia abstrata não convém à cultura do negro, como a uma cultura européia. O que não é uma inferioridade, mas uma



outra maneira de abordar, expressar co
nhecimento, abordar problemas e conhe
cer a realidade.

O Concreto não que dizer sem inteligên
cia.

A inteligência não é só a cabeça. Os europeus pensam assim — só cabeça é inteligência. Se conhece também pelo sentir e isso é uma riqueza e uma par
ticularidade.

O contado com a natureza era a realida
de de todos os dias. Moro em frente do
mar. Posso falar com o mar, mas o mar
não me responde. O povo africano, Yoru
bã se comunica com a natureza e tem
respostas, porque ele acredita nisso
que é a sua essência cultural. São os
conceitos europeus que querem provar
as coisas. Para o mundo africano o ho
mem existe numa família — todo o pré
sente, todo o passado, todo o futuro.
A linhagem é para eles muito importan
te. É a sua identidade viva em cada
um deles.

Os ORIXÁS

Yemanjá - o mar

Oxum - os rios

Yansã - a chuva e os ventos

Xangô - o trovão

Mas são pessoas com suas qualidades e
seus defeitos, que não só representam
uma força da natureza, mas se comuni
cam com essas forças.

Esses ancestrais que se chamam os Ori
xás, escolhem certas pessoas e vêm den
tro dela. Utilizando a personalidade
de outros, para estar no meio dos ho
mens. Presentes. Cantando, dançando,
na maneira em que o negro, gosta de se
expressar — chamar na roda, receber
os Orixás.

[O Candomblé é um mito adaptado a uma
cultura, onde o negro pode se expres
sar, onde o negro não só tem um lugar,
mas tem o seu lugar.] Ele não luta para
ter lá o seu lugar, lá é o seu lugar.
Ele é quem manda, ele é quem organiza,

ele mesmo é quem participa.

[Estamos muito longe de magia, de fetichismo, de folclore. É problema de uma realidade onde existe uma crença forte. Crença que vem de longe, de uma maneira adaptada especialmente ao mundo negro.]

De fato os ancestrais chegaram como escravos, também a Igreja achava, que trazê-los em terra cristã, era salvar esse povo pagão. Durante todo o tempo da escravidão o negro não podia celebrar o seu culto. E o faziam secretamente e quando os brancos os indagavam eles diziam: não estamos batendo tambores para os "nossos", mas para os católicos.

E assim essa tradição se guardou há 400 anos intacta no fundamento.

"Um Filho de Santo, hoje Pai de Santo, grande conhecedor da cultura Yorubã um dia disse: "Não tenho nada a ver com São Jorge, a entidade que me habita vem da África e se chama Oxossi".

Falava-se que, com o progresso e a técnica, estas culturas iam desaparecer. Não é verdade. Não é coisa de analfabeto, nem de inculto, nem de atraso. É uma Cultura, é um conhecimento próprio de um povo que a tradição oral tem a capacidade de guardar e manter.

A Igreja tenta saber o que se passa no mundo negro. Para quê? É uma falta de consideração para com um mundo que tem a sua própria cultura:

A Igreja trata com o mundo islâmico, mas não trata com o mundo negro.

A Igreja é uma realidade importante. Mas não é a única, nem o caminho único para encontrar a Deus".

(François Marie de L'Espinay, 1982).

3.2 OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

3.2.1 O que é um terreiro?

Muitos já o disseram e para nós aqui em nosso trabalho, temos a preocupação de apresentá-lo como uma das formas de ORGANIZAÇÃO DO NEGRO na Bahia, em busca da sobrevivência de seus ancestrais.

Em um Terreiro de Candomblé vamos encontrar: desde uma casa pequena, com um e dois quartos para o santo e um barracão para as festas. Um zelador de Orixás que será o Pai ou Mãe de Santo, um corpo de filhas e filhos de santo que podem viver em torno do Terreiro ou fora do Terreiro, os Ogans e as Ekedis, cujas funções serão descritas na apresentação dos dados da pesquisa.

Pode ser também um grande terreiro, com uma área imensa, muito bonita, e ali viver a Mãe ou Pai de Santo, alguns filhos ou filhas de santo e mais a parte sagrada onde se passam os rituais, casas de Orixás e Barracão. Sempre sob a coordenação de uma estrutura definida. Mãe ou Pai de Santo (Babalorixá ou Yalorixá). Mãe ou Pai Pequeno (Iyakekerê ou Babakekerê) filhas e filhos de santo, ogans e Ekedis. Estas pessoas constituem o núcleo de cada terreiro de Candomblé — são os filiados. É uma categoria diferente dos assistentes ou visitantes, clientes que vêm ao terreiro, para ver o seu destino e pedir proteção a Mãe ou Pai de Santo.

Através dos dados de pesquisa será mostrada a caracterização geral dos Terreiros.

3.2.2 Função de um Terreiro Dentro da Concepção de Mundo de Candomblé

A certa hora da noite, em qualquer dos bairros, subúrbios ou invasões da periferia de Salvador, na Bahia, você pode passar e ver uma luz e um batuque — é um pequeno Terreiro de Candomblé. Vá se aproximando pelo sentido do batuque, lá está com certeza se realizando uma Festa de Candomblé para: Oxalá, Oxum, Xangô, Nanã, Omolú ou outro Orixá. Você vai encontrar lá pessoas vestidas em roupas de gala com seus trajes típicos; é questão de honra; as rendas, os bordados, as fitas, as cores e tudo rigorosamente limpo e engomado. E se você tiver paciência de esperar, bem além do final da festa, verá essas pessoas bem modestamente, com disposição para tomar um ônibus e seguir para suas casas que podem estar em outro subúrbio. No dia seguinte, se você pudesse reencontrá-las as identificaria em sua vida normal, tomando outro ônibus, subindo ou descendo o Elevador Lacerda, indo tomar seus lugares de trabalho como vendedoras de acarajé, vendedoras ambulantes, alfaiates, marceneiros, mecânicos, pedreiros, costureiras, feirantes.

Estas pequenas casas ou Terreiros de Candomblé estão espalhadas por toda a cidade do Salvador. E o povo da Bahia vai ao Candomblé, participa do Candomblé. Algumas são escolhidas para dançar Candomblé, receber Orixá, ser Ogan, ser

Ekedi, tocar atabaque, fazer os rituais de fundamento, para os quais foi escolhido e consagrado.

Ao meu ver todos crêem. Muitos assumem, outros negam, outros vão às escondidas, mas na hora de uma dificuldade, de uma doença, de uma emergência todos recorrem — direta ou indiretamente.

Há propósitos codificados em interesse cultural, em integração cultural com o povo 9/, mas quem nasceu na Bahia, em sua grande maioria é gente de Candomblé, pois lá está o seu espaço, seu momento de IDENTIFICAÇÃO 10/.

É ali que em dia de festa, em momentos fortes de sua atuação ele realiza sua dimensão maior como pessoa, o que lhe corresponde a uma espécie de requalificação social, do ponto de vista de sua IDENTIDADE 11/.

E você pode imaginar, que, em cada uma destas Casas de Candomblé, estão tantos e tantos Filhos de Santo vivendo, trabalhando, sendo gente inserida no contexto de seus bairros, de sua rua em Salvador. Encontraremos estes dados na pesquisa em "função ritual e posição social".

Além de que no Candomblé a concepção de mundo é profundamente marcada por uma identificação com os Orixás 12/, com a Mãe ou Pai de Santo, os Irmãos de Santo. Há uma solidariedade concreta que vem da própria natureza da Religião. Todos dependem um dos outros. Todas as funções são complementa

res e têm um destino comum: a comunicação, o louvor, o agradecimento, o pedido aos Orixás. É uma visão de mundo formada pela crença e confiança no poder dos Orixás.

"A — Como pensam eles o Universo

Igual de como toda gente de fé. O Universo se divide em duas partes: o céu e a terra. Eles chamam o céu de Orun e a terra de Aiyē porque ainda conservaram os termos Yorubás. O Orun é lá onde moram todos os seres sobrenaturais. Deus, seus intermediários, as almas dos ancestrais e até o double de tudo o que existe na terra.

O Aiyē é a morada dos homens, dos animais, do reino vegetal. Céu e terra são separados, mas não tanto — uma comunicação permanente existe entre os dois. O africano dificilmente pode se considerar separado do todo.

Cada "Terreiro", cada lugar de culto reproduz essa concepção do mundo: tem sempre as suas partes, a dos vivos, a dos mortos. O morto não sai definitivamente da comunidade, num certo modo permanece e sempre precisa do acompanhamento dos vivos na longa viagem que o conduz até Deus.

B — DEUS

A religião africana o chama Olorun (O Ni Orun) o dono do Céu e consequentemente da terra.

Deus é criador e fim. Dele a gente vem, para Ele a gente vai. Deus tem em suas mãos tudo o que o homem precisa:

- . existência
- . realização da existência
- . orientação da existência".

(François Marie de L'Espinay).

Salvador - Bahia, 1982.

4 . DESCRIÇÃO GERAL DOS TERREIROS

4 DESCRIÇÃO GERAL DOS TERREIROS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS TERREIROS E SIGNIFICADO DE DADOS BÁSICOS

Aqui sô serão tratados:

- Nome
- Localização
- Orixá
- Nação.

Fundação, origem, festa principal e nº de filiados trataremos no capítulo seguinte, por sua vinculação com outras informações que lhe são mais afins.

4.1 Caracterização Geral dos terreiros de Candomblé

	Nome	Localização	Orixá	Nação	Fundação	Como Nasceu o Terreiro	Data da Festa Principal	Nos. de Filhados
001	Terreiro de Oxum	Simões Filho	Oxum	Ketu	1973	Fazendo obrigações	Dezembro - sem dia certo	15 pessoas
002	Casa de Oxossi	Ribeira	Oxossi	Ketu	1976	Depois das obrigações de 7 anos	Abril - sem dia certo	25 pessoas
003	Iê Ogum, Meiaxi Meeci Meeci	Muritiba	Ogum	Ketu	1963	Não sabe. É substituta	Abril - sem dia certo	18 pessoas
004	Terreiro do Pi, pocan	Kalabetá	Obatalayê	Ketu	1968	Depois dos meu Deixá	Julho - sem dia certo	15 filhas
005	Terreiro Ogum, Funkê	Prata Grande	Ogum	Ketu	1975	Depois das obrigações trazendo meu Orixá para casa.	Julho - sem dia certo	15 filhas
006	Terreiro Deus e as Águas	Pero Vaz	Oxum	Ketu	1970	Fazendo jogo	Janeiro - dia 03	25 pessoas
007	Terreiro de Oxalá	Paripe	Oxalá	Ketu	1975	Fazendo jogo de búzios	Janeiro - não tem dia certo	20 pessoas
008	Iê Sapoti Lotê Jagum	Platiforma	Omolu	Ketu	1979	Fazendo consultas	Julho - 1a. segunda-feira	30 pessoas
009	Terreiro Deus é mais que tudo	Cel. Serra Martins, 19	Obatalayê	Ketu	1948	Fazendo consultas	Janeiro - dia 2	05 pessoas
010	Terreiro de Panzo	Eng. Velho de Brotas	Panzo	Angola	1972	Fazendo consultas	Abril e Maio	22 pessoas
011	Casa de Sta. Bárbara	Quintas	Iansã	Ketu		Fazendo obrigações	Maior - Dia das Mães	20 pessoas
012	Terreiro de Logunçi	Fazenda Grande	Logum Edê	Ketu	1973	Fazendo reuniões com as irmãs de Santo mais velhas e fazendo Candomblé para os beges.	Dezembro - Móvel	11 p. Dir.
013	Terreiro Demko a Kenan	Ladeira do Açupe	Xangô	Angola	1971	Comoçou há 4 anos fazendo obrigações para Xangô, mas ainda não era feita. Não tinha sido Yaô.	Janeiro - não tem dia fixo	150 pessoas
014	Terreiro de Ogum Desbravador	Fazenda Grande	Ogum	Ketu	1973	Eu nem sei. De repente já estava envolvida	Julho - não tem dia fixo	32 pessoas
015	Iê D'Oxum	Pirajá	Oxum	Ketu	1971	Quando fiz obrigação de 7 anos bolou uma pessoa, aí meu disse or.: eu tinha que cuidar.	Dezembro - não tem dia fixo	22 pessoas
016	Tenda de Ogum	Pirajá	Ogum	Angola	1976	O orixá exigiu que eu começasse a recolher Yaô.	Junho - não tem dia fixo	80 pessoas
017	Terreiro de Yemanjá	Pero Vaz	Yemanjá	Ketu	1964	Logo quando foi iniciada	Julho - não tem dia fixo	16 pessoas
018	Terreiro Toni Oyá	Liberdade	Oyá	Ketu	1972	Depois que recebi meu balaio o Pai disse que eu já podia cuidar das coisas.	Dezembro - não tem dia fixo	30 pessoas
019	Tenda da Vovô (isto por eu querer inovar)	São Cactiano	Naná	Ketu	1964	Quando fiz o Santo	Julho - não tem dia fixo	15 pessoas
020	Terreiro de Ode	Coutos	Logum Edê	Congo	1973	Fazendo jogos de búzios	Setembro - não tem dia fixo	14 pessoas
021	Iê Babá Oni Salé	Almeida Brandão	Oxalá	Ketu	1971	Depois que meu pai me passou os poderes, eu recolhi meu sobrinho	Julho - não tem dia fixo	20 pessoas
022	Terreiro de Tanã	Acropórtio Alto da Itinga	Oxalá	Ketu	1970	Fazendo as obrigações do meu Anjo da Guarda	Maior - não tem dia fixo	25 pessoas
023	Terreiro de Lagidibá	Pere-Peri	Obatalayê	Ketu	1970	Fazendo consultas	Agosto - não tem dia fixo	25 pessoas
024	Onim Iê (as águas chegaram)	Uruguaí	Oxum	Ketu	1966	Depois do tempo de obrigação	Julho - dia 16	60 pessoas
025	Casa de Nanã Bororo	Paripe	Naná	Ketu	1942	A mãe fazendo as obrigações dos Orixás de seus pais	Janeiro - dia móvel	45 pessoas
026	Casa do Dono do Cégo	São Gonçalo	Oxalá	Igexá	1968	Fazendo consultas	Janeiro - dia móvel	28 pessoas
027	Mansu Mandaqueque Filho	Uruguaí	Obatalayê	Angola	1968	Fazendo consultas	Agosto - dia 16	120 pessoas
028	Terreiro de Dunga Lembé	Platiforma	Tempo	Angola	1970	Depois que fiz minha obrigação de 7 anos	Agosto - dia móvel	25 pessoas
029	Iê de Oyá Balé	Brotas	Oyá	Ketu	1970	Fazendo muitas obrigações em minha casa	Dezembro - dia móvel	25 pessoas
030	Iê Oni Ladê Adê	Itapuaí	Oxum	Ketu	1968	Meu disse que eu tinha cargo e devia começar a trabalhar	Fevereiro - dia móvel	20 pessoas
031	Casa de Oxumaré do Saloji	São Cristóvão	Oxumaré	Ketu	1969	Depois da obrigação. Fazendo consultas.	Outubro - dia móvel	30 pessoas
032	Terreiro S. João Batista	Itacaranha	Xangô	Ketu	1966	Eu fazendo a obrigação de 7 anos já tinha ordem, ganhei no bicho, comprei este terreno e fiz o meu terreiro.	Setembro - dia móvel	30 pessoas
033	Terreiro de Onin Saubé	Coutos	Oxum	Ketu	1968	Fazendo jogo de búzios	Maior	25 pessoas
034	Iê Axé Obá Saradé	Forniga	Xangô	Ketu	1970	Fazendo as obrigações	Maior	15 pessoas
035	Terreiro Odê Caxador	Pirajá	Oxossi	Ketu	1975	Fazendo consultas	Abril	20 pessoas
036	Iê Onin Sará Adê ô	Cidade Nova	Oxum	Ketu	1969	Depois que recebi a cula achiel que devia continuar	Maior	22 pessoas
037	Terreiro Ogum Faroni Jagum	Retiro	Ogum	Ketu	1966	Fazendo consultas	Julho	40 pessoas
038	Terreiro de Ode	São Cactiano	Oxossi	Ketu	1965	Comecei fazendo festas, daí me envolvi que nem senti	Junho	30 pessoas
039	Terreiro de Ogum Miré	Itapagipe	Ogum	Ketu	1966	Eu já fazia meu Candomblé. Depois que em recebi o balaio, meu pai disse que eu tinha que distribuir o Axé.	Setembro	30 pessoas

Nome	Localização	Orixá	Nação	Fundação	Como Nasceu o Terreiro	Data da Festa Principal	Nos. de Filiações
040 Terreiro Bandanquevi	Pau da Lima	Obaluaýé	Angola	1968	Depois da obrigação de 7 anos.	Agosto	26 pessoas
041 Não tem nome	Muritiba	Omolu	Não consta	1940	Não sabe. Está substituindo	Agosto	60 pessoas
042 Casa da Pedra de Arco Iris	R. da Alegria 16	Oxumaré	Angola	1965	Depois que minha mãe me passou a cuita.	Agosto - Dia 23	30 pessoas
043 De Ogum Lonã	Plataforma	Oxumaré	Ketu	1963	Fazendo jogo de búzios e ebós.	Julho	30 pessoas
044 Terreiro de Odé Omiri	Fazenda Grande	Logum Edé	Ketu	1965	Fazendo obrigações de meu Orixá em casa	Maior	30 pessoas
045 Casa de Xangô Ayá	São Caetano	Xangô	Ketu	1965	Porque tem o dever de continuar	Setembro - última 4a. feira	40 pessoas
046 Casa de Obá Lonã	Alto da Itinga. J. Tarumã	Xangô	Ketu	1970	Fazendo consultas	Julho	20 pessoas
047 Dure Jeumim	Matatu	Oxumaré	Congo	1968	Fazendo consultas	Agosto	15 pessoas
048 Casa S. Jerônimo	Sussuarana	Xangô	Ketu	1962 ou 63	Fazendo jogo	Setembro - dia 29	70 pessoas
049 Casa de Omidu de Sapetá	Escada	Yemanjá	Ketu	1942	Não sei. Sou gouro. Estou no lugar de minha mãe	Julho	25 pessoas
050 Casa de Odé	Quintas	Oxossi	Ketu	1964	Depois que fiz obrigação. Já dava minhas festas.	Julho	30 pessoas
051 Ilê Ajusun	S. Tomé de Paripe	Obaluaýé	Ketu	1968	Fazendo jogos de búzios	Setembro	50 pessoas
052 Terreiro de Mantaire	Brotas	Oxossi	Congo	1963	Depois das obrigações de 7 anos	Junho	25 pessoas
053 Terreiro da Rainha das Águas	Pirajá	Yemanjá	Ketu	1965	Depois das obrigações de ebane	Dezembro	26 pessoas
054 Ilê D'Oxum	Cabrilo	Oxum	Ketu/Angola	1975	Fazendo consultas	Dezembro	60 pessoas
055 Casa de Odé Caçador	Itacurana	Oxossi	Angola	1968	Fazendo muitas obrigações	Maior	30 pessoas
056 Terreiro de Oyá	Mata Escura	Oyá	Congo	1935	Não temos bem certeza, mas foi depois que o fundador recebeu o cargo.	Dezembro e Agosto	100 pessoas
057 Ilê Obá	Paripe	Obá	Ketu	Subst. 4o. lug.	Oyá dizer que desde os tempos dos escravos.	Dezembro	Não sabe
058 Terreiro de Sta. Bárbara	Pero Vaz - Liberdade	Oyá	Angola	1966	Deois que recebeu o Deká recolheu a Ia.	Abril - dia 29	Não sabe
059 Terreiro Ogum Mejele	Central	Ogum	Ketu	1964	Fazendo as festas de meu Anjo de Guarda	Agosto - Ia. segunda-feira	40 pessoas
060 Ilê Axé Opô Jagum	Jardim São Paulo	Obaluaýé	Ketu	1978	Fazendo jogos de búzios	Não tem dia marcado	25 pessoas
061 Terreiro Omin Ladé	Liberdade	Oxum	Ketu	1965	Fazendo consultas e ebós	Maior - dias das Mães	20 pessoas
062 Casa da Dona das Tempestades	Aratu	Iansu	Ketu	1962	Fazendo consultas	Dezembro	30 pessoas
063 Terreiro do Dono das Mares	Liberdade	Yemanjá	Angola	1965	Depois que o pai morreu, continua	Dezembro - 18	20 pessoas
064 Tira Teina	Engenho Velho	Obaluaýé	Ketu/Angola	20	O santo fazendo caridade com o povo	Maior - dia móvel	28 pessoas
065 Ilê Igi Kelé	Liberdade	Xangô	Congo	N. tem regist.	Necessidade dos negros cuidarem dos Orixás	Junho - dia móvel	Não sabe
066 Ilê Pi pocan	Liberdade	Obaluaýé	Ketu	1960	Fazendo as muitas obrigações	Agosto - dia móvel	40 pessoas
067 Orunilá	Ribeira	Oxum	Ketu	1963	Fazendo jogos de búzios	Novembro - dia móvel	20 pessoas
068 Ilê Ogum Faraci	Retiro	Oxossi	Congo/Ketu	1960	Fazendo jogos de búzios	Setembro	25 pessoas
069 Ilê Omilleuna	Bom Gôsto	Oxum	Ketu	1952	Fazendo consultas	Agosto - 17	18 pessoas
070 Terreiro de Oxossi Mataleci	Engenho Velho	Oxossi	Angola	1960	Fazendo giro pros caboclos	Dezembro - final	25 pessoas
071 Vila Flaviana	Paripe	Xangô	Ketu	1945	Para pagar uma promessa da fundadora	Abril	28 pessoas
072 Ilê Omilleuna	Paripe	Oxum	Ketu	Não sabe	Depois das obrigações de Ebome bolou a Ia. filha	Não tem dia certo	Não sabe
073 Terreiro de Babá Deyi	Brotas	Oxalá	Ketu	1958	Fazendo jogos	Julho	30 pessoas
074 Terreiro de Lumim Foman Babá	Cidade Nova	Oxalá	Ketu	1960	Comecei a recolher yaô depois que me aposentei	Janeiro	30 pessoas
075 Sociedade São Jorge	Praia Grande	Oxossi	Ketu	1964	Achei que estava ficando fraco de Axé	Janeiro	30 pessoas
076 Terreiro Maclado de Agarpe	Cidade Nova	Xangô	Ketu	1957	O jogo disse que eu ia substituir minha mãe	Julho	35 pessoas
077 Terreiro São Judas Tadeu	Contas	Xangô	Ketu	Não sabe	Depois que minha mãe morreu achei que não podia parar	Setembro	30 pessoas
078 Casa de Obaluaýé	Liberdade	Obaluaýé	Angola	1960	Fazendo jogo de búzios	Setembro	30 pessoas
079 Terreiro Pedra do Raio	Pero Vaz	Oyá	Ketu	22 anos	Fazendo jogo de búzios	Agosto - dia 16	26 pessoas
080 Axé Furum	Fazenda Grande	Besseira Oxalá	Ketu	1956	Fazendo consultas	Dezembro	30 pessoas
081 Terreiro Forja de Ogum	Paripe	Ogum	Ketu	1960	Depois que recebi o balaio, foi virando um Terreiro	Janeiro	13 pessoas
082 Casa de Obaluaýé	Engenho Velho	Yemanjá	Ketu	1963	Depois que fiz a obrigação de minha filha em casa	Junho	40 pessoas
083 Ilê Logum Jum Buá ré	Paripe	Logum Edé	Ketu	1956	Começou escondido.	Fevereiro	30 pessoas
084 Terreiro do Rei dos Juraós	Formiga	Oxum	Ketu	1953	Depois que minha mãe morreu	Agosto	30 pessoas
085 Terreiro Falemim	Fazenda Grande	Oxum	Ketu	1953	Fazendo consultas para o povo	Maior - últ. 6a. feira	40 pessoas
086 Sociedade de Sto. Antônio de Categiô	Retiro	Tempo	Angola	1940	Meu pai me deu direitos de transmitir Axé	Maior	50 pessoas
087 Saburoquê	Caixa D'água	Oxalá	Ketu	1952	Depois que meu pai morreu fiz o meu Candomblé	Junho - Julho	30 pessoas
088 Terreiro Senhor do Bonfim					Fazendo obrigações	Agosto	15 pessoas
090					Quando raspei santo aqui na minha casa	Janeiro	40 pessoas

Nome	Localização	Orixá	Nação	Fundação	Como Nasceu o Terreiro	Data da Festa Principal	Nos. de Filhados
11 Terreiro de Ogum	Plataforma	Ogum	Ketu	1954	Fazendo jogos e minhas obrigações	Junho	60 pessoas
12 Terreiro de Marieta	Pernambúts	Yemanjá	Angola	1953	Meu Pai me deu o Deká, veio aqui a minha casa	Maió	40 pessoas
13 Casa de Mariane	Curuzi	Ogum	Angola	1952	Depois que meu pai morreu	Junho	25 pessoas
14 Filho de Jabí	Pau Miúdo	Eva		1951	Depois que minha mãe me deu a cuica	Outubro	40 pessoas
15 Terreiro de Xangô Oluadi Ogodó	Pau da Lima	Xangô	Gêge	1950	Depois das obrigações tinha que dividir meu axé	Outubro	35 pessoas
16 Terreiro Ogum de Renda	São Cristóvão	Ogum	Angola	1970	Fazendo coisas para os outros	Agosto	20 pessoas
17 Casa de Omolu	Cosme de Partas	Omolu	Ketu	1960	Oficiando para os outros	Agosto	30 pessoas
18 Ilé Oni Fã vin Ó	Cidade Nova	Oxum	Ketu	1953	Depois da obrigação de 7 anos	Maió - 1º domingo	30 pessoas
19 Terreiro Nanã Borecô	Favela Liberdade	Naná	Ketu	1959	Depois da obrigação de 7 anos	Julho	27 pessoas
20 Terreiro Que Jerr	Fazenda Grande	Oxumaré	Ketu	1953	Fazendo jogo de búzios. Depois recubi a cuia	Agosto	40 pessoas
21 Terreiro de Baudoqueque Onin	Marotinho	Oxum	Angola	1950	Depois que o sr. Bandanguare me deu a cuia dos poderes	Julho	40 pessoas
22 Terreiro de Ogum	Liberdade	Oxalá	Ketu	1929	Exe fazendo das dñle	Julho	15 pessoas
23 Ilé Lenyê Tonni Bocun	Liberdade	Iansã	Ketu	Não sabe	Fazendo jogos	Fevereiro	15 pessoas
24 Ilé Yá Taladé Oni	Engenho Velho	Yemanjá	Ketu	1950	Fazendo jogos	Maió	40 pessoas
25 Sociedade Filhos de S. Jerônimo	Valéria	Oxumaré	Ketu	1949	Depois que me preparei no fundamento	Maió	40 pessoas
26 Ilé Adé Oyá Fanisé	Ribeira	Oyá	Ketu	1951	Fazendo obrigações ia aparecendo gente	Setembro	60 pessoas
27 Terreiro de Ogum Xatiboré	Liberdade	Ogum	Ketu	1975	Fazendo obrigações de 7 anos	Dezembro	40 pessoas
28 Ilé Casulandé	São Caetano	Obaluaýé	Gongo	1949	Dando axé aos Orixás de meus parentes	Setembro	25 pessoas
29 Terreiro de Oxum	Liberdade	Oxum	Ketu	1955	Fazendo jogo de búzios	Dezembro	16 pessoas
30 Sociedade S. Benedito	Plataforma	Ossum	Ketu	1946	Fazendo consultas e ebós	Agosto	40 pessoas
31 Ilé Axé Oni Dankro	Central	Oxalá	Ketu	1955	Fazendo consultas	Agosto	45 pessoas
32 Terreiro de Proteção de S. Bartolomeu	Bom Juá	Oxumaré	Ketu	1949	Fazendo jogos	Agosto	40 pessoas
33 Terreiro de Yá Ogunté	Bom Juá	Yemanjá	Ketu	1949	Fazendo jogos de búzios	Maió	60 pessoas
34 Ilé Babá Tolá	Quintas	Oxalá	Ketu	1949	Meu pai era antigo e disse que eu tinha que continuar o que eu aprendi	Janeiro	40 pessoas
35 Terreiro do Iajédo	Susuarana	Iansã	Ketu	Não sabe	Iansã designou por búzios que eu devia substituir	Maió	60 pessoas
36 Ilé Yá Okum	Paripe	Yemanjá	Ketu	1945	Fiz as obrigações gostava e gosto. Comecei a jogar	Maió	60 pessoas
37 Terreiro Ajagume	Calabeté	Ogum	Ketu	1944	Gosto da Seita. Tinha cargo. Os orixás me ajudando	Outubro	60 pessoas
38 Terreiro de Iansã	Liberdade	Iansã	Ketu	1948	Por ordem do Babalorixá antes da obrigação de 7 anos	Dezembro/Agosto	45 pessoas
39 Terreiro Tubansí	Pero Vaz	Xangô	Angola/Ketu	1943	Consejou com Iyá Ma. Arcanjá fazendo jogos	Não tem data fixa	28 pessoas
40 Terreiro de Xangô	Liberdade	Xangô	Ketu	1942	Depois da obrigação de Eibame	Outubro e Junho	60 pessoas
41 Bacia de Yé Yé 6 "Estrela do Oriente"	Liberdade Curuzi	Oxum	Ketu	1942	Fazendo as obrigações do meu Orixá	Dezembro	25 pessoas
42 Centro Espiritista Senhor do Bonfim	Brotas	Oxalá	Gêge/Xangô	1929	Candoublé em Angola e Sessão de Cabóclo	Setembro	Não sabe
43 Casa São Jerônimo	Engenho Velho	Xangô	Ketu	1933	Depois que fiz obrigação de 7 anos	Setembro	Não sabe
44 Dau Obá Ibó	Muritiba	Oxumaré	Gêge/Maior	1940	Pessoas Amigas Virtuais aqui	Não tem data fixa	109 pessoas
45 Terreiro de Cagundé	Fazenda Grande	Tempo	Gongo	1949	Eu substituir a velha	Agosto	Não sabe
46 Ilé Sapeté Conté Jagum							

NOTA:

Autodenominação dos Terreiros.

- ilê
- terreiro
- casa
- sociedade
- axé
- tendas
- outros.

TENDA	AXÉ	ILÊ	TERREIRO	CASA	SOCIEDADE	OUTROS	TOTAL
01	01	28	59	20	04	13	126

Ilê e Axé são denominações de origem Yorubana.

"Ilê" significa "casa", enquanto que "Axé" significa "força".

Por conseguinte, as palavras "Ilê" e "Casa"; "Axé" e "força" têm o mesmo significado, em idiomas diferentes.

E "Sociedade" e "Tendas", são denominações modernas, com objetivo de inovar, e sem nenhuma explicação em termos de fundamento de Candomblê.

(Aylton Raimundo Batista dos Santos Faromé).

4.2 SIGNIFICADO DE DADOS BÁSICOS QUE CARACTERIZAM O TERREIRO

4.2.1 Os nomes dos Terreiros

Os nomes dos Terreiros hoje existentes na Cidade de Salvador, na Bahia, mostram claramente dois aspectos muito importantes da realidade dos negros africanos no Brasil: de um lado, uma luta de resistência para guardar a tradição de seus ancestrais ao longo de quatro séculos, em condições de opressão; de outro lado, as condições em que se davam essa resistência fora da terra de origem, a África, onde, desde o nascimento, a criança é educada para guardar as marcas culturais de suas etnias^{1/}. Aqui só havia um recurso: a memória a ser preservada pela Tradição Oral, numa resistência às imposições do colonialismo.

Por essas razões os nomes dos Terreiros, e muito provavelmente as suas práticas religiosas sofrem alterações, sem contudo perder a autenticidade dos fundamentos que asseguram as relações com o ser supremo e seus intermediários: que são os Orixás.

"Na verdade as importações da Bahia eram motivadas por valores étnicos e religiosos, estes sustentando, aliás, aqueles. A Religião dos Orixás foi um sustentáculo poderoso da identidade primeiro nagô, africana no Brasil. Pa-receria que não houve, senão em último caso, substituição dos ingredientes rituais dos cultos por equivalentes brasileiros. Pelo contrário, os objetos

africanos, desde os mais seculares, pela sua mera origem parece ter adquirido uma virtude que os qualificava para o culto. "Manuela Carneiro da Cunha, 85. Ver Beatriz G. Dantas, 1982".

Significados de Nomes de Terreiros

Os significados encontrados em sua maioria estão simplesmente na memória de seus fundadores e/ou continuadores.

Pela natureza da forma como esses conhecimentos são transmitidos dentro do Candomblé, muitas expressões vão se tornando mais distantes e difíceis para uma explicação. A linguagem é uma das grandes limitações: eram povos de diferentes regiões, de distintos grupos étnicos, reinos os mais diversos, cada grupo ou região com idiomas e dialetos próprios. Aqui se reúnem em torno de um sistema religioso comum. E os cultos são todos celebrados em língua africana. Era difícil aprender e guardar o conhecimento de significados complexos em uma língua, que muitas vezes nem era a sua e só podiam aprender na própria prática. Os cultos ainda são hoje celebrados em língua africana. Os terreiros têm nomes africanos, de diferentes nações: Ketu, Nagô, Angola, Gêge, Ijexá.

Alguns dos Babalorixãs ou Yalorixãs dos Terreiros ouvidos, conhecem a história, o significado dos nomes de seus Terreiros e os transcrevemos.

Significado do nome de alguns Terreiros pesquisados, segundo informações dos próprios Babalorixás e Yalorixás destes Terreiros:

Terreiro de Oxum — Casa do Orixá Oxum, feminino das águas da fertilidade e beleza.

Terreiro de Oxossi — Casa do Orixá Oxossi, masculino e patrono da caça, o mesmo que Odé.

Terreiro Ogun Funque — Casa de Ogun Funque, que vem a ser o seguro de si, que confia em sua força e coragem.

Ilê D'Oxum — Casa do Orixá Oxum.

Terreiro de Yemanjá — Casa do Orixá Mãe das Águas e também foi governadora de certo território africano.

Terreiro Toni Oyá — Casa completamente do Oyá Orisá, feminino, princesa real a quem foi dedicado o Rio Niger, controla os mortos, é prima e foi esposa de Sangô, grande guerreira e no Brasil é conhecida como Iansã.

Terreiro de Odé — Terreiro do Caçador, o mesmo que Oxossi.

Terreiro de Taná — Casa que acendeu a luz.

Ilê Baba Omim Salé — Casa do Pai que deixa as águas correr.

Terreiro Lagdiba — Casa das contas de sementes

pretas.

Ilé Oyá Balé — Casa da controladora dos mortos.

Casa de Naná Barocô — Casa do Orixá Mãe de Oba
luayê.

Ilé Omin de O — As águas chegaram.

Ilé Omin Ladê a De — Casa das águas fortes me
cobrem.

Casa de Oxumaré — Casa do Orixá que representa
a ligação do Céu e a Terra e é masculino neste aspecto.

Terreiro de Min Sande — Terreiro das águas que
fazem acordo.

Ilé Axé Obá Sara Le — Casa da força do reímais
velho.

Terreiro Omin Sinayio — Terreiro das águas che
gam para a felecidade.

Terreiro Faromi Jagun — Terreiro Ogum que rev
ve a Guerra.

Ilé Omin Sará Adé O — Casa das águas que dei
xam a coroa.

Terreiro de Odé Omin Dena — Terreiro do caça
dor de Armadilha nas águas.

Casa de Obá Lana — Casa do Rei que abre estradas.

Ilé Ajasun — Casa do vitorioso.

Terreiro Omin Ladê — Terreiro das Águas Verdes.

Ilé Axé Opó Jagun — Casa da força do pilar de Jagun.

Ilé Efon — Casa da Nação Efon.

Terreiro de Yá Ogum Té — Terreiro de Mãe que se quer ser respeitada.

Ilé Yá Akun — Casa da Mãe do mar.

Terreiro de Ajaguna — Casa do Guerreiro.

Dam Obá Ibó — Serpente rei das matas.

"Os nomes dos terreiros correspondem geralmente a nomes africanos de diferentes nações, nome de Orixá dono da Casa (cada terreiro pertence a um Orixá) — Por exemplo: Ilé, Axé Opó Agangu — é uma casa de Xangô Agangu.

O Orixá da Mãe ou Pai de Santo não é necessariamente o Orixá dono do Terreiro. Esses nomes dos Terreiros de Candoblê que podem ser Ilé Axé, Terreiro, Casa, Tenda e muitas vezes nomes africanos com possíveis imprecisões de escrita, indefinição de significados mais literais, nos guardam marcas das raízes profundas das origens".

Aylton Raimundo Batista dos Santos Faromi, 1985.

4.2.2 Localização

Os Terreiros que selecionamos para nosso trabalho de pesquisa correspondem a "Casas" pequenas, filhas das "Casas" mais antigas, e que estão situadas em bairros representativos da população Negra.

Para melhor situar a idéia desses bairros, os assinalamos em um mapa da Cidade do Salvador, o que evidencia sua posição na periferia da Cidade, e são bairros com tradição negra.

Algumas palavras a respeito de dois desses bairros tradicionais de Salvador:

Liberdade — Antiga Estrada das Bocadas, tenda do Coronel Pombo. Tornou-se conhecida por ser o caminho que passou as tropas libertadoras de Pirajá. Bairro periférico onde há maior concentração de negros e é considerado um bairro negro por razões históricas.

Curuzu — Transversal da Liberdade, começou com uma pequena vila operária e a invasão da beira do Dique na Rua do Progresso, é também onde nasceu o primeiro Bloco Afro: O Ilê Ayê, sociedade criada há doze anos, atualmente com um quadro de 3.000 negros. Os Blocos Afros fazem parte, hoje das organizações negras que constituem o Movimento Negro no Brasil.

"A localização dos Terreiros por motivo de perseguição policial e interdição religiosa eram situadas em zonas

urbanas, para que o bater dos tambores não dessem sinal de que estava existin do uma festa. Os mais antigos se conservam nesses lugares, e hoje, novos Terreiros já são abertos em bairros conhecidos, em lugares de fácil acesso. A liberação dos Candomblés na Bahia se deu no ano de 1975".

Aylton Raimundo Batista dos Santos Fa
romi, 1985.

4.2.3 Orixás - Patronos

Para conhecer em profundidade o perfil de cada Orixá e situá-los em sua origem africana: procedência (lugar da África onde é cultuado ou reino de onde provém) arquétipo, história, cerimônias específicas, enfim, tudo o que define e caracteriza o Orixá da África e Novo Mundo, além de outros autores, o trabalho mais completo e mais recente de que temos conhecimento, encontra-se em: Orixás: Deuses Yorubás na África e no Novo Mundo. Verger, Pierre Fatumbi, Editora Corrupio, Salvador-Bahia, 1981 (páginas 17 a 35).

"Dos Terreiros pesquisados buscamos o ORIXÁ patrono (dono da Casa ou do Terreiro). Encontramos 17 (dezessete Casas de Oxum, entidade feminina, uma das mulheres de Xangô, a dona das águas doces, a representante da feminilidade, da beleza, da vaidade, sua saudação conhecida é Ora Vê Vê ô! A seguir encontramos 16 Casas de Obaluayê Omolu a entidade que corresponde às doenças (uma das razões pelas quais as pessoas declaram recorrer ao Candomblé para curar doenças). Em terceiro lugar vem Ogum com 15 Casas, o Orixá que abre os caminhos, é guerreiro, trabalha com ferro; a forja é um símbolo de fortaleza. Seguem Xangô e Oxalá em igualdade de números - 11 Casas de Oxa

lã e 11 Casas de Xangô. Yemanjá com 9 Casas e Yansã com 8, são os números de Orixás mais significativos. O que corresponde à realidade de Orixás mais conhecidos e mais expressivos nos Terreiros da Cidade do Salvador, Oxalá é o Pai de todos os Orixás. Yemanjá a Mãe, Xangô é o Orixá da justiça, da força, do trovão, Orixá forte e muito conhecido e cultuado". (Aylton Raimundo Batista dos Santos - Faromi 1985).

ORIXÁS — Patronos dos Terreiros Pesquisados (donos de Casa)

ORIXÁ	Nº DE COMUNIDADES DE CANDOMBLÉS	%
Ogum	17	14,8
Oxum	16	13,9
Obaluayê	12	10,4
Oxalá	10	8,7
Yemanjá	9	7,8
Xangô	9	7,8
Oxossi	8	7,0
Oxumaré	6	5,2
Oyá	5	4,4
Logum Edê	4	3,5
Onulu	4	3,5
Yansã	3	2,6
Xangô	2	1,7
Tempo	2	1,7
Nanã	2	1,7
Ossanhe	2	1,7
Panzo	1	0,9
Bessin e Oxalá	1	0,9
Oxaguiã	1	0,9
Eua	1	0,9
Não declarados	11	8,7
TOTAIS	126	100,0

Predominância de Orixás eleitos como Patronos em diferentes décadas — ORIXÁS/DÉCADAS

ORIXÁS	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-79	TOTAL
Euá	-	-	-	-	01	-	-	01
Tempo	-	-	-	-	01	-	01	02
Oxalá	-	02	-	02	01	03	03	11
Xangô	-	-	01	01	01	05	03	11
Oyá (Yansã)	-	-	01	01	02	02	02	08
Ogum	-	-	-	02	03	06	04	15
Oxum	-	-	-	01	05	07	04	17
Oxumaré	-	-	-	03	01	03	-	07
Yemanjá	-	-	-	03	02	04	-	09
Oxossi	-	-	-	01	01	04	02	08
Obaluayê	-	-	-	03	01	09	03	16
Nanã	-	-	-	01	01	-	-	02
Ossãe	-	-	-	01	01	-	-	02
Obá	-	-	-	-	-	-	-	-
Euá	-	-	-	-	-	-	-	-
Jogum Edé	-	-	-	-	01	-	02	03
Iroko	-	-	-	-	-	01	-	01
Bessin e Oxalá	-	-	-	-	-	01	-	01
Panzo	-	-	-	-	-	-	01	01
Não declarados	-	-	-	-	-	-	-	11
TOTAL	0	02	02	19	22	45	25	126
PORCENTAGEM	0	1,7	1,7	16,5	19,1	39,1	21,7	100

Na realidade não encontramos uma explicação de "fundamento" como se diz em Candomblé para a predominância de certos Orixás como patronos de Terreiros. Os de maior frequência são: Oxum, Obaluayê, Ogum, Xangô, Iansã, Yemanjá e Oxossi. Há, no entanto, uma coincidência do conhecimento que temos da ligação dos adeptos da Religião com estes Orixás pelas suas características e os benefícios que eles oferecem quando solicitados: Oxum é o Orixá da maternidade, da feminilidade, do ouro, da beleza. Obaluayê é o Orixá da saúde, que cura as doenças de caráter mais grave. Ogum é o guerreiro, o forjador de ferro. Xangô é o Rei da Justiça. Iansã, a deusa dos raios, dos ventos, dos trovões. Yemanjá a Rainha do Mar, alia docilidade e força que acalma as tempestades. Oxum é o Caçador. É toda uma simbologia que representa os ideais e a realidade da vida.

4.2.4 Nações a que Pertencem os Terreiros

Nações — Reconhecemos como uma das limitações da pesquisa e seleção do universo, que não prejudicou em absoluto o conjunto do trabalho, face ao nosso objetivo principal: afirmação do Candomblé como uma das manifestações de identidade cultural do Negro no Brasil.

Relativamente ao item Nação a que pertencem os Terreiros de Candomblé, pesquisadores obtiveram os seguintes resultados:

- de 126 Terreiros ouvidos através de seus Bába

lorixás ou Yalorixás, obtivemos as seguintes informações:

NAÇÃO	Nº	PERCENTUAL (%)
Ketu	116	70,5
Ketu Angola	4	2,6
Ketu Igexá	2	1,3
Angola	18	11,5
Angola/Ketu	2	1,3
Igexá	1	0,6
Nagô	1	0,6
Ketu/Nagô	1	0,6
Gêge	2	1,3
Congo	7	4,5
Gêge Marin	1	0,6
Cango/Ketu	1	0,6
Sem resposta	6	4,0
TOTAL	156	100

A predominância dos Terreiros na Nação de Ketu não absolutizam a afirmação de uma realidade para a Cidade do Salvador.

Se por um lado, não nos propusemos a ouvir so mente Terreiros da Nação de Ketu, os contatos de uma casa para outra, nos levavam a seguir informações de existência de ou

tras casas que provavelmente seriam da mesma Nação. A amostra não foi dirigida. Surgia uma casa aqui, outra acolá, um informante indicava outro, batíamos em portas diferentes. Ouvíamos a Nação a que correspondesse a casa onde chegávamos. Só que ressalvamos haver seguido uma linha de informações cuja tendência nos levaria a seguir um caminho que nos levava mais em direção às Casas de Ketu. A existência de outras Nações atestam o quanto nossa posição não era determinada numa só direção. A falha foi ouvir de um informante da Nação de Ketu, a indicação de uma Casa Irmã. Isto nos satisfazia enquanto é a Nação a que pertencemos e podíamos constatar a nossa sobrevivência. Mas respeitamos e valorizamos todas as outras Nações, no sentido de que a prática religiosa do Candomblé se fazia desde os primeiros anos da escravidão e os Yorubanos, em torno do qual a Religião dos Orixás se organizou mais sistematicamente, só se deu em 1831, e a base fundamental era identidade comum que se expressava no peito de ser africano — sua concepção de mundo, de relacionamento com o sobrenatural, as formas societárias de organização que transcendiam o simplesmente religioso, mas era toda uma forma de resistência para manter um sistema cultural negro.

Algumas Palavras sobre Nações mais Conhecidas, a que Pertencem os Terreiros na Bahia

Essas informações foram recolhidas entre os próprios informantes em meio às declarações sobre identificação

do Terreiro.

YORUBÁS — Vindas do Golfo de Guiné possuíam dialeto próprios e exerceram grande influência nos demais grupos.

EGBÁS — Grupos vizinhos aos Yorubanos, eram muito inteligentes.

"Os negros Nagôs ou Yorubanos possuem uma verdadeira mitologia já bem complexa, com divinização dos elementos naturais e fenômenos meteorológicos".

Nina Rodrigues

GÊGES — Oriundos da Região de Porto Novo, eram ótimos agricultores.

DAHOMÉYANOS — Originados da Província de Dahomey, era dos africanos que tinham a pele mais clara.

USSAS ou **HAUSSÁS** — Negros muito fortes e organizados que em 1807 executaram a rebelião de nome: Levante dos Ussás.

MINAS — Também conhecidos como Agoins, originados do Território do Popô.

ANGOLAS — Chegaram ao Brasil em grande número e eram chamados de capadócios e capoeiras, gostavam de se diferenciar dos outros, usando uma argola na orelha direita.

TAPAS — Originados de povoações de Ilesa e Ifé

falavam língua semelhante a dos Yorubás.

KRUMANS — Eram considerados "grosseiros", pois praticavam abertamente o fetichismo.

TIMINIS — Oriundo da Serra Leoa e suas vizinhanças. Falavam em dialeto que tinha o mesmo nome, embora semelhante ao Yorubá, porém mais pobre em vocabulário.

GALINHA — Oriundos da Costa da Pimenta da Guiné Superior, eram tidos como maus escravos por serem muito ativos e pouco submissos.

4.3 OS TERREIROS EM SI

4.3.1 Composição racial

4.3.2 A Mulher e o Candomblé

4.3.3 Nível de escolaridade

4.3.4 Ocupação Profissional

4.3.5 Tempo de Orixá

4.3.6 Distribuição dos agentes rituais segundo sua posição social.

4.3.1 Composição racial das pessoas que participam do Candomblé

Com este item temos o objetivo de melhor classifi

ficar e evidenciar nosso propósito maior com este trabalho: A Busca de Traços de Identidade e Solidariedade do Negro Africa no através de seus núcleos de resistência.

Descendente de africano, escravo, ex-escravo, trabalhador livre não qualificado, são características que de terminaram o passado e marcam o presente do negro Brasileiro hoje. Ao lado dessas determinações sociais convivendo com elas ao longo de toda a sua existência, as marcas de sua identidade étnica e cultural, sobrevivem hoje, nos Blocos Afros, nos Afo xés, nos Candomblés e outros núcleos de resistência: cultural, religiosa ou política.

Privilegiamos o Candomblé, por considerarmos um núcleo de identidade do Negro, onde ele se encontra mais forte, mais inteiro, mais senhor de si mesmo de forma mais duradoura, vivendo uma prática religiosa. Preocupou-nos situar a estrutu ra interna do Candomblé no contexto da Sociedade Nacional, pa ra isto buscamos: as profissões destas pessoas; a sua composi ção racial; suas posições rituais. Em todas as posições rituais a MAIORIA das pessoas é NEGRA, o que nos permitiu uma inter-re lação entre situação ritual, posição social e composição racial.

A MAIORIA das pessoas que frequentam o Candom blé também são NEGRAS. E perguntamos por quê? As respostas vão ser transcritas textualmente, pela sua importância.

As pessoas que frequentam o Candomblé são na sua maioria brancas ou negras? Por quê?

De cento e vinte e seis respostas a esta pergunta, cento e dezoito responderam: NEGRAS. Disseram por quê? A estas respostas agrupamos de acordo com certos elementos que as caracterizam.

Descendentes de Africanos:

- "Deve ser quem tem sangue negro. Descendente de Africano".

- "Quem faz o Candomblé é o negro porque tem sangue de Africano".

- "Porque aqui é casa de negro, deve ser e também os Orixás serem Africanos".

Vem de família de escravos:

- "Deve ser por ser gente que tem família de escravo".

- "É gente que é de RESMA mesmo, gente que teve parente escravo".

- "Porque é o pessoal que tem sangue de escravo, que trouxe o Candomblé".

- "Por ser gente de herança de sangue escravo".

Questão de Origem:

- "É questão de coisa de origem".
- "São da minha cor".
- "Vem os anos: mas o Candomblé é de gente escura".

Questão de cor, religião de gente negra:

- "Deve ser por ser da minha cor e são nós mesmos os herdeiros dos Orixás Negros".
- "É o negro que tem Ginga".
- "Acho que é por ser igual a mim".
- "Deve ser porque tem mais afinidades".
- "Porque acho que toda pessoa que tem Orixá tem sangue negro".
- "É porque tem sangue dos negros".
- "É o pessoal do meu meio".
- "Questão, penso eu, de identificação".
- "É quem é do Axé".
- "O Axé mesmo, quem segura é o negro".
- "Vem mais negros porque são da Seita".

- "Nem sei. É porque a gente que tem Orixá mesmo sem rodar".
- "São os donos da Seita".
- "Eu tenho a impressão que é porque tem raiz de Orixá".
- "Deve ser por herança".
- "Quem tem Orixá de família".
- "Deve ser por herança e porque queira ou não queira".
- "Quem sabe e quem manda no Candomblé são os negros".
- "Dão gente que tem a coisa no sangue".
- "É quem dá mesmo prá coisa e aguenta ficar de noite e no outro dia ir ganhar o pão".
- "Por ser do cordão".
- "Deve ser pela mesma RESMA de família. O sangue puxa".
- "Vem mais negros prá ficar. Agora para jogos e festas vem muito branco".

Das 126 (cento e vinte e seis) Casas que responderam a este item, 118 (cento e dezoito) declararam que a maio

ria é Negra e 07 (sete) não responderam explicitamente, transcrevemos suas respostas na íntegra:

- Vem de todas as cores.
- Não faço idéia
- Brancos e negros. Prá consulta branco. Prá ficar, negros.
- vem os dois.
- Brancos e negros. Os dois vem, mas os negros são os que sabem fazer as coisas.
- Isto é meio difícil de dizer, porque os brancos vêm muito para EBÓS e jogos. E negros para obrigações de Fundamentos.
- Os brancos vêm muito. Mas prá ficar mesmo é o negro.
- Uma pessoa não respondeu.

As respostas destas 07 (sete) pessoas não negam a participação do negro como maioria, nem tão pouco afirmam, deixam uma tendência... "brancos prá consulta, negro prá ficar". "Brancos e negros". "Os dois vêm, mas os negros são os que sabem fazer as coisas". "Negros vêm para Obrigações de Fundamentos".

QUADRO SÍNTESE

NÚMERO DE PESSOAS	COMPOSIÇÃO RITUAL	COMPOSIÇÃO RACIAL	
		BRANCOS	NEGROS
294	EKEDIS	62	232
273	OGANS	92	181
3.595	FILHOS (AS) DE SANTO	333	3.262

NOTA: Estes dados foram encontrados através de respostas de BABALORIXÁS ou YALORIXÁS, das 156 (cento e cinquenta e seis) Casas que entrevistamos, através de questionários. Para maior clareza nossa, optamos por uma classificação racial definida por dois elementos: BRANCOS e NEGROS.

4.3.2 A mulher e o Candomblé

Os resultados obtidos na pesquisa, se tomarmos como ponto de referência os Babalorixás e as Yalorixás, vamos encontrar uma predominância de mulheres nos Terreiros de Candomblé em Salvador na Bahia.

De 126 Terreiros ouvidos:

31% são Babalorixás — Homens.

69% são Yalorixás — Mulheres

A mulher no mundo do Candomblé e a mulher negra na Sociedade Nacional

O mundo do trabalho, a família e o Candomblé

constituem para a mulher negra a unificação do seu mundo pró
prio. Como esposa e mãe ela exerce toda uma prática educativa.
Ela vincula os filhos a esse mundo dela. Ela estabelece uma di
visão entre a educação do mundo lá fora, da sociedade maior e
a prática de vida que ela vive em sua realidade pessoal, fami
liar, transmitindo valores, costumes, maneira de viver essen
cialmente advindos do mundo dos seus ancestrais.

O tempo que ela determina para ela ser uma pes
soa do Candomblé, faz parte de sua tarefa como mulher negra e
guardiã das tradições de sua cultura, de sua raça, o que ela
transmite a seus filhos na vida do dia-a-dia em casa. É um con
junto de tradições, que constituem a sua própria identidade,
passado numa prática educativa de casa. Esse papel cabe à mu
lher na família negra. A mulher tem um papel primordial na pre
paração dos filhos e na reelaboração e preservação dos valores
junto às novas gerações. Quando na família homem e mulher fa
zem parte da mesma religião — o Candomblé — só um dos dois
pode exercer uma prática mais efetiva, como participante.]

A mulher negra que trabalha fora, acarretada
por uma dupla jornada de trabalho: o emprego fora de casa, on
de por seu nível de preparação ela nem sempre pode dispor de
um horário regular, e o trabalho de sua casa, os filhos, o ma
rido, as marmitas para o dia seguinte. A saída da mulher pobre
de sua casa leva ao abandono de certas tarefas que por sua si
tuação de pobreza e marginalidade ela é obrigada a cumprir so
zinha. Isso passa pela questão da classe. Para mulher de clas

se subalterna trabalhar fora não significa, libertação, igualdade de condições na sociedade, nem conquista de um espaço rumo à sua maior liberdade como mulher.

[Na sociedade nacional ela é mais vítima da opressão que o homem. No mundo do Candomblé ela vive a plenitude de suas potencialidades e competências.]

4.3.3 Nível de Escolaridade

Nosso objetivo com este item é situar a posição das pessoas de Candomblé face aos níveis do ensino oficial. Seleccionamos quatro categorias dentro da Hierarquia do Candomblé, para levantar o nível de escolaridade médio de um Terreiro.

As 4 (quatro) categorias selecionadas são:

- Babalorixás ou Yalorixás (Pais e Mães de Santo);

- Filhos e Filhas de Santo;

- Mogbas e/ou Ogans;

- Ekedis.

Estes dados nos levam a algumas considerações:

- No Candomblé não há uma notável diferença entre nível de escolaridade do homem e da mulher.

- Os mais velhos apresentam um nível de escolaridade menor que os mais jovens.

- Os mais moços estão situados no nível de 1º grau — Filhos e Filhas de Santo, Ekedis e Ogans.

- Entre os Pais e Mães de Santo de um total de 126 — 6 (seis) são analfabetos; 20 (vinte) são semi-analfabetos; 70 (setenta) tem nível primário (aqui entra o equivalente a um nível primário completo ou incompleto); 9 (nove) tem o 1º grau e 5 (cinco) tem o 2º grau.

Como se pode ver, o seu conhecimento não está ligado ao saber formal, e são pessoas com um saber informal muitas vezes surpreendente. Gostaria de poder explicar o que existe de saber na preparação de um Pai e de uma Mãe de Santo. São eles que asseguram a Religião dos Orixás no Brasil há 400 anos e com muita competência em seu domínio.

- Entre Filhos e Filhas de Santo encontramos 653 (seiscentos e cinquenta e três) entre homens e mulheres com o 1º grau; 9 (nove) com 2º grau e 3 (três) com 3º grau;

- Entre os Ogans — homens: 185 (cento e oitenta e cinco) com o 1º grau; 9 (nove) com 2º grau e 3 (três) com 3º grau.

- Ekedis: De 140 (cento e quarenta) mulheres, (Cento e vinte e quatro) com 1º grau; 16 (dezesseis) com 2º grau.

Observação: Os dados de nível de escolaridade dos Babalorixás e Yalorixás estão numa tabela que inclui: nome, ocupação, nível de escolaridade e tempo de Orixá.

BABALORIXÁS: QUE TRABALHAM FORA

NOME	OCCUPAÇÃO / PROFISSÃO	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (Anos)
Álvaro Santos	Func. Público*	Primário	30
Antonio Augusto Sapucaia	Func. Púb. Aposent.	Primário	59
Bernardino dos Santos	Servente	Primário	38
Benevaldo Carvalho	Fuc. Público	Primário	14
Carlito Souza	Vend. Feira Livre	Primário	25
Claudionor dos Santos	Aux. Enferm.	Primário	15
Cristones J. da S. Jilodé	Aux. Enferm.	1º grau	29
Dilson Nascimento	Tem Restaurante	Primário	28
Edmilson Jorge dos Santos	Tipógrafo	1º grau	17
Edvaldo Alves	Alfaiate	Primário	22
Edvaldo Sarará	Func. Nav. Baiana	Primário	25
Evangelista da Anunciação	Func. Público	Primário	38
Felício Santos Moreira	Prof.	Primário	14
Fernando Nonato Barbosa	Func. Mobral	1º grau	24
Fernando Barbosa	Func. Público	Primário	25
Francisco Almeida	Tem Barzinho	Primário	18
Henrique de Jesus Garcia	Aposentado	Primário	32
Henrique Lúcio	Func. Púb. Federal	Primário	32
Jacinto Matos	Feirante	Analfabeto	23
Jorge Barreto	Func. Público	Ginásio	26
José Cafuré	Trab. Hospital	Primário	16
José Leoncio	Estiv. Aposentado	Analfabeto	37
Mário Batista dos S. Filho	Motorista	Primário	40
Manoel de Jesus	Marceneiro	Semi-Analfab.	29
Manoel José do N. Jesus	Estiv. Aposentado	Semi-Analfab.	65
Miguel Arcanjo Leitão	Func. Público	Semi-Analfab.	35
Petronílio Obaluaiê	Ascensorista	Semi-Analfab.	26
Porfírio Santana	Aposentado**	Semi-Analfab.	42
Valdomiro Bispo	Ferreiro***	Primário	45
Edelzuito Teixeira Santos	Estivador	Alfabetizado	25

* Esses funcionários públicos correspondem a empregados do Setor de Serviços Auxiliares: motorista, porteiros, faxineiros, ascensoristas.

** Não foi declarada que tipo de aposentadoria.

*** Faz ferramenta para Orixá.

BABALORIXÁS QUE NÃO TRABALHAM FORA

NOME	OCUPAÇÃO/PROFISSÃO	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)
Adaylton Babá Kosim	Zelador de Orixá	Primário	19
Alípio Isidoro	Zelador de Orixá	Semi-Analfab.	25
Antonio Celestino Pereira	Zelador de Orixá	1º grau	21
Joca Sucessor	Zelador de Orixá	1º grau	28
Jorge Santos	Zelador de Orixá	Primário	15
Jorlando de O. Souza	Zelador de Orixá	Primário	21
Mirando	Zelador de Orixá	Primário	26
Virgílio Andrade	Zelador de Orixá	Primário	38

YALORIXÃS QUE TRABALHAM FORA

NOME	OCUPAÇÃO/ PROFISSÃO	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)
Aldaci Barreto	Professora	2º grau	19
Brasília Maria da Conceição	Vende. Acar.	Semi-Analf.	28
Carlinda Costa	Func. Público	1º grau	36
Carmelita Xanguim	Vende Acar.	Primário	46
Clarice Santana	Func. Público	Primário	39
Cleonice	Enf. Part.	1º grau	30
Clotilde C. dos Santos	Vend. Amb.	Analfabeta	54
Cremilda dos Santos	Func. Público	Alfabetizada	15
Leonice Alves	Quitand.	Primário	25
Euridis de Oliveira	Quitand.	Alfabetizada	40
Iraci Silva	Cantineira	Primário	12
Iranilda de Jesus	Vende Conf.	Primário	21
Jandira Borges	Vende Conf.	Primário	24
Julieta	Vende Acar.	Semi-Analfab.	30
Lourdes Santana	Func. Público	1º grau	25
Mãe Bebê	Func. Público	Primário	17
Mãe Lulu	Aux. Enferm.	Primário	36
Mãe Marota de Oxumaré	Fund. Público	Primário	39
Mãe Petu	Barraqueira	Primário	28
Mãe Zeca	Aux. Enf.	Primário	
Maria da Anunciação	Zeladora	Primário	32
Maria de Lourdes L. da Silva	Professora	2º grau	30
Maria Ribeiro Santos	Costureira	Primário	39

VALORIXÁS QUE TRABALHAM FORA (Cont.)

NOME	OCUPAÇÃO/ PROFISSÃO	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)
Maria de São Pedro de Oliveira	Professora	2º grau	33
Maria do Prado Santana Vieira	Professora	2º grau	32
Nair Freitas	Vend. Acar.	Primário	21
Nair Veridiana de Brito	Vend. Conf.	Primário	33
Railda Amorim	Téc. Contab.	2º grau	19
Reginalda Dória	Professora	1º grau	39
Tia Rita	Tem Barraca	Primário	41
Valdelice Santos	Func. Público	Alfabetizada	30

YALORIXÁS QUE NÃO TRABALHAM FORA



NOME	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)
Adalgisa - Dofona de Euá	Semi-Analfabeta	38
Alair Santana - Desa	Primário	25
Alide da Silva	Semi-Analfabeta	26
Alice Silva	Primário	16
Alice Santos Souza	Primário	40
Aloisia Lopes da Cruz	Primário	28
Andreza Amorim	Semi-Analfabeta	29
Antonia Teles	Semi-Analfabeta	24
Arlinda de Oxossi	Primário	30
Balbina Cordeiro Santos	Primário	23
Beatriz de Oliveira Silva	Primário	18
Benedita Duarte Beró	Semi-Analfabeta	26
Benedita A. Costa	Primário	35
Cacilda Amorim	Primário	20
Carminha do Congo	Primário	25
Carmosa	Primário	18
Carmen Alves da Silva	Primário	49
Ceci	Semi-Analfabeta	14
Cecilia Rodrigues Machado	Alfabetizada	36
Célia Mãe do Rosário Carvalho	Semi-Analfabeta	18
Célia Moreira	Primário	38
Célia Neves dos Santos	Semi-Analfabeta	32
Crescência Rodrigues	Primário	36

YALORIXÁS QUE NÃO TRABALHAM FORA (Cont.)

NOME	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)
Damiana Maria de Santana	Analfabeta	56
Doralice Messias	Primário	17
Dona Amélia	Semi-Analfabeta	35
Dona Maura de Oxum	Primário	39
Edna Maurício do Carmo	Analfabeta	38
Elza de Itapuã	Primário	22
Esmeraldina Cirilo Silva	Alfabetizada	32
Ester Veloso	Primário	14
Francisca dos Santos	Primário	16
Gilcélia Baía	Alfabetizada	29
Hermelinda	Primário	39
Leonora Leandia dos Santos	Semi-Analfabeta	41
Lucila Menezes	Alfabetizada	32
Mãe Amanda	Primário	29
Mãe Bibi	Alfabetizada	23
Mãe Cafadeci	Primário	37
Mãe Camila	Semi-Analfabeta	39
Mãe Estela	Primário	29
Mãe Martinha	Analfabeta	37
Mãe Nini	Primário	23
Maria dos Candeeiros	Primário	23
Maria do Carmo	Alfabetizada	39
Maria da Conceição Yayê	Alfabetizada	44

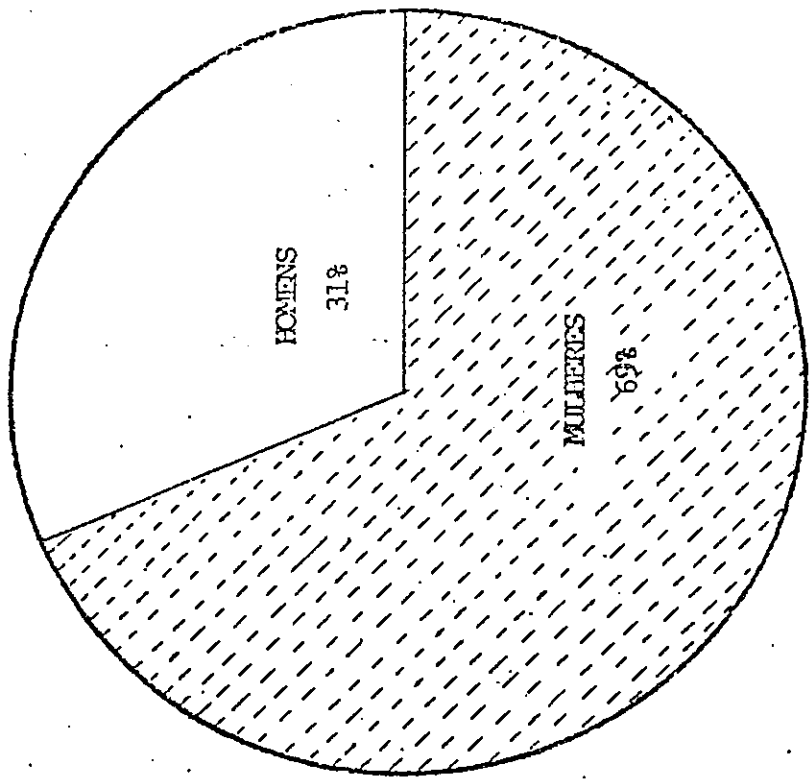
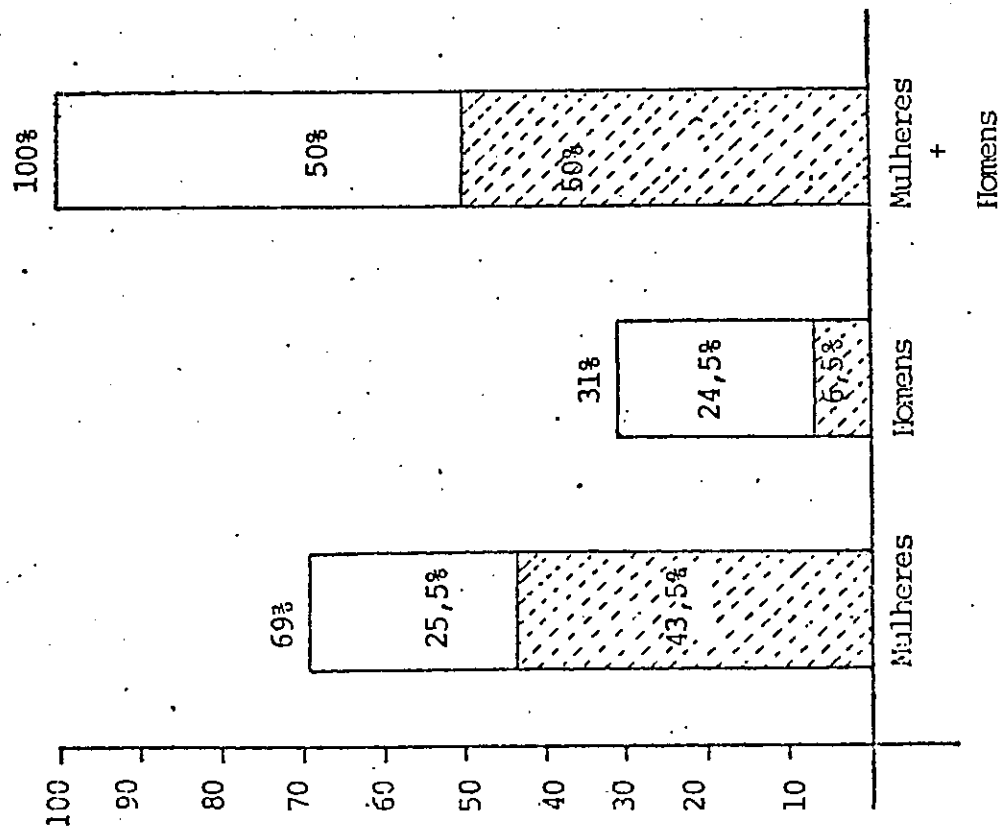
YALORIXÁS QUE NÃO TRABALHAM FORA (Cont.)

NOME	GRAU INSTRUÇÃO	TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)
Maria Eugênia (Maria de Oxum)	Semi-Analfabeta	34
Maria Luiza	Primário	19
Maura do Progresso	Semi-Analfabeta	52
Marieta	Primário	37
Martha da Hora	Alfabetizada	38
Odete de Santana	Alfabetizada	37
Verçília Nan Daré	Primário	38

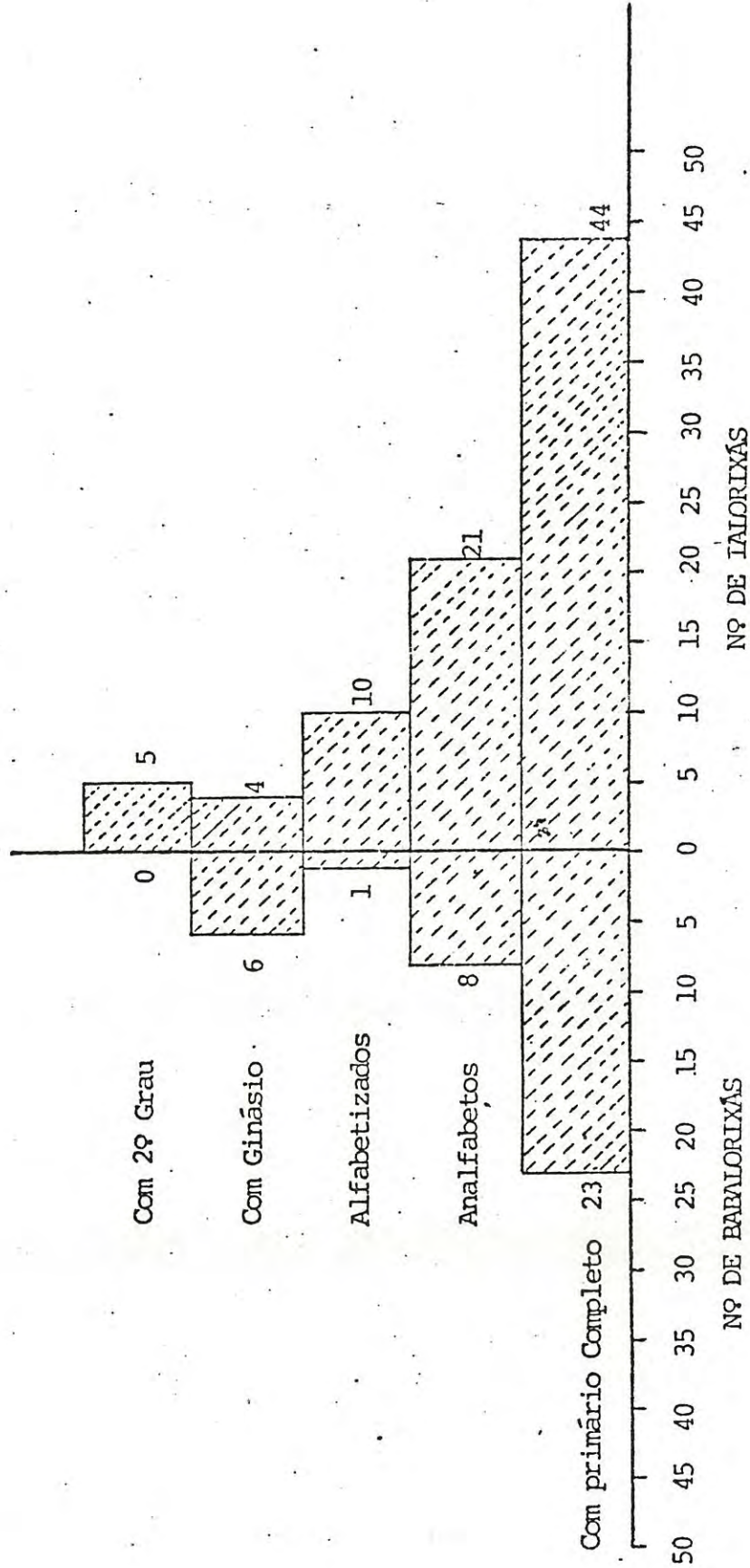
 Não trabalham fora
 Trabalham fora

BABLORIXÁS E VALORIXÁS DE SALVADOR

1983



GRAU DE INSTRUÇÃO DOS BABALORIXÁS E TALORIXÁS



TRABALHO FORA DO TERREIRO/GRAU DE INSTRUÇÃO/TEMPO DE ORIXÁ

BABALORIXÁS — HOMENS = 31%

TRAB.	GRAU DE INSTRUÇÃO	10-19		20-29		30-39		40-49		50-59		60-69		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
SIM	Analfabeto	-	-	3	7,9	2	5,3	1	2,6	-	-	1	2,6	7	18,4
	Alfabetizado	-	-	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,6
	Prim. Completo	5	13,2	5	13,2	5	13,1	2	5,3	1	2,6	-	-	18	47,4
	Ginásio	1	2,6	3	7,9	-	-	-	-	-	-	-	-	4	10,5
	2º Grau Compl.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUB-TOTAL		6	15,8	12	31,6	7	18,4	3	7,9	1	2,6	1	2,6	30	79,0
NÃO	Analfabeto	-	-	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,6
	Alfabetizado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Prim. Completo	2	5,3	2	5,3	1	2,6	-	-	-	-	-	-	5	13,2
	Gin. Completo	-	-	2	5,3	-	-	-	-	-	-	-	-	2	5,3
	2º Grau Compl.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUB-TOTAL		2	5,3	5	13,2	1	2,6	-	-	-	-	-	-	8	21,0
TOTAL HOMENS		8	21,1	17	44,8	8	21,0	3	7,9	1	2,6	1	2,6	38	100,0

YALORIXÁS — MULHERES = 69%

TRAB.	GRAU DE INSTRUÇÃO	10-19		20-29		30-39		40-49		50-59		60-69		TOTAL		
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
SIM	Analfabeto	-	-	1	1,2	1	1,2	-	-	1	1,2	-	-	3	3,6	
	Alfabetizado	1	1,2	1	-	1	1,2	1	1,2	-	-	-	-	3	3,6	
	Prim. Completo	2	2,4	-	5,9	7	8,3	2	2,4	-	-	-	-	16	19,0	
	Gin. Completo	-	-	5	1,2	3	3,6	-	-	-	-	-	-	4	4,8	
	2º Grau Compl.	2	2,4	1	-	3	3,6	-	-	-	-	-	-	5	6,0	
SUB-TOTAL		5	6,0	7	8,3	15	17,9	3	3,6	1	1,2	-	-	31	37,0	
NÃO	Analfabeto	2	2,4	5	5,9	7	8,3	2	2,4	2	2,4	-	-	18	21,4	
	Alfabetizado	-	-	2	2,4	5	5,9	-	-	-	-	-	-	7	8,3	
	Prim. Completo	7	8,3	9	10,7	10	11,9	2	2,4	-	-	-	-	28	33,3	
	Gin. Completo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	2º Grau Compl.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
SUB-TOTAL		9	10,7	16	19,0	22	26,1	4	4,8	2	2,4	-	-	53	63,0	
TOTAL MULHERES		14	16,7	23	27,3	37	44,0	7	8,4	3	3,6	-	-	84	-	
SEM RESPOSTA																4
TOTAL GERAL																126

FILHOS DE SANTO — NEGROS: HOMENS E MULHERES

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1º GRAU		2º GRAU		3º GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Costureiras	80	12,0						
Baianas de Acarajé	62	9,4						
Empregadas Domésticas	60	9,1						
Aux. de Serv. Gerais: (Funcionário Público)	56	8,5						
Mecânicos	48	7,3						
Pedreiros	35	5,3						
Lavadeiras	32	4,9						
Biscateiro	29	4,4						
Eletricista	28	4,3						
Motorista	10	1,5						
Carpinteiro	12	1,8						
Cabeleleiro	06	0,9						
Manicure	04	0,6						
Feirante	03	0,5						
Sondador	01	0,2						
Cobrador	02	0,3						
Garçonete	02	0,3						
Fabricante	01	0,2						
Servente	01	0,2						
Ferreiro	01	0,2						
Comerciário	16	2,5						
Vendedor Ambulante	14	2,1						
Vendedoras	04	0,6						
Balconista	03	0,5						
Quitandeira	01	0,2						
Carteiro	01	0,2						
Estudante	27	4,1						
Professor 1º grau	-	-	31	4,7				
Escriturário	-	-	03	0,5				
Aux. de Enfermagem	03	0,5						
Domésticas	76	11,6						
Atendente	01	0,2						
TOTAL	653							

FILHOS DE SANTO — NEGROS: HOMENS E MULHERES

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1º GRAU		2º GRAU		3º GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Estudante de Ginásio	01	2,0						
Telefonista	01	1,0						
Comerciante	02	4,0						
Profª de 1º grau	-	-	31	4,7				
Contador	-	-	02	4,0				
Técnico em Contabilidade	-	-	01	2,0				
Professora	-	-	01	2,0				
Profª de 2º grau	-	-	01	2,0				
Bancário	-	-	01	2,0				
Autônomo	-	-	01	2,0				
Vive de Rendas	-	-	01	2,0				
Dono de Restaurante	-	-	01	2,0				
Advogado	-	-	-	-	02	4,0		
Enfermeira	-	-	-	-	02	4,0		
Médico	-	-	-	-	03	6,0		
TOTAL	48	40,0			07			
TOTAL GERAL					51,0			

FILHOS DE SANTO — HOMENS

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1º GRAU		2º GRAU		3º GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Func. Público (Aux. Serv. Ger)	56	18,0						
Mecânicos	48	15,0						
Pedreiros	35	11,0						
Biscateiros	29	9,0						
Eletricista	28	8,9						
Estudante	27	8,6						
Comerciante	16	5,0						
Vendedor ambulante	14	4,5						
Carpinteiro	12	3,8						
Cabeleleiro	06	1,9						
Feirante	03	1,0						
Balconista	03	1,0						
Cobrador de Ônibus	02	0,6						
Fabricante	01	0,3						
Sondador	01	0,3						
Servente	01	0,3						
Ferreiro	01	0,3						
Estudante de Ginásio	01	0,3						
Carteiro	01	0,3						
Motorista	10	3,2						
Escriturário			03	1,0				
Comerciante			02	0,6				
Contador			02	0,6				
Técnico em Contabilidade			01	0,3				
Bancário			01	0,3				
Dono de Restaurante			01	0,3				
Autônomo			01	0,3				
Vive de Rendas			01	0,3				
Advogado						02		
Médico						03		
SUB-TOTAL	295		12		05			
TOTAL			312					

FILHAS DE SANTO — MULHERES

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1ª GRAU		2ª GRAU		3ª GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Costureiras	80	22						
Domésticas	76	21						
Baianas de Acarajé	62	17						
Empregadas Domésticas	60	16,7						
Lavadeiras	32	8,9						
Vendedoras	04	1,2						
Manicures	04	1,2						
Garçonetes	02	0,6						
Atendentes	01	0,2						
Quitandeira	01	0,2						
Profª 1ª Grau			31	8,6				
Professora			01	0,2				
Telefonista			01	0,2				
Aux. de Enfermagem	01	0,2						
Profª 2ª Grau					01	0,3		
Enfermeira					02			
SUBTOTAL	323	90	33	9	03	0,8		
TOTAL			359					

OGANS

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1º GRAU		2º GRAU		3º GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aux. Serv. Gerais	45	23						
Mecânico	33	17						
Motorista	28	14						
Pedreiro	16	08						
Estivador	15	7,6						
Biscateiro	11	5,5						
Eletricista	07	3,5						
Vendedor	06	3,0						
Carpinteiro	05	2,5						
Operário	04	2,0						
Feirante	02	1,0						
Ascensorista	01	1,5						
Marceneiro	01	1,5						
Motorista	01	1,5						
Armador	01	1,5						
Lavrador	01	1,5						
Pintor de Automóvel	01	1,5						
Carteiro	01	1,5						
Pintor de Parede	01	1,5						
Apontador	01	1,5						
Comerciário	01	1,5						
Mestre de Obra	01	1,5						
Doqueiro	01	1,5						
Empreiteiro de Construção	01	1,5						
Polícia Civil			01	0,5				
Prof. de 2º Grau					01	0,5		
Enfermeiro Auxiliar			03	1,5				
Comerciante			03	1,5				
Médico					02	1,0		
Petroleiro			02	1,0				
TOTAL	185	94	09	4,5	03	1,5		

OGANS — NEGROS

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1º GRAU		2º GRAU		3º GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Industriário			03	21,5				
Cantor			01	7,1				
Bancário			01	7,1				
Contador			01	7,1				
Soldado			01	7,1				
Despachante de Ônibus	01	7						
Profº de 1º Grau			01	7,1				
Funcionário Púb. Aposentado			01	7,1				
Aux. de Escritório			01	7,1				
Dentista					01	7		
Economista					01	7		
Despachante	01	7						
SUBTOTALS	02	14	10	72	02	14		
TOTALS			14					

EKEDIS — NEGRAS

OCUPAÇÃO: NÍVEL ESCOLAR EQUIVALENTE	1ª GRAU		2ª GRAU		3ª GRAU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Empregada Doméstica	13	9,3						
Costureira	05	3,5						
Enfermeira	05	3,5						
Lavadeira	04	2,9						
Baiana de Acarajê	02	1,4						
Cozinheira de firma	01	0,7						
Fabricante	01	0,7						
Cabeleleira	01	0,7						
Charuteira	01	0,7						
Aux. Serv. Gerais	36	25,7						
Doméstica	53	37,9						
Estudante 1ª Grau	02	1,4						
Bancária					02			
Comerciária					01			
Contadora					01			
Química					01			
Profª 1ª Grau					11			
SUBTOTAL	124	88,6	16	11,4				
TOTAL					140			

4.3.4 Ocupação/Profissão

Babalorixás e Yalorixás

- . Trabalha fora e não trabalha fora
- . Grau de instrução
- . Tempo de Orixá

Filhos e Filhas de Santo

- . Trabalho manual e não manual

Ogans

- . Trabalho manual e não manual

Ekedis

- . Trabalho manual e não manual

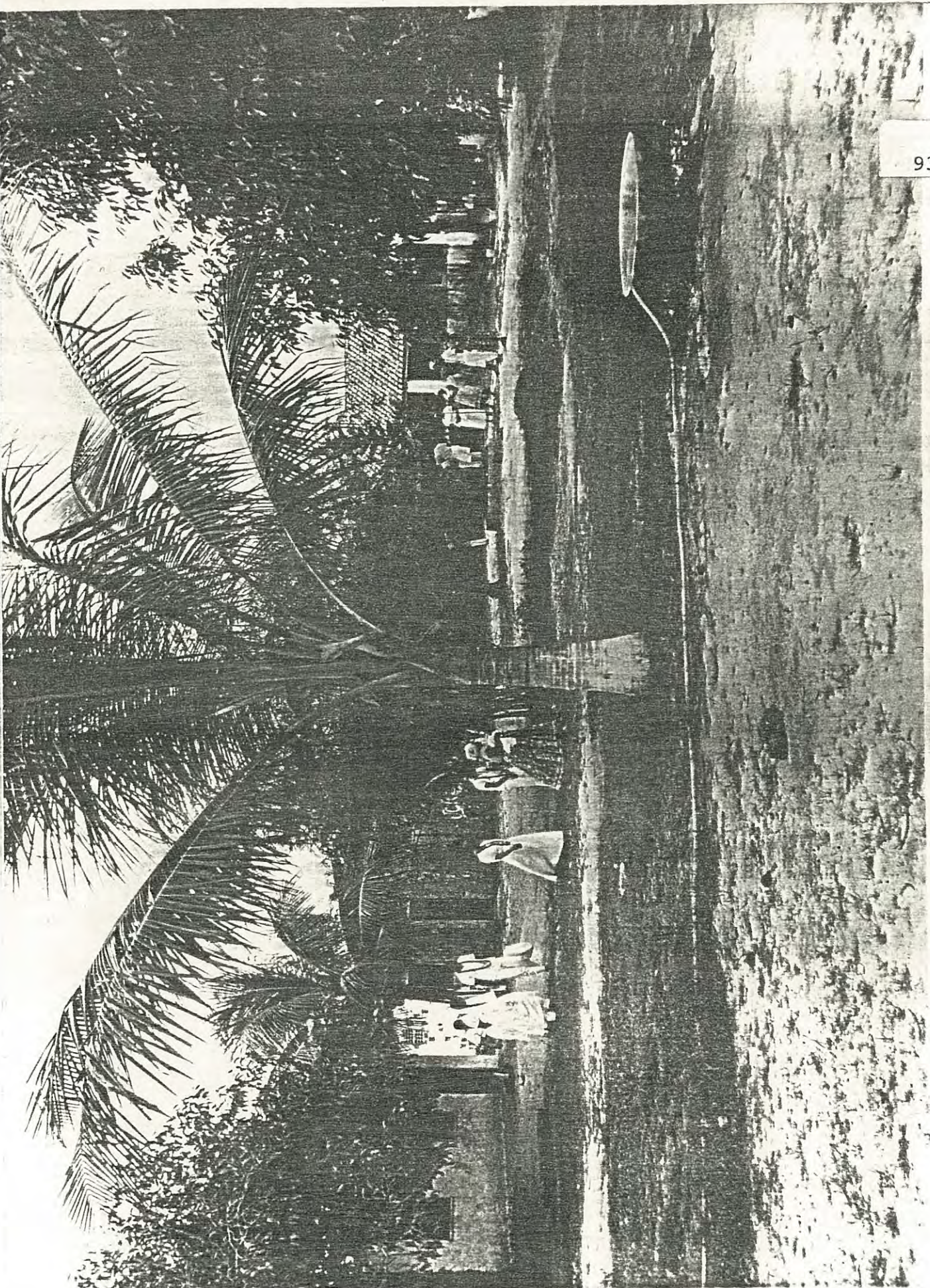
A própria dinâmica da Sociedade Nacional vai de terminando mudanças no interior da estrutura dos Terreiros de Candomblé, uma vez que as pessoas que constituem os Terreiros, vivem em sua maioria hoje, participando de todas as decorrências das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, às quais está sujeita toda a sociedade brasileira. Logo, os mais velhos têm menos saber formal. Os mais moços e em outras posições, Filhos e Filhas. Ogans e Ekedis entram no sistema de ensino formal, embora não atinjam na sua maioria além do 1º

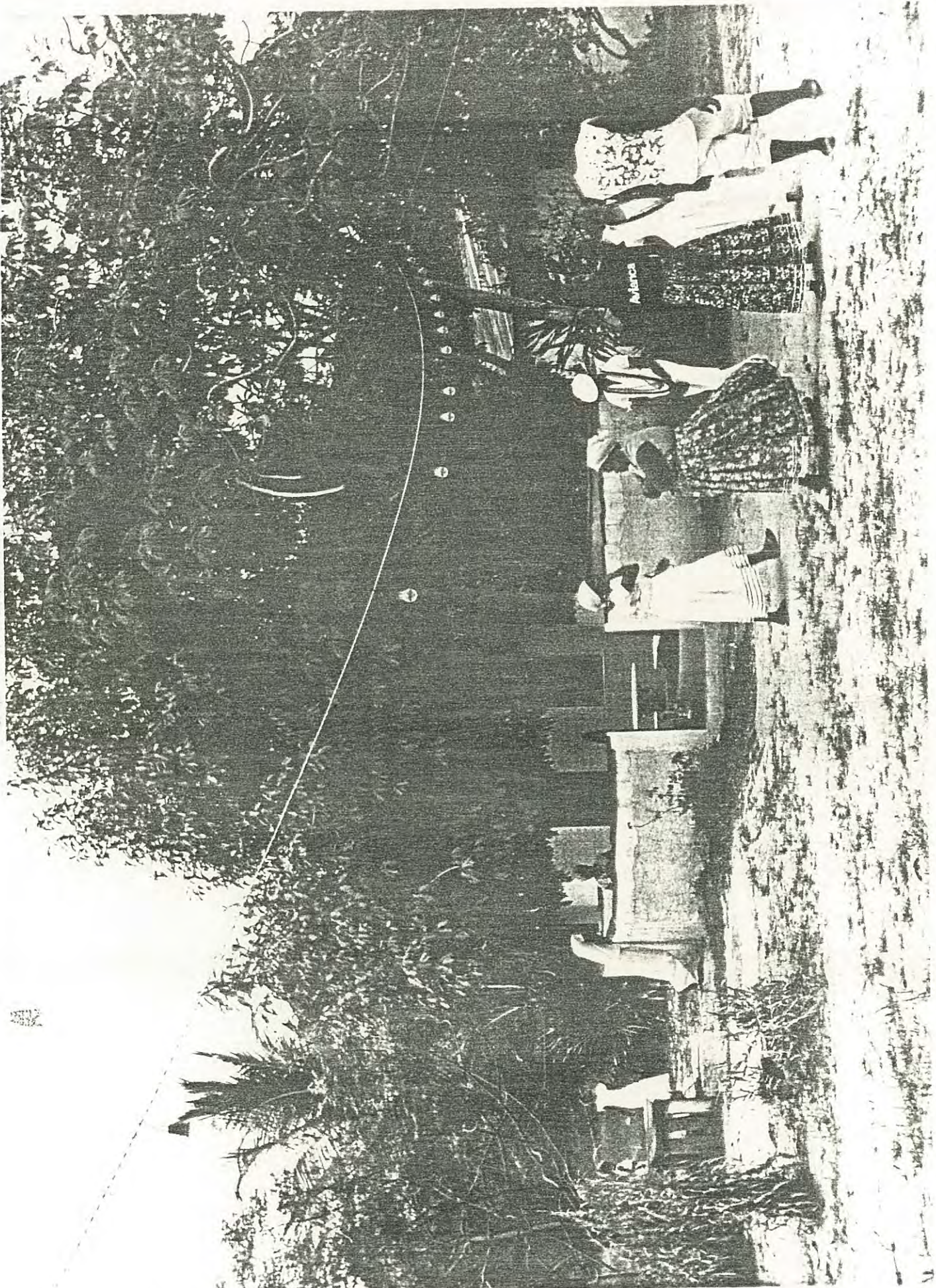
grau, buscam um lugar no mercado de trabalho, sem contudo saírem de profissões subalternas.

"Nesta pesquisa, encontramos 69% dos Terreiros sendo dirigidos por mulheres (Valorixás) e 31% dirigidos por homens (Babalorixás). Isto mostra o Candomblé como uma pseudo-sociedade matriarcal. Digo pseudo-sociedade matriarcal, pelo fato de tanto mulheres como homens terem o mesmo direito de vir a assumir cargos de chefia. O que realmente fica em evidência é a diferença de preparação e ocupação profissional entre homens e mulheres de candomblé. Nesta pesquisa por exemplo, do total de 38 Babalorixás pesquisados, 79% tem uma ocupação paralela, fora do terreiro, enquanto que, de 84 Valorixás pesquisadas, apenas 37% tem outra ocupação fora do Terreiro. Isto reflete também o nível de instrução dos entrevistados. Normalmente é fácil comprovar, entre os analfabetos ou semi-analfabetos, se colocam os mais velhos tanto em idade cronológica quanto em tempo de iniciado. Isto, pela dificuldade de educação escolar há 3 décadas passadas, independente da discriminação existente nos meios educacionais de outrora. Nos dias atuais, é difícil encontrar pessoas que tenham 10 a 15 anos de iniciação, que não seja alfabetizada, e grande maioria, com 1º grau completo, apagando assim a imagem de que Candomblé é religião de ignorantes e analfabetos".

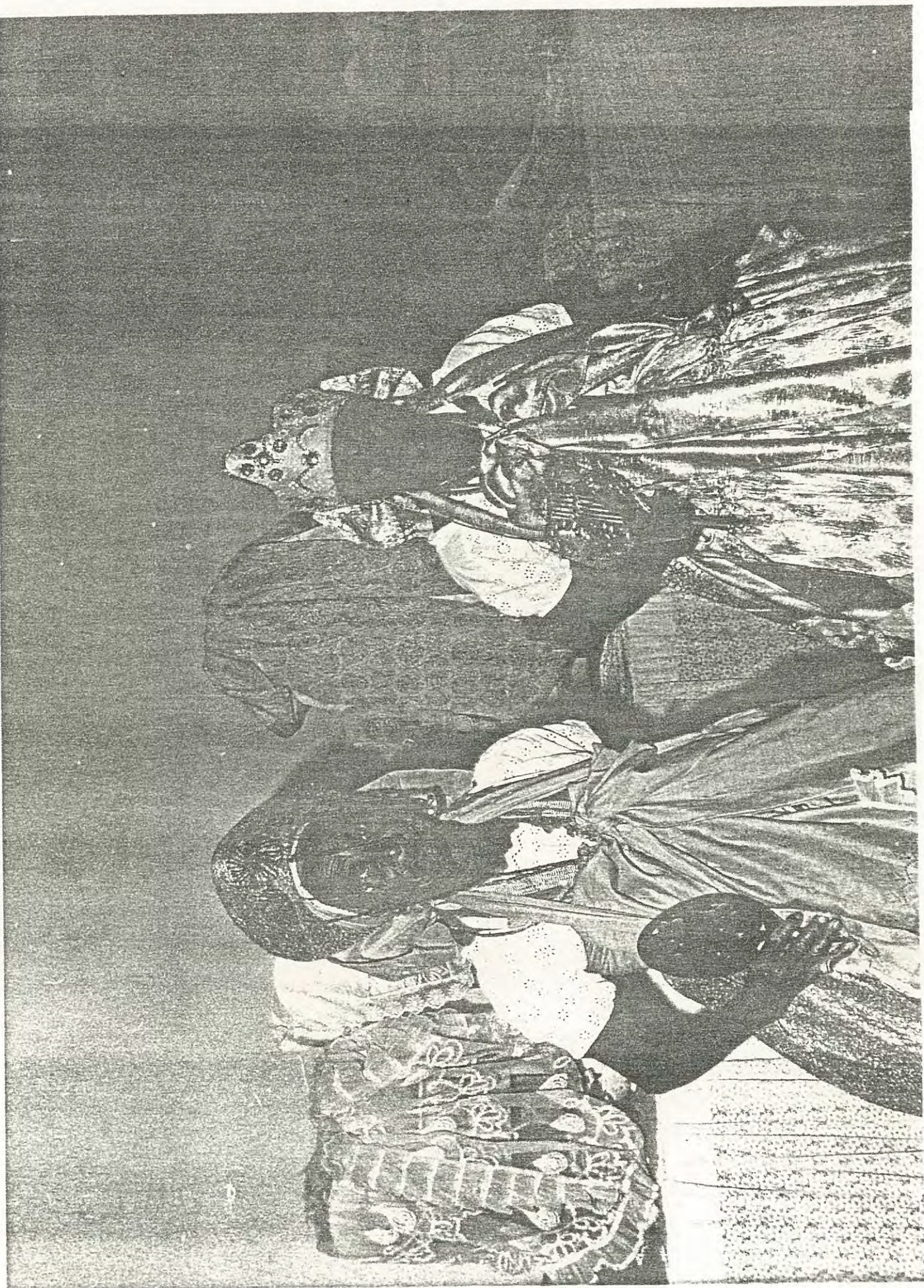
Aylton Raimundo Batista dos Santos Faromí, 1985.



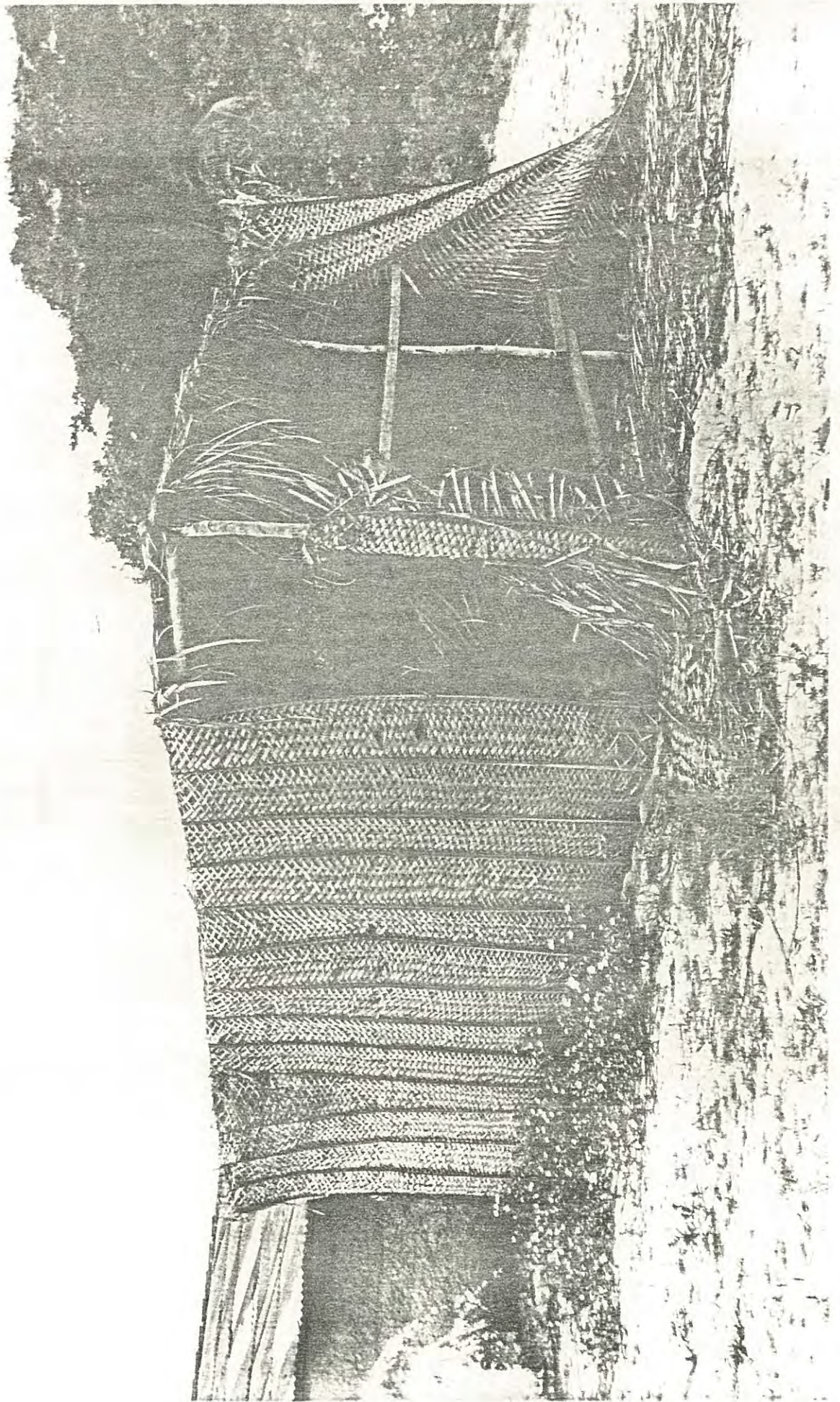


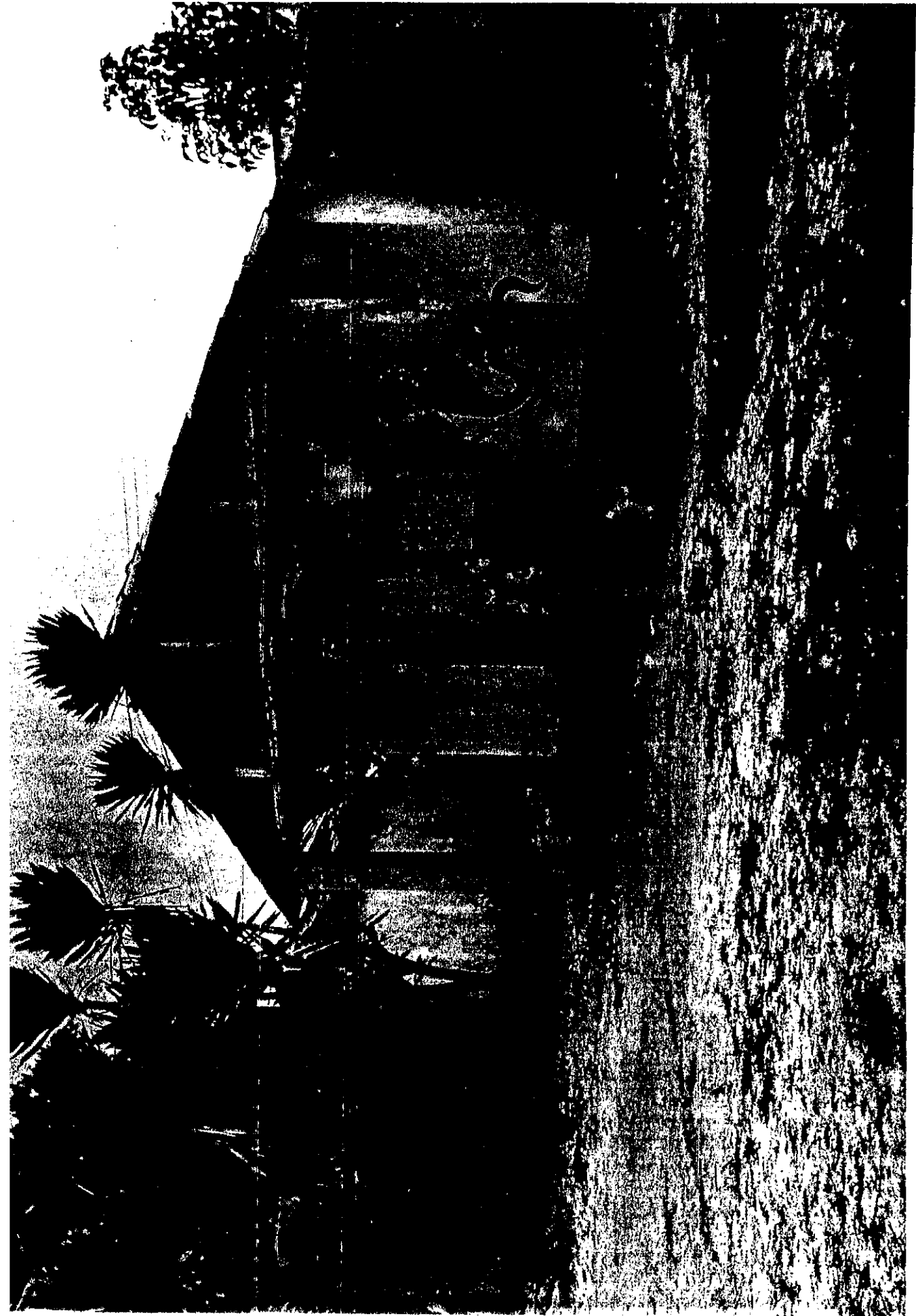


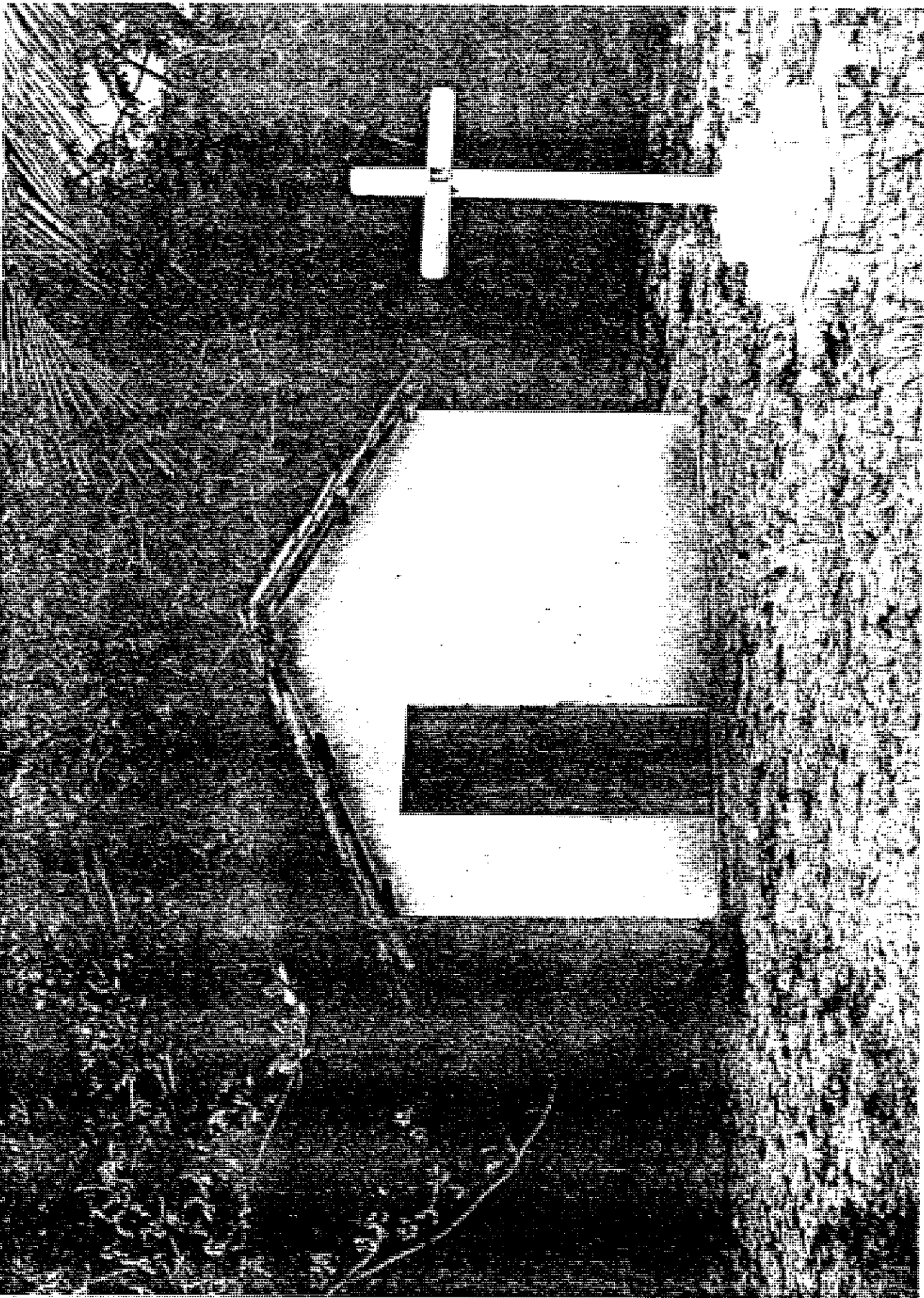


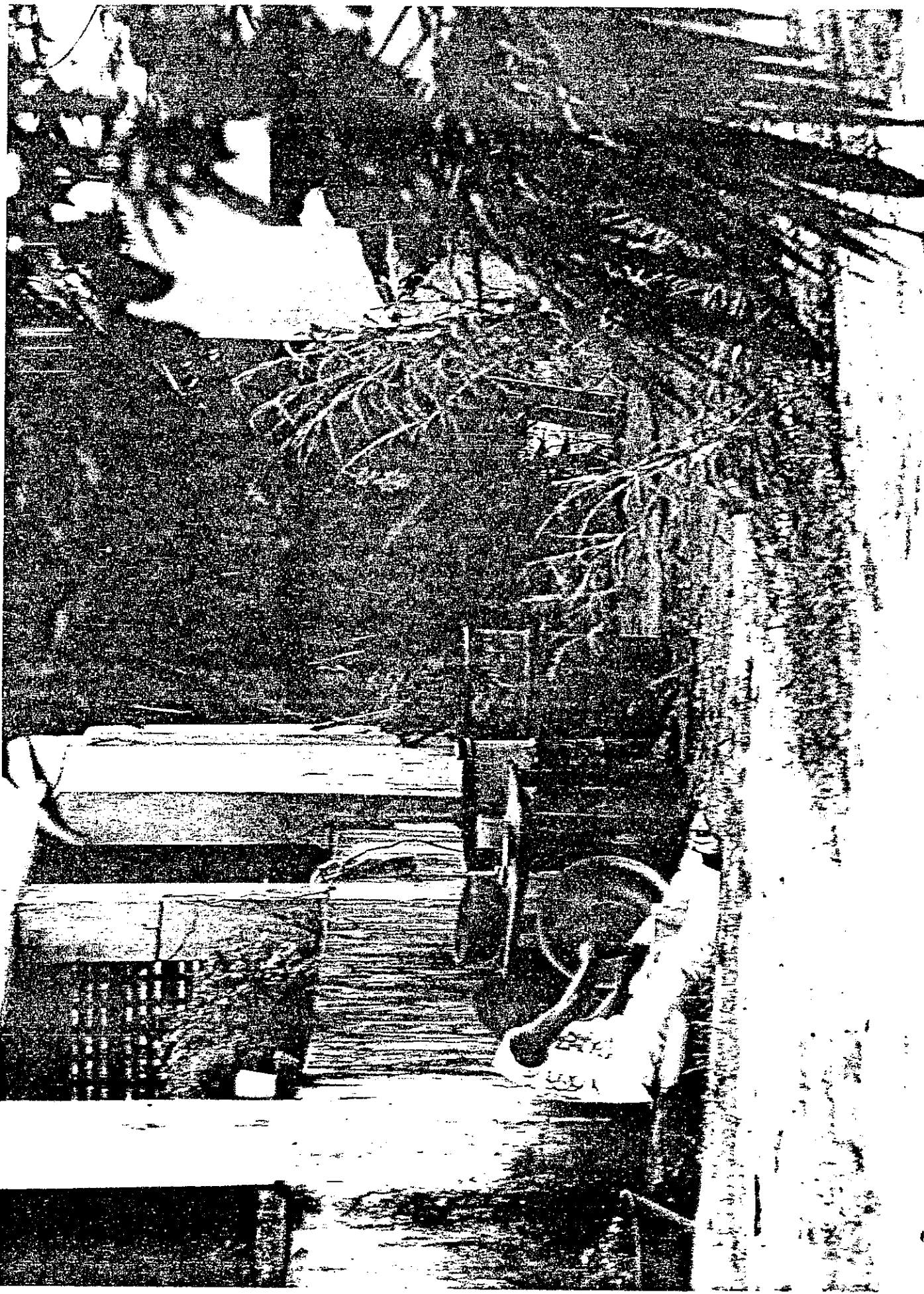


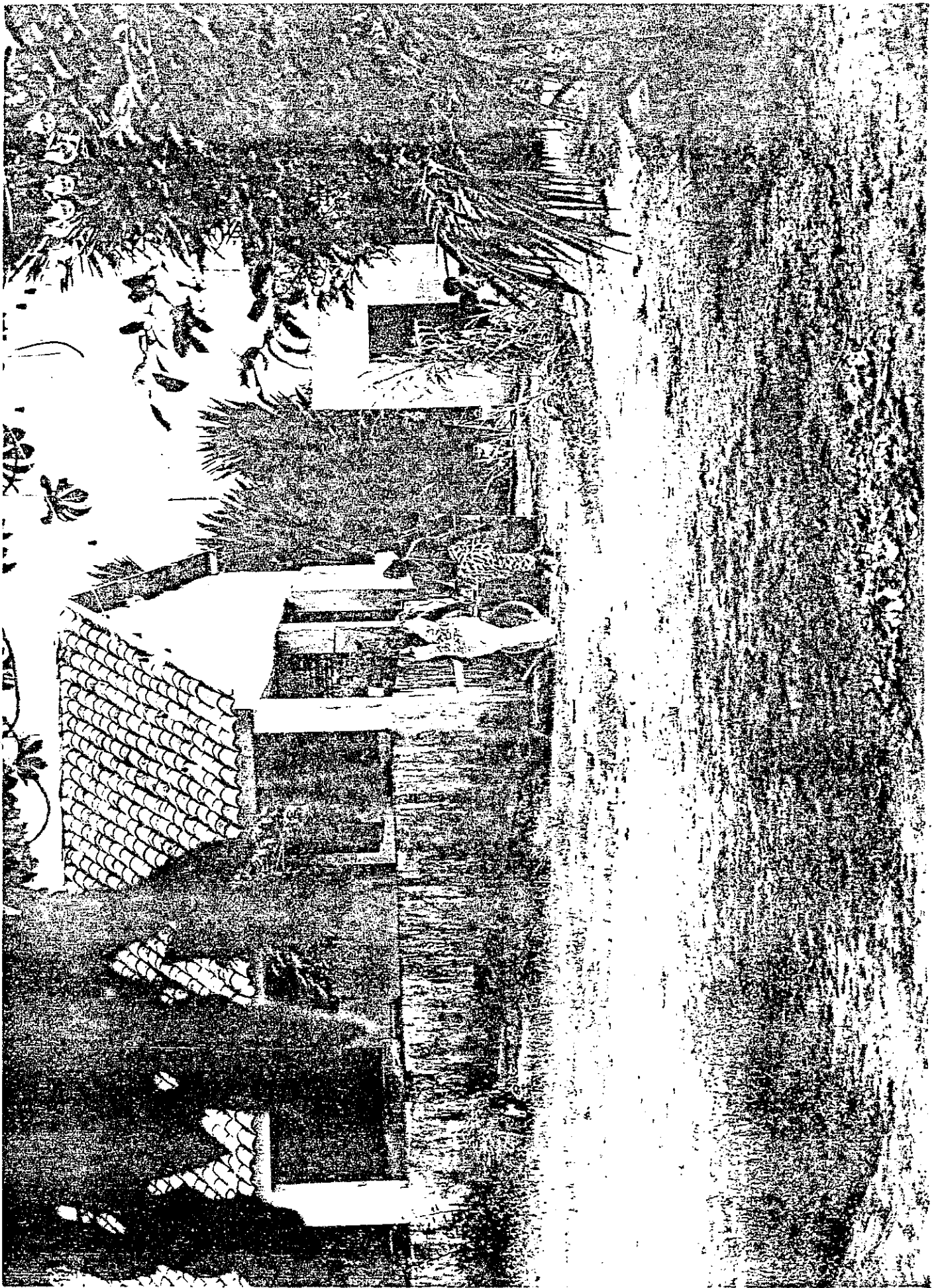


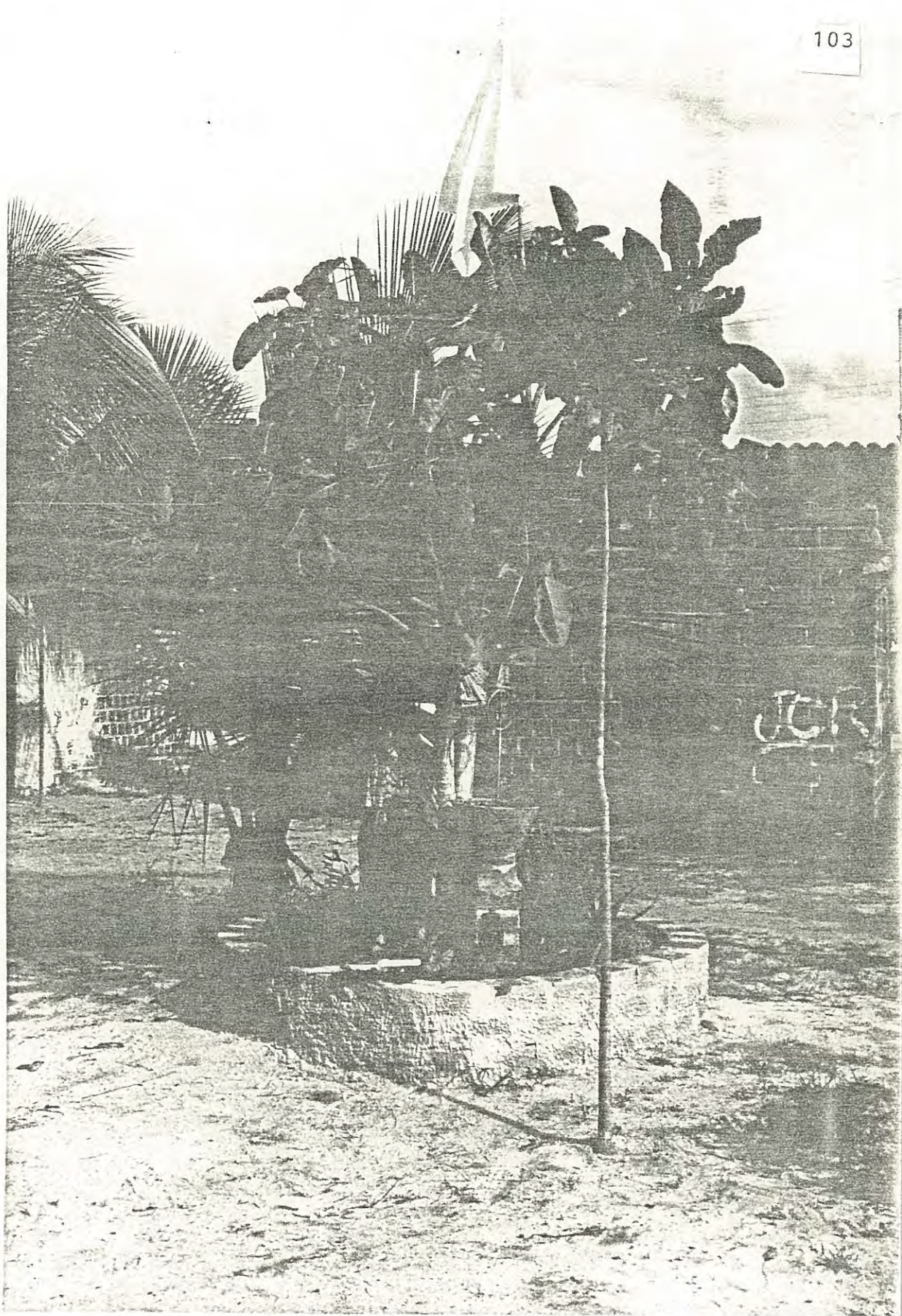








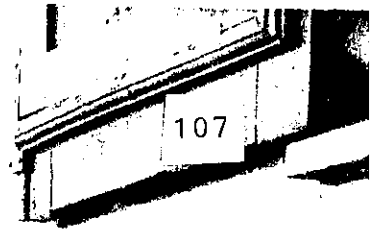












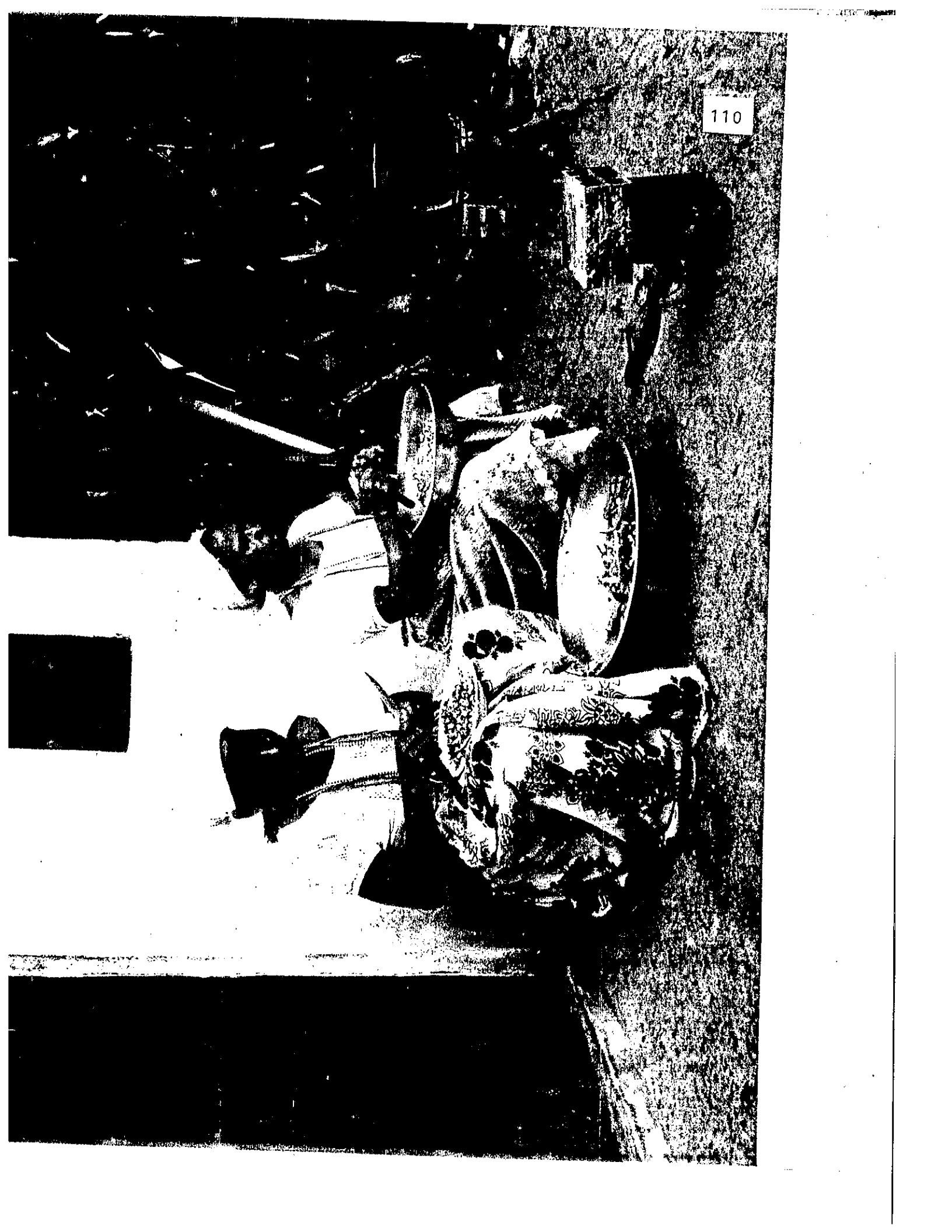


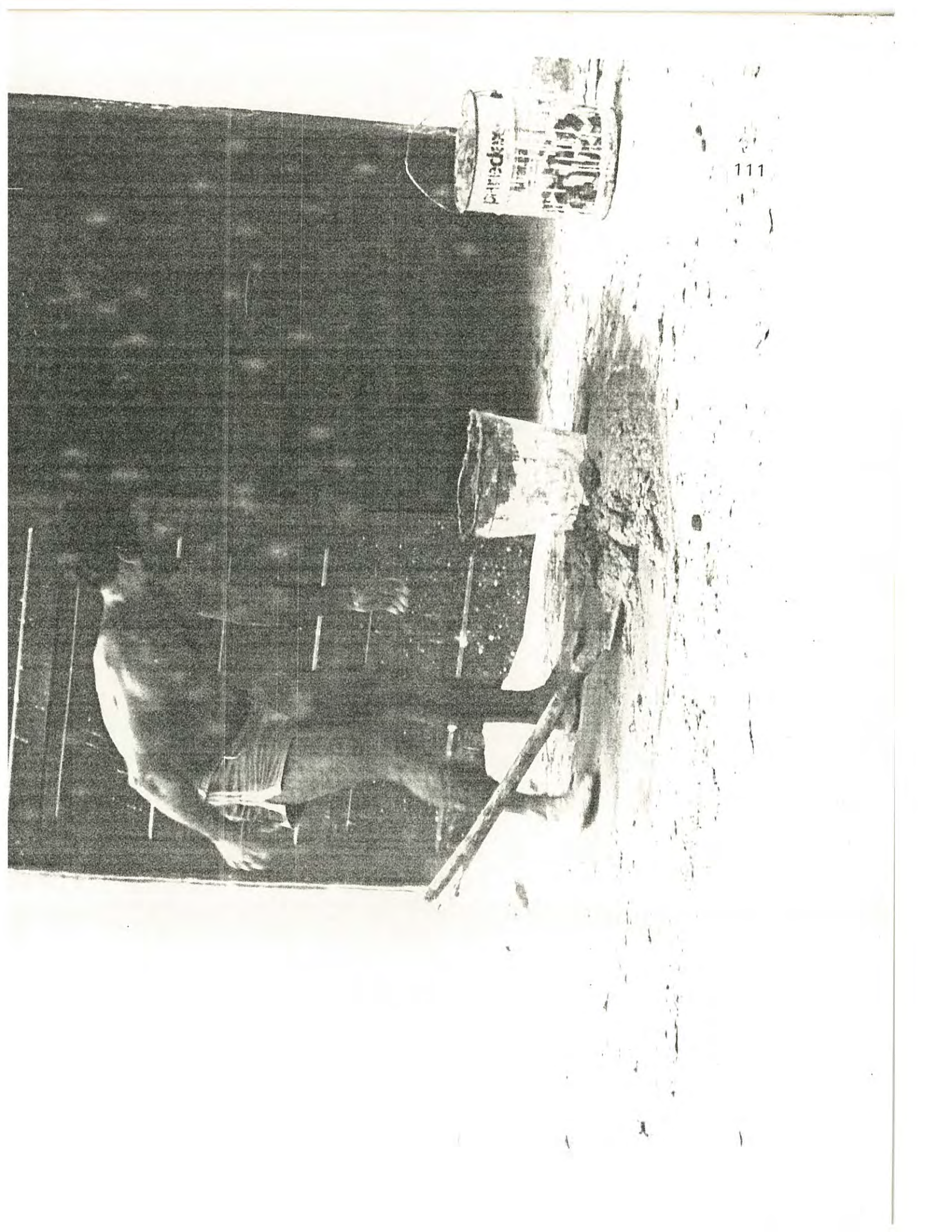


109

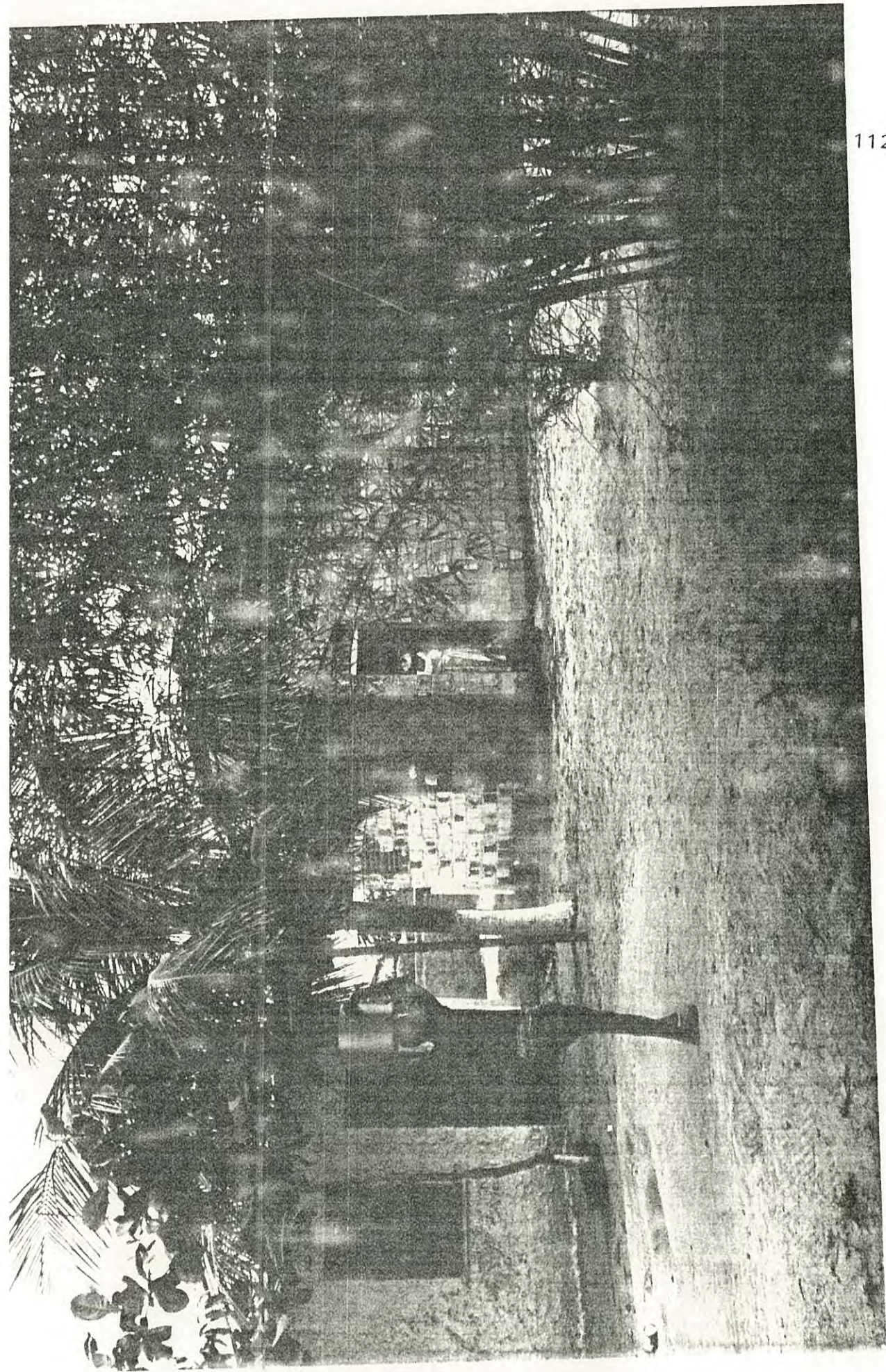


110





111



113



ROTEIRO DE FOTOGRAFIA

SÉRIE I — Visão exterior do Terreiro

Foto 1 — Aqui está uma parte de um Terreiro de candomblé: árvores são fundamentais, fazem parte do Axé da "Casa. Nesta foto estão filhos e filhas de santo circulando normalmente nessa área livre que fica ao centro do Terreiro. Vêem-se pequenas casas de um lado, são residências, a primeira de um Ogan, a outra de uma filha de Santo que já recebeu Deká e hoje é Ialorixá (Mãe de Santo) mas continua ligada ao Terreiro, porque não se perde a vinculação com a casa de origem — o Terreiro onde foi iniciado e onde estão os seus assentamentos.

Do outro lado está a casa de Babalorixá, o Pai de Santo — uma casa com colunas e uma varanda ao redor. Normalmente as casas dos filhos de Santo tem uma só dependência, que serve para dormir às vezes e um pequeno banheiro. Alguns filhos de Santo residem no próprio Terreiro, outros vêm somente para as obrigações, as festas, cerimônias, a depender da natureza do compromisso de cada um.

Foto 2 — Aqui é uma casa de Orixá pertencente à Yansã. As pessoas em volta da casa são filhos de Santo. Dois deles, um pela cabeça raspada, outro pela postura de recólhimento, pode-se ver que são Yaôs, na Religião estão em seu processo de iniciação no Candomblé. A pessoa debruçada no muro da casa é um Ogan da Casa. A senhora em frente caminhando de bra

ços cruzados é filha da casa e Mãe desses Yaôus, que estão dançando e saudando pela primeira vez o Xangô o Orixá patrono desse Terreiro. Ao lado dessa Casa de Orixá está o barracão, o local das festas, das cerimônias abertas aos visitantes que não pertencem aos filiados à Casa.

Foto 3 — Na 1ª fotografia vemos dois ângulos do Terreiro, na 2ª foto vemos um Terreiro, ângulo com uma Casa de Orixá, o Barracão bastante encoberto por uma grande árvore à frente da porta principal. 3ª fotografia, nesta vê-se um quarto ângulo, aparece um charco e após o charco estão casas de filhas de Santo e de vizinhos do Terreiro.

SÉRIE II — Orixás

Foto 1 — Oxum. Encontrou-se duas filhas de um abedê, roupas douradas, brilhantes. Também é possível ver pela expressão das Filhas de Santo as marcas que caracterizam fundamentalmente Oxum.

Foto 2 — Yansã. É uma filha de Iansã, em traje típico, não está manifestada, apenas vestida. Atrás está o pelé — Altar com os assentamentos dos filhos de Iansã iniciados no Terreiro. A expressão, as ferramentas confirmam as características do Orixá; Santa Guerreira, dos raios, dos ventos, do trovão. Sua música o Ile é uma música de guerra, sua dança é rápida, ritmica, mas violenta e esteticamente muito bonita.

SÉRIE III — Casas de Orixás

Foto 1 — Casa de Oxalá. O pai de todos os Orixas. Aparece ao lado esquerdo teto e pequena parte do barracão.

Foto 2 — Casa de Omolu ou baluayê. À frente estão os símbolos do Orixá e ao lado árvores de fundamento.

Foto 3 — Casa de Ibo - a casa dos mortos. Aqui estão assentamentos ou outros pertences sagrados de filiados da casa que já "faltaram" é a expressão que se usa para os mortos. Normalmente em um Terreiro cada Orixá deve ter sua própria casa, considerando principalmente o Patrono da Casa, o Orixá do Babalorixá ou Ialorixá fundador e os Orixás mais representativos da Nação de Candomblé a que o Terreiro pertence.

SÉRIE IV — Obrigação

Todo Terreiro de Candomblé deve ter uma árvore onde se deve construir o assentamento do Orixá Roco. O terreno desse Terreiro apresenta uma textura difícil para o crescimento dessa árvore. No dia em que essas fotografias foram feitas realizou-se a primeira obrigação do Terreiro para o Rocco. Era uma primeira quarta-feira do mês, dia de Xangô, ocasião em que os Filhos e Filhas de Santo devem ir ao Terreiro realizar certas obrigações de rotina (não é dia de Festa) são práticas requeridas pela Religião, que constituem obrigações dos filiados para com seus Orixás, seu Babalorixá ou Ialorixá e seus irmãos

de comunidade.

Segue-se a sequência de como foi feita essa obrigação. Como nosso objetivo com este trabalho não é tratar de fundamentos do Candomblé, não descrevemos a obrigação, apresentamos a comunidade junta, realizando a obrigação.

Foto "a" — Um filho de Santo prepara as folhas, machucando-as em um pilão de madeira.

Foto "b" — O Pai e Filho de Santo vêm juntos em direção ao assentamento para realizar a obrigação.

Foto "c" — O próprio assentamento de Roco.

Foto "d" — O Pai de Santo colocando o incenso numa lata de carvão acêso e junto ao Pai de Santo os galos que serão sacrificados e oferecidos ao Roco.

Foto "e" — O Pai de Santo e o incenso já queimado.

Foto "f" — O Pai Pequeno (Babakekeré) do Terreiro e um Filho de Santo do conselho dos mais velhos da casa, sacrificando o animal para oferecer ao Orixá.

SÉRIE V — Yaôs

Foto 1 — Os Yaôs pedem a benção ao Babalorixá,

pai de sua Yalorixá. O Pai de Santo fala aos Yaôs das recomen
dações que um Filho ou Filha de Santo não podem deixar de sa
ber e cumprir junto aos Orixás, aos seus ancestrais e à sua co
munidade.

Foto 2 — Continuação da fala do Pai de Santo
aos filhos de sua Filha de Santo, que está presente.

SÉRIE VI — Elementos que constituem fundamen
tos para preparação de comida que
será oferecida aos Orixás.

Foto 1 — O Pai Pequeno (Babakekeré) do Terrei
ro coloca azeite de dendê de um garrafão na quantidade que de
verá ser usado.

Foto 2 — Duas Filhas de Santo cortam quiabo,
com que se prepara a comida de base de Xangô — o patrono da
casa.

SÉRIE VIII — Trabalhos suplementares

Foto 1 — Um Ogan da casa trabalha em serviço
de construção, prepara massa de cimento para edificações ou re
paros.

Foto "a" — Um jovem, filho de algum filiado da
comunidade carrega água de um poço para os serviços da casa.

SÉRIE VIII — Exu

Foto 1 — Exu. O símbolo. A descrição é complexa. Não entra nos nossos objetivos.

DISTRIBUIÇÃO DO NEGRO COMO AGENTE RELIGIOSO DO CANDOMBLÉ, SE
 GUNDO SUA POSIÇÃO RITUAL NO SISTEMA RELIGIOSO E SUA POSIÇÃO SO
 CIAL NA VIDA COTIDIANA

POSIÇÃO RITUAL E COMPOSIÇÃO RACIAL	POSIÇÃO SOCIAL	
	Nº DE PESSOAS	OCUPAÇÃO
Filhos de San to Negros	80	Costureiras
	76	Domésticas
	62	Baianas de Acarajé
	60	Rmpregadas Domésticas
	56	Func. Público (Aux. Serv. Gerais)
	48	Mecânicos
	35	Pedreiros
	32	Lavadeiras
	31	Professor de 1º Grau
	29	Biscateiros
	28	Eletricistas
	27	Estudantes
	16	Comerciário
	14	Vendedor Ambulante
	10	Motoristas
	10	Carpinteiro
	06	Cabeleleiro
05	Industriário	
04	Vendedora	
04	Manicure	

Continuação

POSIÇÃO RITUAL E COMPOSIÇÃO RACIAL	POSIÇÃO SOCIAL	
	Nº DE PESSOAS	OCUPAÇÃO
	03	Feirantes
	03	Escriturário
	03	Balconista
	03	Auxiliar de Enfermagem
	03	Médicos
	03	Carpinteiro
	02	Cobrador de Ônibus
	02	Enfermeira
	02	Garçonete
	02	Comerciante
	02	Advogado
	02	Contador
	01	Técnico em Contabilidade
	01	Fabricante
	01	Atendente
	01	Professora
	01	Estudante de Ginásio
	01	Professor de 2º Grau
	01	Sondador
	01	Quitandeira
	01	Autônomo
	01	Bancário
	01	Dono de Restaurante

Continuação

POSIÇÃO RITUAL E COMPOSIÇÃO RACIAL	POSIÇÃO SOCIAL	
	Nº DE PESSOAS	OCUPAÇÃO
	01	Vive de Rendas
	01	Ferreiro
	01	Carteiro
	01	Telefonista
	01	Escriturário
	01	Servente
TOTAL	679	

POSIÇÃO RITUAL — POSIÇÃO SOCIAL E COR

POSIÇÃO RITUAL FILHOS DE SANTO	OCUPAÇÃO PROFISSIONAL	Nº DE PESSOAS	PERCEN TUAL
Composição Ra- cial - Negros	Costureiras	80	11,8
	Domésticas	76	11,2
	Baianas de Acarajé	62	9,1
	Empregadas Domésticas	60	8,8
	Funcionários Públicos	56	8,2
	Mecânicos	48	7,1
	Pedreiros	35	5,2
	Lavadeiras	32	4,7
	Prof. 1º Grau	31	4,6
	Biscateiro	29	4,3
	Eletricista	28	4,1
	Estudante	27	4,0
	Comerciário	16	2,4
	Vendedor Ambulante	14	2,1
	Motorista	10	1,5
	Carpinteiro	10	1,5
	Cabeleleiro	06	0,9
	Industriário	05	0,7
	Vendedora	04	0,6
	Manicure	04	0,6
Feirante	03	0,4	
Escriturário	03	0,4	
Balconista	03	0,4	

Continuação

POSIÇÃO RITUAL FILHOS DE SANTO	OCUPAÇÃO PROFISSIONAL	Nº DE PESSOAS	PERCEN TUAL
	Auxiliar de Enfermagem	03	0,4
	Médico	03	0,4
	Carpinteiro	02	0,3
	Cobrador de Ônibus	02	0,3
	Enfermeira	02	0,3
	Gargonete	02	0,3
	Comerciante	02	0,3
	Advogado	02	0,3
	Contador	02	0,3
	Técnico em Contabilidade	01	0,15
	Fabricante	01	0,15
	Atendente	01	0,15
	Professora	01	0,15
	Estudante Ginásio	01	0,15
	Prof. 2º Grau	01	0,15
	Sondador	01	0,15
	Quitandeira	01	0,15
	Autônomo	01	0,15
	Bancário	01	0,15
	Dono de Restaurante	01	0,15
	Vive de Rendas	01	0,15
	Ferreiro	01	0,15
	Carteiro	01	0,15
	Telefonista	01	0,15
	Escriturário	01	0,15
	Servente	01	0,15
TOTAL		679	100

Observação: Nem todas as respostas dos 126 questionários com os quais trabalhamos, explicitam o elemento cor, então decidimos trabalhar só com os negros para saber sua posição ritual e o lugar que lhes corresponde na vida cotidiana, na sociedade.

FILHOS DE SANTOS NEGROS — HOMENS E MULHERES

OCUPAÇÃO: TRABALHOS MANUAIS	Nº DE PESSOAS	%
Costureiras	80	13,6
Domésticas	76	12,9
Baianas de Acarajé	62	10,5
Empregadas Domésticas	60	10,1
Aux. de Serv. Gerais (Func. Público)	56	9,5
Mecânicos	48	8,1
Pedreiros	35	5,9
Lavadeiras	32	3,4
Biscateiro	29	4,9
Eletricista	28	4,8
Motorista	10	1,7
Carpinteiro	10	1,7
Cabeleleiro	06	1,0
Manicure	04	0,7
Feirante	03	0,5
Carpinteiro	02	0,3
Cobrador de Ônibus	02	0,3
Garçonete	02	0,3
Fabricante	01	0,2
Atendente	01	0,2
Sondador	01	0,2
Servente	01	0,2
Ferreiro	01	0,2
Comerciário	16	2,7
Vendedor Ambulante	14	2,4
Vendedora	04	0,7
Balconista	03	0,5
Quitandeiro	01	0,2
Carteiro	01	0,2
TOTAL	589	100,0

FILHOS DE SANTOS NEGROS — HOMENS E MULHERES

OCUPAÇÃO: TRABALHOS NÃO MANUAIS	Nº DE PESSOAS	%
Professora de 1ª Grau	31	36,9
Estudante	37	32,1
Escriturário	03	3,6
Auxiliar de Enfermagem	03	3,6
Médico	03	3,6
Estudante de Ginásio	01	1,2
Telefonista	01	1,2
Enfermeira	02	2,4
Comerciante	02	2,4
Advogado	02	2,4
Contador	02	2,4
Técnico em Contabilidade	01	1,2
Professora	01	1,2
Professora de 2ª Grau	01	1,2
Autônomo	01	1,2
Bancário	01	1,2
Dono de Restaurante	01	1,2
Vive de Rendas	01	1,2
TOTAL	84	100,0

DISTRIBUIÇÃO DO NEGRO COMO AGENTE RELIGIOSO DO CANDOMBLÉ, SE
 GUNDO A SUA POSIÇÃO RITUAL NO SISTEMA RELIGIOSO E SUA POSIÇÃO
 SOCIAL NA VIDA COTIDIANA

POSIÇÃO RITUAL E COMPOSIÇÃO RACIAL	POSIÇÃO SOCIAL	
	Nº DE PESSOAS	OCUPAÇÃO
Ogans Negros	45	Func. Público (Aux. Serv. Gerais)
	33	Mecânico
	28	Motorista
	16	Pedreiro
	15	Estivador
	12	Polícia Civil - Militar Policial
	11	Biscateiro
	07	Eletricista
	06	Vendedor
	05	Estudante
	05	Carpinteiro
	04	Operário
	03	Professor de 2º grau
	03	Enfermeiro
	03	Comerciante
	02	Feirante
	02	Médico
	02	Vendedor
	02	Petroleiro
	03	Industriário
	01	Cantor
	01	Ascensorista
	01	Marceneiro
	01	Bancário
	01	Contador
	01	Motorista de Coletivo
	01	Armador

Continuação

POSIÇÃO RITUAL E COMPOSIÇÃO RACIAL	POSIÇÃO SOCIAL	
	Nº DE PESSOAS	OCUPAÇÃO
Ogans Negros	01	Soldado
	01	Despachante de Ônibus
	01	Professor de 1ª Grau
	01	Apontador
	01	Lavrador
	01	Comerciário
	01	Funcionário Público Aposentado
	01	Pintor de Automóvel
	01	Mestre
	01	Auxiliar de Escritório
	01	Carteiro
	01	Doqueiro
	01	Enpreiteiro de Construção
	01	Dentista
	01	Economista
	01	Pintor
	01	Despachante
TOTAL	230	

Nota: Do total pesquisado de Ogans, estes foram identificados por Cor e Profissão. Este número, portanto, corresponde a duzentos e trinta Ogans Negros.

OGANS NEGROS (HOMENS)

OCUPAÇÃO: TRABALHO NÃO MANUAL	Nº DE PESSOAS	%
Polícia Civil	01	1,5
Professor de 2º Grau	03	4,5
Enfermeiro (Auxiliar)	03	4,5
Comerciante	03	4,5
Médico	02	3,0
Petroleiro	02	3,0
Industriário	03	4,5
Cantor	01	1,5
Bancário	01	1,5
Contador	01	1,5
Soldado	01	1,5
Despachante de Ônibus	01	1,5
Professor de 1º Grau	01	1,5
Funcionário Público Aposentado	01	1,5
Auxiliar de Escritório	01	1,5
Dentista	01	1,5
Economista	01	1,5
Despachante	01	1,5
Estudante	05	7,5
TOTAL	66	50,0

DISTRIBUIÇÃO DO NEGRO COMO AGENTE RELIGIOSO DO CANDOMBLÉ, SE
 GUNDO SUA POSIÇÃO RITUAL NO SISTEMA RELIGIOSO E SUA POSIÇÃO SO
 CIAL NA VIDA COTIDIANA

POSIÇÃO RITUAL E COMPOSIÇÃO RACIAL	POSIÇÃO SOCIAL	
	Nº DE PESSOAS	OCUPAÇÃO
Ekedis Negras	53	Domésticas
	36	Func. Público (Aux. Serv. Gerais)
	13	Empregada Doméstica
	11	Professor de 1º grau
	05	Costureira
	05	Enfermeira
	04	Lavadeira
	02	Baiana de Acarajé
	02	Bancária
	02	Estudante
	01	Cozinheira de firma
	01	Comerciária
	01	Fabricante
	01	Contadora
	01	Cabeleleira
	01	Charuteira
01	Química	
TOTAL	140	

Nota: Do total pesquisado, foram identificados cento e quaren
 ta com especificação de Cor e Profissão. Este número por
 tanto, corresponde a: cento e quarenta Ekedis Negras.

DISTRIBUIÇÃO DE AGENTES RELIGIOSOS DO CANDOMBLÉ, SEGUNDO SUA
 POSIÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE CIVIL

EKEDIS NEGRAS

OCUPAÇÃO MANUAL	Nº DE PESSOAS	%
Domésticas	53	44,5
Empregada Doméstica	13	10,9
Costureira	05	4,2
Enfermeira	05	4,2
Lavadeira	04	3,4
Baiana de Acarajé	02	1,7
Cozinheira de Firma	01	0,8
Fabricante	01	0,8
Cabeleleira	01	0,8
Charuteira	01	0,8
Auxiliar de Serviços Gerais	36	30,0
TOTAL	119	100,0

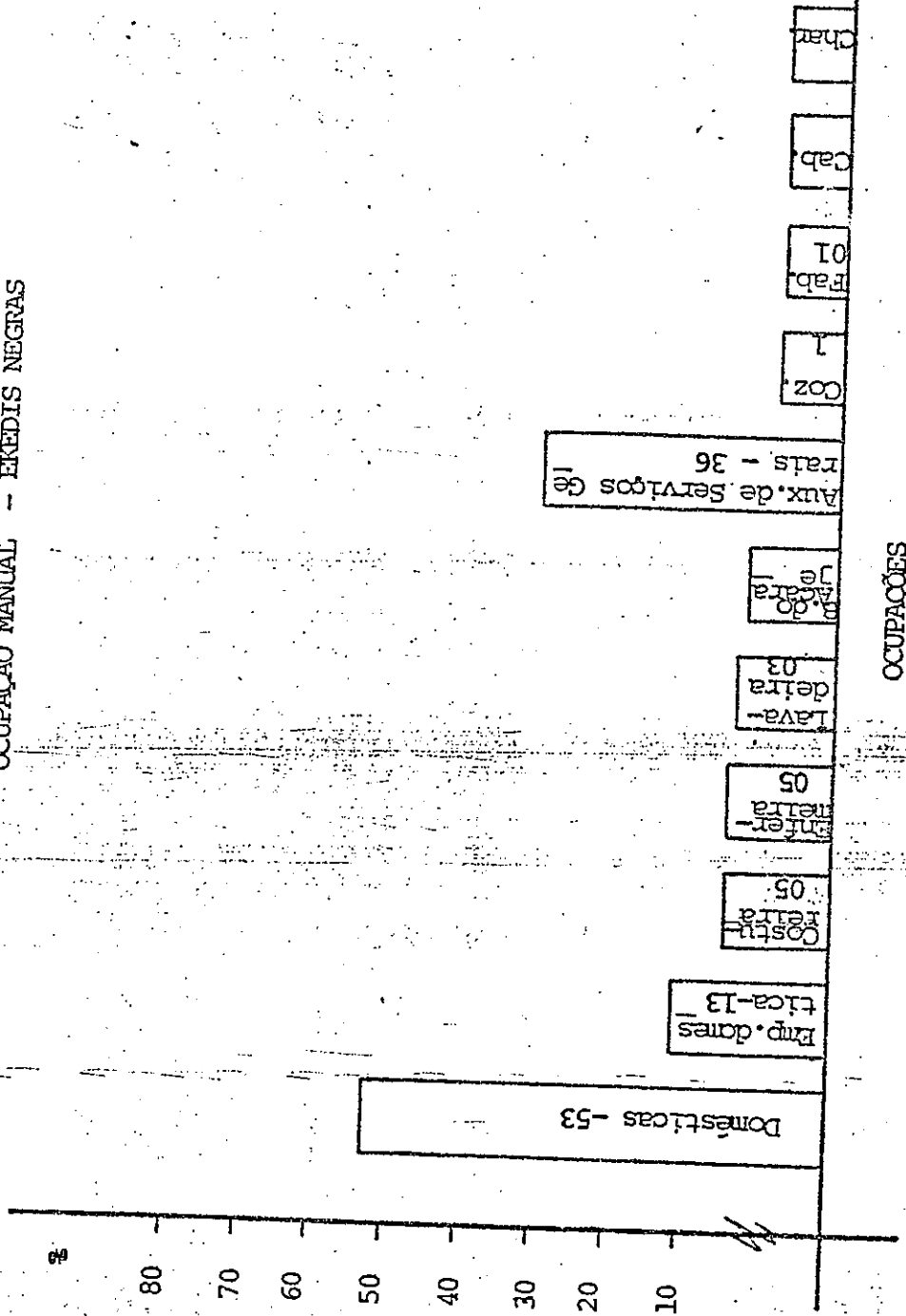
OCUPAÇÃO NÃO MANUAL	Nº DE PESSOAS	%
Professora de 1º Grau	11	61,0
Bancária	02	11,0
Estudante de 1º Grau	02	11,0
Comerciária	01	5,5
Contadora	01	5,5
Química	01	5,5
TOTAL	18	100,0

PROFISSIONAIS DE NÍVEL MÉDIO

OCUPAÇÃO	Nº DE PESSOAS	%
Professora de 1º Grau	11	55,0
Enfermeira	05	25,0
Bancária	02	10,0
Contadora	01	5,0
Química	01	5,0
TOTAL	20	100,0

XII.a - DISTRIBUIÇÃO DE AGENTES DO CANDOMBLÉ, SEGUNDO SUA POSIÇÃO RITUAL NO SISTEMA
 POSIÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE CIVIL -

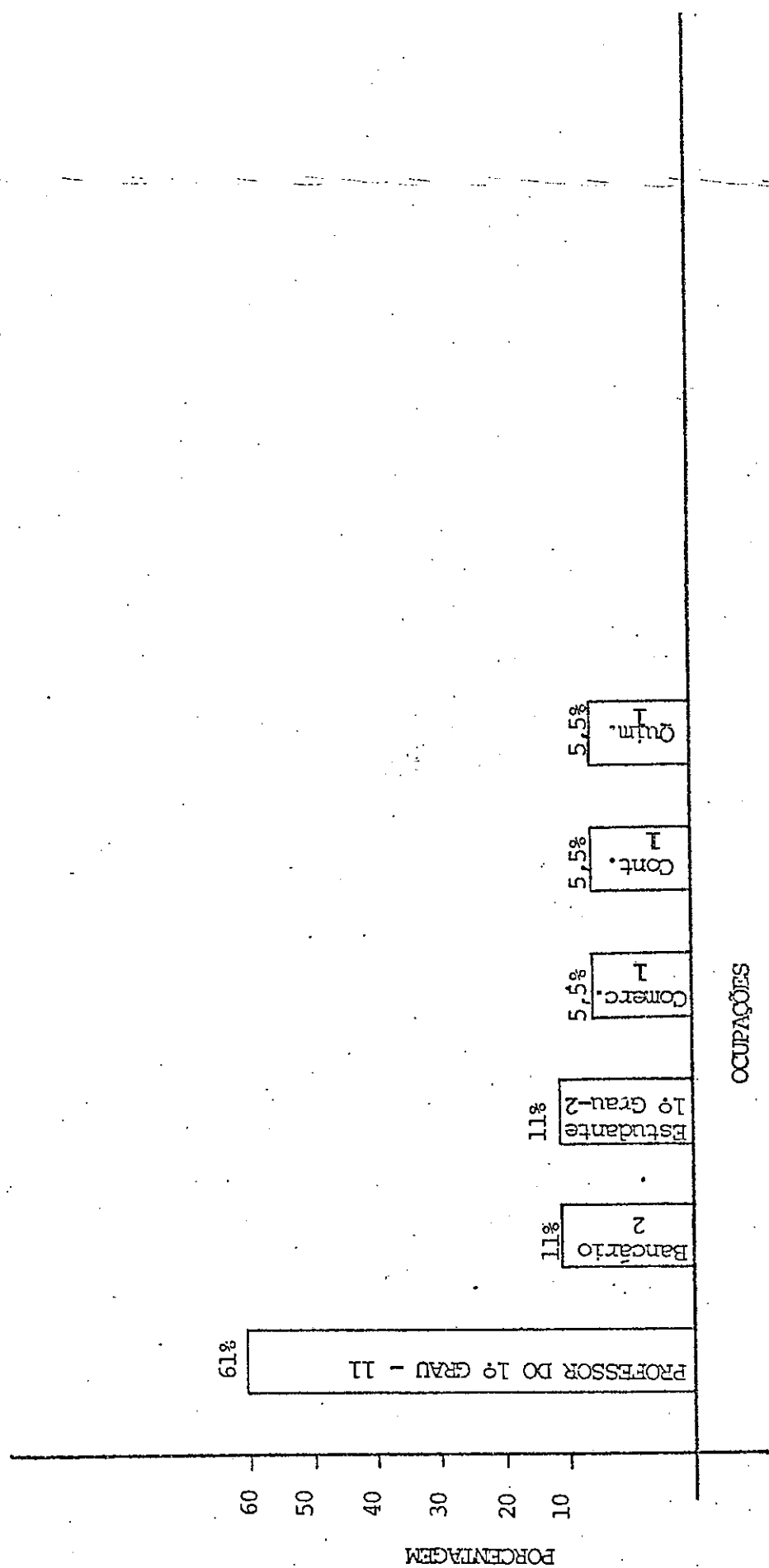
OCUPAÇÃO MANUAL - EKÉDIS NEGRAS



OCUPAÇÕES

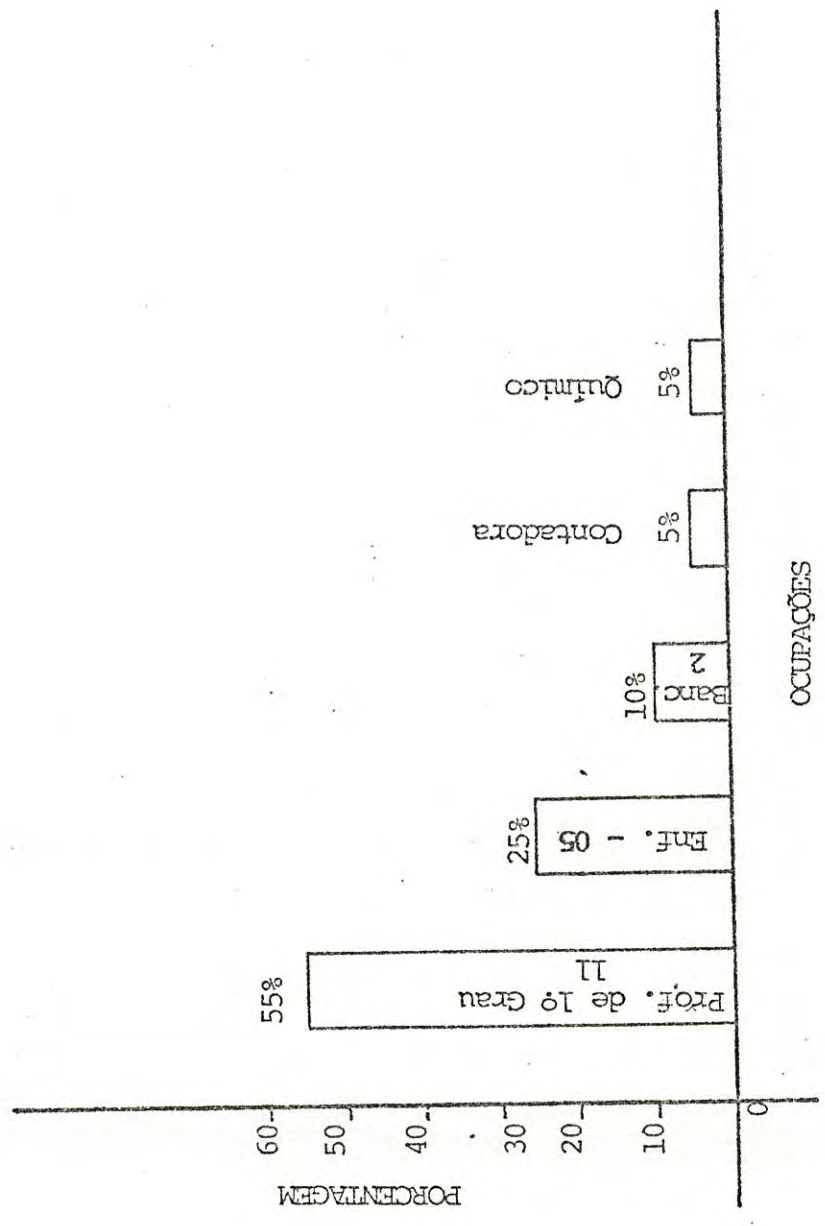
XII.a - DISTRIBUIÇÃO DE AGENTES RELIGIOSOS DO CANDOMBIÉ SEGUNDO SUA POSIÇÃO RITUAL NO SISTEMA RELIGIOSO E SUA POSIÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE CIVIL

OCCUPAÇÃO NÃO MANUAL - EKEDIS NEGRAS



DISTRIBUIÇÃO DE AGENTES RELIGIOSOS DO CANDOMBLÉ, SEGUNDO SUA POSIÇÃO RITUAL NO SISTEMA RELIGIOSO E SUA POSIÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE CIVIL

PROFISSIONAIS DE NÍVEL MÉDIO



4.3.5 Tempo de Orixá

Por Babalorixá de Iolarixá

Referências sobre Tempo de Orixá

TEMPO DE ORIXÁ — BABALORIXÁ OU YALORIXÁ

TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)	Nº DE BABALORIXÁ E YALORIXÁ	%
03	01	0,6
07	01	0,6
08	02	1,3
10	01	0,6
12	01	0,6
14	06	3,8
15	04	2,6
16	04	2,6
17	03	1,9
18	04	2,6
19	04	2,6
20	01	0,6
21	06	3,8
22	04	2,6
23	07	4,5
24	03	1,9
25	11	7,1
26	06	3,8
28	05	3,2
29	07	4,5
30	09	5,8
31	01	0,6
32	09	5,8

TEMPO DE ORIXÁ — BABALORIXÁ E YALORIXÁ (Continuação)

TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)	Nº DE BABALORIXÁ E YALORIXÁ	%
33	02	1,3
35	03	1,9
36	03	1,9
37	07	4,5
38	09	5,8
39	08	5,0
40	04	2,6
41	02	1,3
42	01	0,6
43	01	0,6
44	02	1,3
45	01	0,6
46	02	1,3
47	01	0,6
49	02	1,3
50	01	0,6
54	01	0,6
56	01	0,6
59	01	0,6
61	01	0,6
62	01	0,6
65	01	0,6
Sem resposta	01	0,6
TOTAL	156	100,0

TEMPO DE ORIXÁS — Significado

O que fortifica e dá razão de ser ao Candomblé, é, fundamentalmente, a ligação com os ANCESTRAIS, que hoje, se manifestam aqui, em nosso meio através dos ORIXÁS.

Em candomblé tempo é valor, é acúmulo de conhecimento, é espaço para se desenvolver, aprender mais e crescer dentro da Religião. A condição de mais velho no Candomblé confere status, respeito, há uma hierarquia sobretudo determinada pelo tempo ou a partir do tempo. Uma pessoa de Candomblé com início da obrigação de 3 a 7 anos é um Egbom, o que quer dizer MAIS VELHO, e pode ascender a qualquer posto, assumir até mesmo a cargo da mais alta dignidade — o de Mãe ou Pai de Santo (Babalorixá ou Yalorixá) a depender da força de seu Axé pessoal, de corresponder ao perfil adequado para o cargo a ser eleito.

O tempo deve ser acompanhado de um esforço pessoal da Filha ou Filho de Santo. Tempo é espaço para crescer para ganhar mais experiência e saber mais. O conhecimento dentro do Candomblé como em qualquer campo não se esgota e é preciso lutar por ele.

O tempo de Orixá para que ele realmente signifique além do grau hierárquico, um crescimento na Religião, se exige do Filho de Santo uma integração com a Mãe ou Pai de Santo, com as Irmãs de Santo no cumprimento das obrigações rituais,

na responsabilidade de cultivar e aprofundar a relação com o seu ORIXÁ, é o que fortalece a cabeça a força espiritual, o AXÉ do Filho de Santo, da Mãe ou Pai de Santo e do Terreiro em seu conjunto. [O Axé é fundamental. É força, e crescimento na Religião, é maior aprofundamento nos fundamentos, nos rituais, na essência do Candomblé. Essa relação que deve se estabelecer em clima de respeito à hierarquia, troca de saberes, estímulo a convivência solidária, desenvolvimento de capacidade de vida em comum. No candomblé há uma integração em dois níveis: nos fundamentos espirituais que constituem a RELIGIÃO e na Organização do TERREIRO. Tudo tem hora, tempo, lugar e forma um sistema.]

RESUMO

TEMPO DE ORIXÁ (ANOS)	NÚMERO DE BABALORIXÁ E YALORIXÁ	%
0 a 9	04	2,6
10 a 19	27	17,3
20 a 29	50	32,0
30 a 39	51	32,7
40 a 49	16	10,3
50 a 59	04	2,6
60 a 69	03	1,9
Sem resposta	01	0,6
TOTAL	156	100,0

TEMPO DE ORIXÁ	0-9	%	10-19	%	20-29	%	30-39	%	40-49	%	50-59	%
Nº DE BABA LORIXÁ E YALORIXÁ	4	2,6	27	17,3	50	32,0	51	32,7	16	10,7	03	2,6

TEMPO DE ORIXÁ	60-69	%	Sem Resposta	TOTAL	%	
Nº DE BABA LORIXÁ E YALORIXÁ	4	1,9	1	0,6	156	100

A Importância do Tempo como Afirmação de Continuidade de uma Cultura Religiosa mantida sem Liberdade e só pela força de Tradição e da Identidade

Nosso propósito através destes dados é o de mostrar a questão da tradição, se mantendo ao longo de mais de 400 anos de chegada dos escravos negros no Brasil, trazendo consigo uma religião própria — A Religião dos Orixás — que aqui no Brasil recebeu o nome de Candomblé.

Tivemos a preocupação de conhecer:

- . Atuais Babalorixaás ou Yalorixás (Pais e Mães de Santo);
- . O seu tempo de iniciado na Religião;
- . A sua origem na Religião, através da identificação de antigos Pais e Mães de Santo que vêm sustentando a tradição religiosa do Candomblé.

Estes dados nos mostram que, do universo que pesquisamos há "novos" Pais e Mães de Santo na faixa de três a sessenta e dois anos de iniciado em Orixá. O que significa que "os velhos" Pais e Mães de Santo mantiveram essa tradição, passando de um século a outro e pela frequência na continuidade de tempo apresentada, é possível assegurar que a religião esteve viva ao longo de todos os períodos da História. Essa continuidade representa uma força que sustenta a tradição, pela mesma razão de que é nela que o negro encontrou sempre a

força para resistir ao peso do seu passado histórico e mais forte que isso, é através da Religião dos Orixás — O Candomblé — que o negro redescobre ou continua a viver sua Identidade Cultural.

Dos cento e cinquenta e seis (156) Terreiros de Candomblé ouvidos, cento e cinquenta e cinco (155) responderam a este item através de seu Pai ou Mãe de Santo, Babalorixá ou Yalorixá. Encontramos esta categoria de Sacerdotes e Sacerdotisas com um mínimo de três anos de INICIADO na Religião dos Orixás e um máximo de sessenta e cinco (65), o que eles costumam insistir em chamar de "tempo que tenho de feito no Santo", ou de "iniciada na Seita".

D. Maria Francisca Costa (Bahia), nascida em 1905, assim declarou: "Tenho de Orixá setenta e sete (77) anos e de iniciada na Seita, trinta e nove (39) anos". Ela explica que, desde que nasceu tem seu Orixá. E depois foi feita como filha de Santo em 1943. No entanto, sua Casa de Candomblé, onde ela é Yalorixá (Mãe de Santo), só foi fundada em 1954. É filha de Sr. Bernadinho que foi iniciado por Sinhá Maria Nenen.

Voltamos a lembrar que o tempo de iniciado e a fundação da Casa representam um caminho a ser percorrido pelo Filho ou Filha de Santo, que muito tem de determinação do Tempo dos Orixás e de seu próprio destino espiritual e desempenho pessoal.

Apresentamos a seguir, um quadro onde se pode

ver mais claramente o tempo que têm de iniciado as Yalorixãs e Babalorixãs de quem nos referimos.

A concentração maior de Babalorixãs e Yalorixãs do universo pesquisado, conta entre vinte (20) e trinta e nove (39) anos de INICIADO — TEMPO DE ORIXÃ.

"O Candomblé como religião no Brasil e em particular na Bahia, data de quase dois séculos, e neste espaço de tempo, a dinâmica do culto, não parou, apesar dos obstáculos que tiveram que ser vencidos. E, em consequência desta continuidade ininterrupta, existem pessoas desde os 8 até os 69 anos de iniciação, nesta pesquisa. A idade cronológica da pessoa, não tem nada a ver com o tempo de iniciação. Dentro da hierarquia do Candomblé, o que conta é o tempo de iniciação, pois o iniciado passa a assumir posições de destaque dentro da comunidade e até mesmo, chegar à direção de um Terreiro.

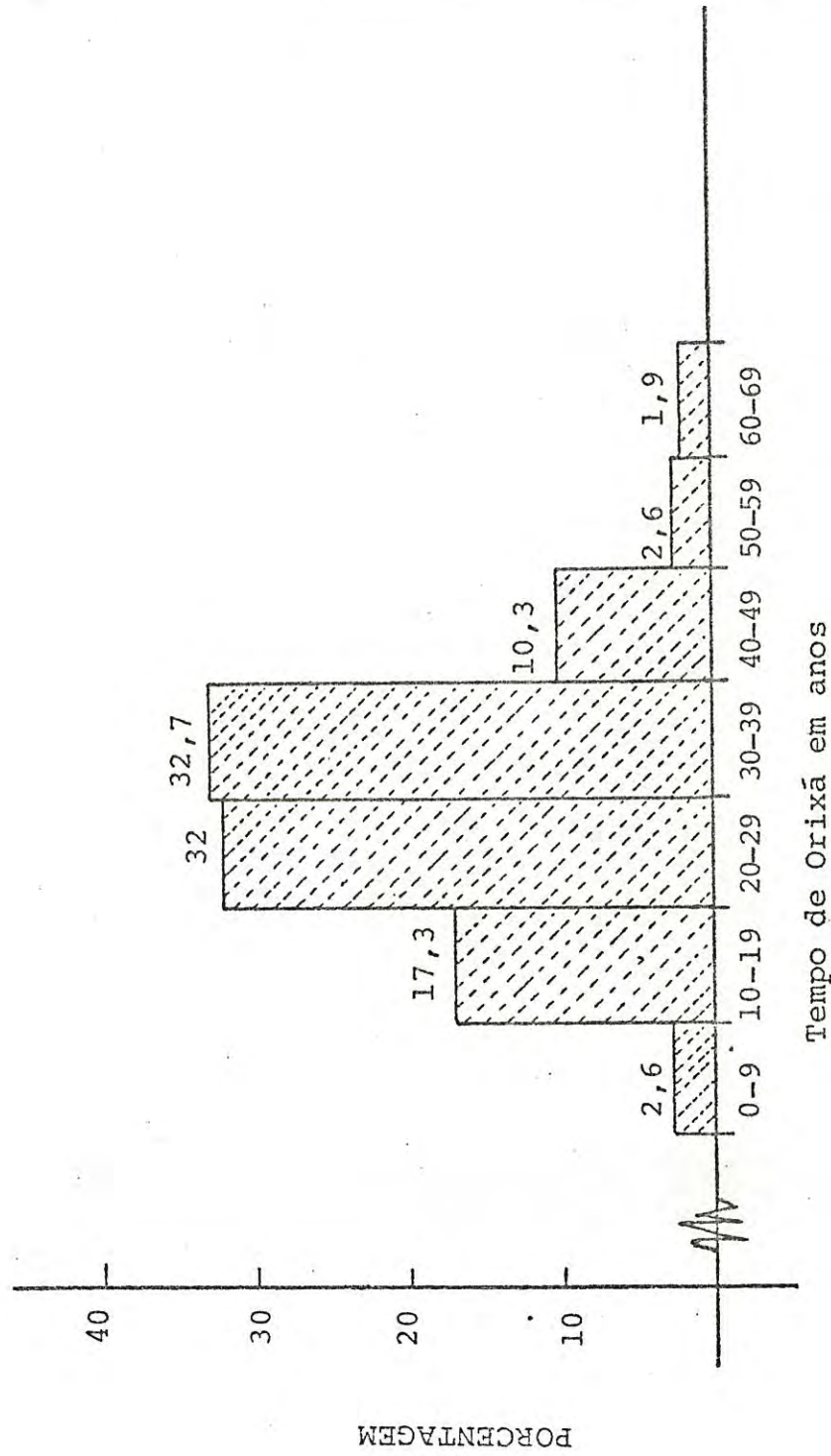
Tempo de Orixã implica uma série de obrigações da pessoa iniciada.

Começa com a iniciação, quando passa por um período de reclusão, para aprendizagem.

Depois, ao completar 1 ano de iniciado, faz-se uma nova obrigação. Ao completar 3 anos, vem nova obrigação. E quando completa 7 anos, novo período de reclusão e a confirmação definitiva como "Egbom", ou seja, mais velho. É quando a pessoa poderá receber o cargo de Babalorixã ou Yalorixã. Depois disto, vem as obrigações de 14 a 21 anos, que são apenas confirmações da condição de "Egbom" ou superior, dentro da Religião".

Aylton Raimundo Batista dos Santos Fa_{romi}, 1985.

Tempo de Orixá do Babalorixá ou Iyalorixá (Tempo de iniciação na religião)
Distribuição dos Babalorixás e Iyalorixás
por tempo de Orixá



4.3.6 Distribuição dos Agentes Rituais pela Posição que Ocupam no Sistema Religioso do Candomblé

Relativamente às atividades desempenhadas pelas Filhas e Filhos de Santo, optamos por destacar aquelas atividades declaradas pelo Pai ou Mãe de Santo. Podemos constatar que as funções rituais de um Filho ou Filha de Santo estão diretamente relacionadas:

- . aos Orixás
- . às Obrigações feitas aos Orixás
- . à Seita
- . ao Axé
- . às Manifestações dos Orixás

São elementos que definem a essência mesma do culto e que só as Filhas de Santo guiadas por seu Pai ou Mãe de Santo podem realizar. As respostas não podem ser mais explícitas quanto aos fundamentos. Os Filhos e Filhas de Santo SÃO os SUJEITOS que determinam a razão de ser do sistema religioso do Candomblé. A responsabilidade maior do Pai ou Mãe de Santo é zelar pelo AXÉ de seus filhos.

Algumas atividades expressam também a participação dos Filhos ou Filhas de Santo junto:

- . as festas
- . ao barracão
- . às danças

- . aos cantos
- . a arrumação do Terreiro
- . a aparência da Casa
- . a atenção aos visitantes
- . a imagem da Casa de Candomblé e seus rituais abertos em cerimônias de Festas dos Orixás.

É possível observar, ao relacionar as atividades, que um sentido de:

- . coordenação das ações do Filho ou Filha por parte do Pai ou Mãe de Santo;
- . participação de todos em todas as atividades na dependência de "seus poderes e seus graus",
- . explicação de que há diferença na divisão de tarefas entre brancos e negros, ricos e pobres.

Do total das cento e cinquenta e duas (152) Casas ouvidas sobre este ítem, onde não declararam.

Das cento e cinquenta e uma (151) respostas obtidas enumeramos aquelas que correspondem às funções básicas junto ao Orixá e ao Axé.

E citaremos textualmente, em anexo, algumas respostas que independente de funções de natureza específica, traduzem o pensamento mais profundo do Babalorixá ou Yalorixá, com relação ao papel ritual de seus Filhos e Filhas de Santo.

O que fazem as Filhas(os) de Santo?

Algumas respostas textuais dos próprios Babalorixás ou Yalorixás:

- "São acompanhantes do Babalorixá ou Yalorixá".
- "Rodam com o Santo".
- "Ajudam a puxar o Santo, cantam e dançam".
- "Cuidam de fazer rolar o Santo".
- "Dançam e cantam. Puxam a Festa".
- "Cozinham, arrumam a casa. Além de suas Obrigações como pessoa da Seita".
- "Tudo que é preciso, pois eles são os donos da Casa".
- "Além das Obrigações com os Orixás, todo o serviço para a festa sair bonita".
- "Preparam o Terreiro para receber bem as visitas".
- "Os daqui além dos Preceitos, as arrumações".
- "Bem, você perguntou quantos eu tinha brancos, os que eu tenho são pobres e fazem tudo que se precisa na Seita, igual aos de cor. Arrumam, cozinham. Cantam tudo".
- "Todos os serviços da Seita conforme sua categoria e seus poderes".

- "Cantam, dançam, rezam, cozinham, arrumam tu do do que se faz em um Terreiro".
- "De tudo que é trabalho doméstico, aqui não tem este negócio de preto ou branco, rico ou pobre, tudo é igual".

FILHOS DE SANTO

"Bem, assim como toda a dinâmica da vida o Candomblé evoluiu até ao status da Religião, e o povo do Candomblé evoluiu social e culturalmente. Há 3 décadas, havia uma predominância de analfbetos nos Terreiros de Candomblé. Hoje esta situação está se revertendo constatando-se já, predominância de pessoas alfabetizadas, incluindo pessoas com 2º grau e até mesmo, profissionais liberais. O nível econômico das pessoas também melhoraram, em decorrência normal da condição profissional de cada um. Porém, existem ainda muitas pessoas de origem humilde, de baixo poder aquisitivo e sem muitas oportunidades na sociedade e no mercado de trabalho. No entanto, a situação humilde destas pessoas, não as impede de galgarem a altos postos dentro da hierarquia do Candomblé, pois a cultura e sapiência dentro da Comunidade do Candomblé difere da Cultura Acadêmica da Sociedade Civil. Portanto, pessoas totalmente anônimas no seio da Comunidade Civil, semi-analfabetas, podem chegar a posições de destaque do Candomblé, pois a cultura negra é transmitida oralmente, dentro da tradição quatrocentenária, legada pelos antepassados africanos que aqui aportaram como escravos.

Aylton Raimundo Batista dos Santos Faromi: 1985.

OGANS

Já nos referimos aos papéis dos Ogans. São consagrados, participam do poder espiritual do Axé do Terreiro e desempenham funções de grande importância no Terreiro.

Funções que desempenham os Ogans pela natureza de sua posição ritual nas comunidades Terreiro de Candomblé.

Os OGANS são normalmente escolhidos como pessoas que apresentam condições de desenvolver atividades ligadas ao culto, como vimos da descrição de suas funções. Os OGANS realizam: a matança (os sacrifícios rituais junto com os BABALORIXAS e YALORIXÁS), tocam atabaques^{13/}, cantam para os ORIXÁS e tomam conta do Salão de Festas no Barracão. Além destas funções os OGANS são também um grupo de apoio a Casa. Há referência nas funções atribuídas aos OGANS: as atribuições organizativas e administrativas.

"Ele é quem toma conta de tudo". "Eu não sei ler, meus OGANS que ajudam tudo da Casa e do Preceito". E mais uma vez as profissões por eles exercidas no mundo do trabalho são na sua imensa maioria de classe subalterna com raras exceções, conforme atestam os dados da Pesquisa.

Consideramos para melhor apreciação dessas atividades, destacá-las por grupos que reúnem OGANS que desempenham um certo número de funções, que se constituem como apoio fundamental à realização dos próprios fundamentos do culto em ceri

mônias internas ou em festas de Barracão.

Neste sentido constituimos três grupos de respostas — e, conseqüentemente, de qualificação dos OGANS — no exercício de suas funções:

O QUE FAZEM OS OGANS?

GRUPO A — OGANS que desempenham duas funções fundamentais e que constituem cargos de significação no Candomblé:

- . fazem matança
- . tocam atabaques

São dois cargos especiais:

- . os AXOGANS — fazem matança: os sacrifícios rituais
- . os ALABÊS — tocam atabaques nas cerimônias rituais.

GRUPO B — OGANS que desempenham quatro das funções fundamentais e que têm significação no Candomblé:

- . fazem matança
- . tocam atabaques
- . cantam
- . tomam conta do salão

GRUPO C — OGANS que além dessas atividades, participam de atividades de natureza organizativa, administrativa, e participam de outros tipos de serviços ligados a Seita como: providenciar as folhas, ajudar nos Ebós, etc.

Agrupamos as respostas que têm maior significação para os fundamentos do Candomblé e expressam uma versão maior da participação dos OGANS. No exercício dessas funções eles também se reencontram com a sua Identidade.

Estas respostas são falas de Pais e Mães de Santo a respeito de seus Ogans.

- "Meus Ogans fazem matança e tocam ajudando os Alabês como também cantam, fazem compras no carro deles para a Casa e mantêm a ordem".
- "Meus Ogans fazem matança, tomam conta da Casa nos dias de Festas".
- "Aqui ele é tudo. Faz matança, canta, toca e toma conta do Salão".
- "Fazem matança, tocam, puxam as cantigas, ornamentam, e tudo que, no caso de um chefe de família faz sendo homem".
- "Ajudam no Barracão a manter a ordem e nos serviços de AXÉ mesmo".
- "São assim como Protetores Civis, alguns, ou

tros ajudam nos serviços da Seita".

- "Fazem aqui, gambiarras, matança, mantêm a ordem, ajudam a ir aos mercados para comprar as coisas do AXÉ".
- "É só de sala".
- "Fazem matança, ajudam nos atabaques, cantam e mantêm a ordem".
- "Olhe, tem Jois que tomam conta de minhas coisas pois não sei ler. Os outros ajudam nas coisas do Preceito, matança, tirar folha e o que aparecer".
- "Olhe meu filho, eu tenho quatro Ogans, que são meus ajudantes realmente nos AXÉS, agora os outros são OGANS modernos que, nem EU nem OXUMARÉ, pode confiar de entregar a eles o AXÉ, é só Protetor Civil".
- "OGANS fazem as matanças, pois são ALABÊS e AXOGANS, também tudo. Como você só pergunta por OGANS, EKEDIS e MOGBÁS aí agora eu falo, que OGANS faz tudo, toca, canta e o mais que se vê em Candomblé, agora MOGBÁS aqui não tem, porque aqui não é Casa de Xangô".

"Ogans são cargos importantes dentro do Candomblé. Semelhante às Ekedis,

passam pela iniciação e por um aprendizado, para exercerem suas funções dentro do Terreiro. Existem os "Alabês", encarregados de dirigir o toque dos atabaques nas cerimônias. Os Oxoguns e Afikodes, encarregados dos sacrifícios ritualísticos. Os Mogbās, que são os Ministros de Xangô. E os Ogans que realmente atendem por este nome, que são encarregados de tomar conta do Barração (local das cerimônias públicas), orientar os visitantes em dias de cerimônia, e, muitas vezes, dirigir os cantos rituais de louvação aos Orixás.

A situação sócio-econômica e cultural não influi na escolha e aceitação da pessoa para exercer estes cargos, pois a escolha se faz de acordo com a vontade e desígnios dos Orixás.

São considerados e tratados como Pai, pelos membros da Comunidade.

Auxiliam também o Babalorixá ou Valorixá nos trabalhos do Terreiro, e financeiramente".

Aylton Raimundo Batista dos Santos Faromi, 1985.

EKEDIS

"É uma espécie de Mãe Pequena que o Orixá não manifesta, aí se vê que ela é quem toma conta do Orixá".

(Depoimento de uma Yalorixá)

FUNÇÕES QUE DESEMPENHAM AS EKEDIS PELA NATUREZA DE SUA POSIÇÃO RITUAL NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Chegamos a algumas conclusões muito pessoais a partir das respostas que nos foram dadas pelas cento e vinte e seis (126) Casas ouvidas, sobre a questão:

1. As funções da EKEDIS estão muito diretamen

te ligadas ao Pai de Santo ou Mãe e Santo.

2. Passam pela EKEDI funções da maior responsabilidade, porque o Pai ou Mãe de Santo, reparte com ela seu poder espiritual enquanto pessoa de sua confiança, de sua companhia e que com a YALORIXÁ ou BABALORIXÁ é também responsável pelo sagrado em tudo que se refere:

- . aos Orixás
- . aos Fundamentos
- . as Obrigações
- . aos Preceitos
- . ao Culto
- . ao Conhecimento
- . ao Respeito aos mais velhos
- . à Formação dos mais moços.

3. A EKEDI está presente na cozinha, como alguém que, conhecendo os Fundamentos ajuda as Filhas á prepararem a comida do Santo — as oferendas de preceito.

4. A EKEDI enxuga o Santo porque ela pode tocar nos Orixás. Ela veste os Santos porque ela deve ter o domínio do conhecimento do que constitui uma vestimenta e a natureza simbólica ou o que caracteriza um Orixá.

5. A EKEDI cuida dos Orixás. A EKEDI toma conta

dos Orixás.

6. A EKEDI cuida dos Filhos de Santo que recebem os Orixás. Ela cuida do transe. Ela toca, por designação e por participação dos poderes do Pai ou Mãe de Santo. Ela toca muito de perto nas COISAS SAGRADAS.

Agrupamos as funções das EKEDIS pela natureza dos serviços que prestam junto aos Orixás e ao Axé; aos Filhos de Santo; e transcrevemos citações textuais de Babalorixás e Yalorixás sobre o que representam as EKEDIS em seus Terreiros de Candomblé.

O QUE FAZEM AS EKEDIS?

a) Junto aos Orixás e Axé

- . Tomam conta dos Orixás, é uma espécie de Mãe Pequena.
- . São responsáveis pelos Orixás, vestem os Orixás, fazem Ocês com os Filhos e Filhas de Santo.
- . Cuida do Santo e é responsável na minha ausência.
- . Ajudam no serviço do Axé. Amparam e vestem os Orixás.

- . Cuidam dos Orixás, enxugam suor do Santo e dados de comida pros Santos.
- . Dividem a comida e não deixa invadirem os Roncós.
- . Ajudam a preparar as comidas dos Orixás e cuidar dos Pégis junto às Filhas de Santo.
- . Ajudam na preparação dos Axés, amparam e vestem os Orixás.
- . Tomam conta dos Orixás e das Filhas de Santo, quando começam a ser pegadas no Santo. Costuram as roupas, fazem Adé (a coroa), vestem e enxugam os Orixás.
- . São as responsáveis pelos Orixás na Sala, vestem, enxugam.
- . Vestem os Santos e me substituem junto as EBAMES, quando não estou.
- . Vestem os Orixás e tomam conta da Casa. Ajudam os Ogans nos serviços e nos Axés, substituindo as coisas que não podem fazer os Yalorixás.

b) Junto aos Filhos de Santo quando estão mani
festados e outros serviços do Axé.

. Vestem os Santos, enxugam quando estão sua
dos e amparam os Filhos quando entram no
Santo.

. Recebem os convidados, são mesmo umas Mães.

. Veste o Santo, enxuga o suor, ou melhor,
toma conta dos Filhos quando estão manifes
tados.

. Vestem os Orixás e me ajudam no respeito
aos Fundamentos.

. Vestem os Santos e comigo põem as comidas
dos Orixás.

. Vestem os Santos, costuram prá eles, arru
mam as comidas e tomam conta dos Filhos de
Santo, quando começam a ter as coisas do
Santo.

. Ajudam na cozinha do Axé, vestem os Santos,
tomam conta do Salão e ajudam a preparar a
comida.

. Vestem e tomam conta dos Orixás dentro do
Barracão e dos Pegís. É uma Mãe Pequena.

- . Vestem os Orixás, enxugam e cozinham. Olhe, são as responsáveis, depois de mim, pelos Orixás.
- . Por enquanto só enxugam os Orixás, pois ainda não são confirmadas.

Transcrevemos algumas declarações textuais para acentuar o caráter sagrado de que se reveste o papel ritual das EKEDIS através das declarações dos próprios BABALORIXÁS ou YALORIXÁS.

- "São umas Mães Pequenas, pois elas são responsáveis pelos Orixás".
- "É uma espécie de Mãe Pequena, que o Orixá não manifesta, aí se vê que ela é quem toma conta do Orixá".
- "São a segunda pessoa da YALORIXÁ. Não recebem os Orixás. Tomam conta dos Santos. Apesar de que eu ainda não confirmei nenhuma".
- "Esta é o meu braço direito, pois ainda não tenho YAKEKERÊ, tudo do AXÉ está comigo e ela".
- "Aqui EKEDI tem muito o que fazer, elas são responsáveis pelos Orixás manifestados".
- "É uma encarregada dos Orixás".

- "são responsáveis pelos Orixás quando baixam".
- "Cuidar dos Santos".
- "Aqui a EKEDI que me substitui. Pois eu fiquei com o Terreiro do meu Pai de Santo".
- "São responsáveis pelos Orixás e vamos todos dever obrigações a ela, é o mesmo que ser MÃE PEQUENA".
- "É quem me ajuda nos preceitos lá dentro e é responsável pelos Orixás no Salão".
- "Tomam conta dos Orixás e ajudam a preparar os AXÉS".
- "Segunda pessoa do Pai de Santo, como o médico tem seu enfermeiro".

"Ekedi é uma figura exponencial de grande valor dentro de um Terreiro de Candomblé. São pessoas que passam por uma grande obrigação de iniciação semelhante à iniciação de Iayô (Filho de Santo). Recebe também um preparo especial, para zelar pela unidade do Terreiro, auxiliando o Babalorixá ou Yalorixá nas obrigações fundamentais da Casa, e os substituindo em eventuais im pedimentos.

Também tomam conta dos Filhos de Santo quando entram em transe. Hierarquicamente, tem um papel de maior importância dentro do culto do que os Ogans.

Quanto à situação sócio, econômica e cultural, não influi na escolha e aceitação da pessoa para exercer o cargo, mesmo porque, a escolha e confirmação é feita de acordo com a vontade dos Orixás.

São consideradas e tratadas por Mãe, por todos os membros do Terreiro".

Aylton Raimundos Batista dos Santos Faromi, 1985.

S Í N T E S E D A S F U N Ç Õ E S

BABALORIXÁS E YALORIXÁS	OGANS	EKEDIS
FUNÇÕES QUE DESEMPENHAM	FUNÇÕES FUNDAMENTAIS	
Guardiãs de uma tradição religiosa trazida da África há mais de 200 anos, pelos seus ancestrais	GRUPO A	
Responsáveis pela preparação de novas gerações que serão continuadores dessa tradição	- Fazem matança	a) Quanto aos Orixás e serviços de Axé
São mestres de tradição oral, não há registros dos fundamentos dos Candomblés trazidos pelos africanos	- Tocam atabaques	- Tomam conta dos Crixás, é, uma espécie de Mãe Pequena
Responsáveis pela coordenação de todos os trabalhos religiosos ou não, que são realizados em seus Terreiros, fundamentos, preceitos, obrigações, rituais, festas e recepções ao público	- Cantam	- São responsáveis pelos Orixás, reluz os Orixás, razem ocês com os Filhos e Filhas de Santo
Eles, através dos jogos de Búzios advinharem a sorte das pessoas	- Tomam conta do Salão	- Cuida do Santo e é responsável na minha ausência
Tem conhecimento de medicina natural, de farmácia. Curam através do profundo conhecimento das folhas, das ervas das plantas e das raízes	GRUPO B	- Ajudam nos serviços de Axé. Anparam e vestem os Orixás.
Conhecem todos os trajes correspondentes a cada Orixá e sabem normalmente fazê-los o que implica em arte, pintura, desenho, decoração, costura, bordado, criação de modelos a partir de padrões básicos que caracterizam o Orixá	- Fazem matança	- Cuidam dos Orixás, enxugam suor dos Santos e dados de comida pros Santos.
Constroem suas casas de palha e alvenarias	- Tocam atabaques	- Dividem a comida e não deixam invadir os Roucoôs.
Cozinha muito bem	GRUPO C	- Ajudam a preparar as comidas dos Orixás e cuida dos Pegis junto aos Filhos de Santo.
Conhecem todos os toques e cantos, para todas as cerimônias do culto, tocam e cantam os rituais e as músicas	- Organização	- Ajudam na preparação dos Axés, anparam e vestem os Orixás.
Conhecem os ritmos próprios de cada canto para cada Santo. Sa bem dançar muito bem, porque são eles que ensinam seus Filhos de Santo	- Administração	- Tomam conta dos Crixás e dos Filhos de Santos. Costuram as roupas, fazem ADE (a coroa) vestem e enxugam os Orixás.
	- Providenciam folhas	- São os responsáveis pelos Orixás na Sala, vestem, enxugam.
	- Ajudam nos Ebôs	- Vestem os Santos e me substituem junto os EBANES, quando não estou.
	Outras atividades (segundo respostas)	- Vestem os Orixás e tomam conta da Casa. Ajudam os Ogans nos serviços e nos Axés substituindo as coisas que não podem fazer as Yalorixás.
	- Fazem matança e tocam ajudando os Flabês como também cantam, fazem compras e ajudam a manter a ordem	b) Quanto aos Filhos de Santo quando estão manifestados e outros serviços de Axé
	- Aqui ele é tudo. Faz matança, canta, toca, e toca conta do Salão.	- Vestem os Santos, enxugam quando estão suados e anparam os Filhos quando estão de Santo.
	- Fazem matança, tocam, puxam as cantigas, ornamentam e tudo que no caso de um chefe de família faz sendo homem.	- Recebem os convidados, são mesmo uma Mãe
	- Ajudam no Barracão manter a ordem a ordem e nos serviços de Axé mesmo	- Veste o Santo, enxuga o suor, ou melhor, toma conta dos Filhos, quando estão manifestados.
	- São assim como protetores civis, alguns, outros ajudam nos serviços da Stela.	- Vestem os Orixás e ajudam no respeito aos fundamentos.
	- Fazem matanças, ajudam nos atabaques, cantam e mantêm a ordem	- Vestem os Santos e comigo põe as comidas dos Orixás.
	- Olhe, tem dois que tomam conta de minhas coisas pois não sei ler. Os outros ajudam nas coisas dos preceitos, matança, tirar folhas e o que aparecer.	- Vestem os Santos, costumam para eles, arrumam as comidas e tomam conta dos Filhos de Santo quando começam a ter as coisas do Santo.
	- Olhe meu filho eu tenho quatro Ogans, que são meus ajudantes realmente meus Axés, agora os outros são modernos que nem EU nem ONUMARÉ, pode confiar de entregar a eles o AXÉ é só coletor civil.	- Ajudam na cozinha do Axé, veste os Santos, tomam conta do salão e ajudam a preparar a comida.
	- Ogans fazem as matanças, pois são ALEBÊS e AXOGANS, também, tudo. Como você só pergunta por OGANS, EKEDIS e MOGRÁS aí agora eu falo, que OGANS faz tudo - toca, canta e o mais que se vê em Candomblé, agora MOGBAS aqui não tem, porque não é Casa de Xangô.	- Vestem e tomam conta dos Orixás dentro do Barracão e dos Pegis. É uma Mãe Pequena.
		- Vestem os Orixás, enxugam e cozinham. Olhe são as responsáveis depois de mim, pelos Orixás.
		- Por enquanto só enxugem os Orixás, pois ainda não são confirmados.
		FUNÇÕES (RESUMO)
		- Tomam conta
		- Cuidam
		- São responsáveis
		- Vestem
		- Enxugam
		- Reparam comidas
		- Cozinham a comida dos Santos

5 AS RELAÇÕES NO MEIO DO TERREIRO

5 AS RELAÇÕES NO MEIO DO TERREIRO

5.1 Hierarquias Estabelecidas

- 5.1.1 Identificação dos Babalorixás e Yalorixás
- 5.1.2 Funções e perfis das hierarquias
- 5.1.3 Hierarquias estabelecidas e a questão da Identidade negra: tradição de origem africana.

5.2 Relações Cerimoniais

- 5.2.1 As festas
- 5.2.2 Função das cerimônias como elementos de coesão e Identidade do grupo: conservação da herança, transmissão de valores.

5.3 Fundação dos Terreiros

- 5.3.1 Histórico ou motivações e significados dos seus nomes
- 5.3.2 Motivação e suas relações com a Identidade e solidariedade

5.4 Terreiro e a Questão Social

- 5.4.1 Atitude ante os problemas sociais
- 5.4.2 Respostas teóricas e práticas no interior dos Terreiros



5.5 Relação Entre Terreiros

5.5.1 Como influe na Identidade e na solidariedade

5. AS RELAÇÕES NO MEIO DO TERREIRO

5.1. HIERARQUIAS ESTABELECIDAS

5.1.1. Identificação dos Babalorixás e Ialorixás

	Nome	Tempo de Orixá	Procedência (Filiação Religiosa)	Trabalha Fora: sim? em que	Grau de Instrução
001	Adalyton - Babá Kossi Deni	19 anos	Lourdes da Casa Branca	não	Primário
002	Adalgia - Dofona de Eud	38 anos	Ionun Dinusf	não	Semi Analfabeto
003	Alair de Santana - Dea	25 anos	Vandinho Ajaguné	não	Primário
004	Alafde da Silva	26 anos	A Loyá	não	Semi Analfabeto
005	Alice Silva	16 anos	Ana Joaquina	não (recebe pensão: viúva)	Primário
006	Alice Santos Souza	40 anos	Guilherme Barbosa - Boró	não	Primário
007	Alípio Isidoro	25 anos	Josefina de Almeida	não	Semi Analfabeto
008	Aloísia Lopes da Luz (Dona Lúcia)	28 anos	Lizandro - Dodó	não	Primário
009	Álvaro Santos	30 anos	Eredina de Oxum	sim (funcionário público)	Primário
010	Aldacy Barreto	19 anos	Elpidia	sim (professora)	Segundo Grau
011	Andreza Amorim	29 anos	Eredina de Oxum	não	Semi Analfabeto
012	Antonio Augusto Sapucaia	59 anos	Jubirabá Ariaxis	sim (ex-func. Escola Fed. de Medicina)	Primário
013	Antonio Celestino Pereira	21 anos	Nelson José do Nascimento (S. Pequeno)	não	Primeiro Grau
014	Antonia Teles	24 anos	João da Rua do Sabão	não	Semi Analfabeto
015	Arlinda de Oxossi	30 anos	Maria Violão	não	Primário
016	Balbina Cordeiro Santos	23 anos	Odé Toqui	não	Primário
017	Beatriz de Oliveira Silva	18 anos	Berenice Rodrigues da Silva	não (viúva - recebe pensão)	Primário
018	Benedita Duarte Beró	26 anos	Olga Calocy	não	Semi Analfabeto
019	Benedita A. Costa	35 anos	Jaime de Obá	não	Primário
020	Bernardino dos Santos - Beretu	38 anos	Manoel Rufino de Oxum	sim (func. público - servente)	Primário
021	Benevaldo Carvalho	14 anos	Sinhosinho	sim (func. público) servente auxiliar	Primário
022	Brasília Maria da Conceição - Joey	28 anos	Angelina	sim (vende acarajé)	Semi Analfabeto
023	Cacilda Amorim	20 anos	Mariuzinha	não	Primário
024	Carmilha do Congo	25 anos	Celina de Yemanjá	não	Primário
025	Carriosa	18 anos	Odé Toqui	não	Primário
026	Carlita Souza	25 anos	Sr. Miguel (Denandá)	sim (vendedor em feira livre)	Primário
027	Carlinda Costa	*36 anos	Manoel Falofá	sim (funcionário público)	Primeiro Grau
028	Carmelita Xaquim (substituta de Arcanija de Xangô)	46 anos	Maria Badá e Sirtaco	sim (vende acarajé num clube)	Primário
029	Carmen Alves Silva	49 anos	Cecílio	não (aposentado)	Primário
030	Ceci	14 anos	Mirinha	não	Semi Analfabeto
031	Cecília Rodrigues Maclado	21 anos	Torosi de Cachecira	não	Alfabetizada
032	Celia Maria do Rosário Carvalho	18 anos	Odé Toqui	não	Semi Analfabeto
033	Celia Moreira	38 anos	Oxalá falaqué	não	Primário
034	Celia Neves dos Santos	32 anos	Inocência de Maragogipe	não	Semi Analfabeto
035	Cícero Fernandes	25 anos	S. Senhorsinho	sim (funcionário público)	Primário
036	Clarice Santana	39 anos	Sr. Antonio Bandeira, Sr. n.º	sim (funcionário público)	Primário
037	Claudionor dos Santos	15 anos	Vandinho Ajaguné	sim (auxiliar enferm. em hospital)	Primeiro Grau
038	Cleonice	30 anos	Dona Irene da Casa Branca	sim (enfermeiro particular)	Analfabeta
039	Clotildes Climaco dos Santos	54 anos	Luis Pereira França (falecido há 23 anos)	sim (vendedora ambulante)	Alfabetizado
040	Cremilda dos Santos	15 anos	Sinhosinho de Airá	sim (funcionário público)	Primário
041	Crescência Rodrigues	36 anos	Lourdes Ominayó	não	Segundo Grau
042	Crisóteres José da Silva - Jilodé	29 anos	Maria Bibiana do E. Santo - Dona Senhora	sim (auxiliar de enfermagem)	Analfabeto
043	Damiana Maria de Santana	56 anos	Antonio Oxumaré	não	Primário
044	Dilson Nascimento	28 anos	Sr. Jaime	sim (tem restaurante)	Primário

	Nome	Tempo de Orixá	Procedência (Filiação Religiosa)	Trabalha fora: sim? em que?	Grau de Instrução
045	Doralice Messias	17 anos	Antonio de Ogum	não	Primário
046	Dona Amélia	35 anos	Yá Borin	não	Semi Analfabeto
047	Dona Maura de Oxum	39 anos	Severo de Exu	não	Primário
048	Edalberto Teixeira Santos	25 anos	Manoel Dedé do Alin	sim (estivador)	Alfabetizado
049	Edmilson Jorge dos Santos	17 anos	Maria Cristina dos Santos - Cacundé	sim (Tipógrafo)	Primeiro Grau
050	Edna Marurício do Carmo	38 anos	Maria José de Amarília	não	Analfabeto
051	Edvaldo Alves	22 anos	Coice de Burro	sim (alfaiate)	Primário
052	Edvaldo Sarará	25 anos	Maria Baiana	sim (navegação baiana)	Primário
053	Eiza de Itapuá	22 anos	Vallinho de Roko	não	Alfabetizado
054	Esmeraldina Sirlia Silva	32 anos	Procípio de Ogum	não	Primário
055	Ester Veloso	14 anos	Antonio Silva	não	Alfabetizado
056	Eurides de Oliveira	40 anos	Nicinha - Otun de São Félix	sim (tem quitanda)	Primário
057	Evangelista de Anunciação	38 anos	Eduardo Apolidoro	sim (funcionária pública)	Alfabetizada
058	Telcio Santos Moreira	14 anos	Sisi de Oyé	sim (ensina)	Primário
059	Fernando Nonato Barbosa	24 anos	Helena Aloyá	sim (funcionário do Mobral)	Primeiro Grau
060	Fernando Barbosa	25 anos	Zé do Mocotó	sim (funcionário público)	Primeiro Grau
061	Francisco Almeida	18 anos	Rufino de Oxum	sim (temum barzunho)	Primário
062	Francisca dos Santana - China de Mineiro	16 anos	Maria Benardina de Sena	não	Primário
063	Gilcélia Bahia	29 anos	Mãe Tanca	não	Alfabetizada
064	Henrique de Jesus Garcia	32 anos	Andreza de Agué	não (é aposentado dos correios)	Alfabetizada
065	Henrique Lúcio	32 anos	Tibureio Saluê	sim (funcionário público federal)	Primário
066	Hermelinda	39 anos	Rufino de Oxum	não	Primário
067	Iracy Silva	12 anos	Adaylton Babá Kosi	sim (trab. na cantina do COT)	Primário
068	Irassilda de Jesus	21 anos	Dofona de Yemanjá	sim (vende confecções)	Primário
069	Jacinto Matos	23 anos	Toquin	sim (feirante)	Analfabeto
070	Jandira Borges	24 anos	Vardinho Ajagumé	sim (vende confecções)	Primário
071	Joca Sucessor	28 anos	Banduague (Antonio José)	não	Primeiro Grau
072	Jorge Barreto	26 anos	Maria do Amparo	sim (funcionário público)	Primeiro Grau
073	Jorge Santos	15 anos	Florêncio Trindade	não	Ginásio
074	Joriando de Oliveira Souza	21 anos	Sombra de	não	Primário
075	José Cafuré	16 anos	Maria Trindade	não	Primário
076	José Jeâncio	37 anos	Tio Nenésio de Aroni	sim (trabalha em hospital)	Primário
077	Julietta - Juju	30 anos	Tia Massi da Casa Branca	não (estivador aposentado)	Analfabeto
078	Leonice Alves	25 anos	Dona Baiana	sim (vende acarajé)	Semi Analfabeto
079	Leonora Leandia dos Santos	41 anos	Ode da Fonte da Bica	sim (tem uma quitanda em casa)	Primário
080	Lourdes Santana	25 anos	Maria Francisca Cafundé	não	Semi Analfabeto
081	Lucila Menezes	32 anos	Maria Nenem	sim (funcionária pública)	Primeiro Grau
082	Mãe Amanda	29 anos	Camilo	não	Alfabetizada
083	Mãe Bebé	17 anos	Edvaldo dos Santos	sim (funcionária pública Estadual)	Primário
084	Mãe Bibi	23 anos	Santinha	não	Alfabetizada
085	Mãe Cafadici	37 anos	Miguel Devandé	não	Primário
086	Mãe Camila	39 anos	Oxé Casa Branca	não	Analfabeto
087	Mãe Estela	29 anos	Zuperio Nicomedes	não	Primário
088	Mãe Lulu	36 anos	Sinhassinha de Euá	sim (auxiliar de enfermagem)	Primário
089	Mãe Marota de Oxumaré	39 anos	Dona Isaura	sim (funcionária pública)	Primário
090	Mãe Martinha	37 anos	Filha de Nelito de Yemanjá	não	Analfabeto

	Nome	Tempo de Orixá	Procedência (Filiação religiosa)	Trabalha fora: sim? em que?	Grau de Instrução
091	Mãe Není	23 anos	Mãe Oké do Er Genho Velho	não	Primário
092	Mãe Petu	28 anos	Helena Aloyá	sim (tem barraca na feira)	Primário
093	Mãe Zeca	35 anos	Maria José do Nordeste	sim (auxiliar de Enfermagem do Estado)	Primário
094	Maria da Anunciação	32 anos	Manoel Rufino	sim (Zeladora em Escola Pública)	Primário
095	Maria dos Cordeiros	23 anos	José do Mocotó	não	Primário
096	Maria do Carmo	39 anos	Zozó de Oxum	não	Alfabetizada
097	Maria da Conceição Yayé	44 anos	Maria de Otum	não	Analfabeta
098	Maria Eugênia - Maria de Oxum	32 anos	Flaviana Maria da Conceição Bianchi	não	Semi Analfabeta
099	Maria de Lourdes Laranjeiras da Silva	30 anos	Angelina Kazintú	sim (Ensina em escola primária)	Primeiro Grau
100	Maria Luiza	19 anos	Vardinho	não	Primário
101	Maria Ribeiro Santos	39 anos	Petronília	não	Semi Analfabeta
102	Maura do Progresso	52 anos	Andreza da Estrada dos Boiados	não	Semi Analfabeta
103	Maria de S. Pedro de Oliveira	33 anos	Nair Indemboré	sim (ensina)	Segundo Grau
104	Marieta	37 anos	Bernardino do Bate Folha	não	Primário
105	Martha da Hora	38 anos	José Bernardino	não	Alfabetizada
106	Mario dos Santos Batista Filho - Mario Malvadeza	40 anos	Luiz Sergio	sim (motorista de taxi)	Primário
107	Maura do Prado Santana Vieira	32 anos	Encidina de Oxum	sim (é professora primária)	Segundo Grau
108	Manoel de Jesus	29 anos	Teodoro Pereira - Odé Toquin	sim (marceneiro - tem marcenaria)	Alfabetizado
109	Manoel José do Nascimento de Jesus	65 anos	Sinhá Maria Nenen	não (aposentado da estiva)	Semi Analfabeta
110	Miguel Arcanjo Leitão - Miguel Borracha	35 anos	Diaçy	sim (funcionário público)	Alfabetizado
111	Mirando	26 anos	Pequeno de Oxum	não	Primário
112	Nair Freitas	21 anos	Rufino de Oxum	sim (vende acarajé)	Primário
113	Nair Veridiana de Brito	33 anos	Rufino de Oxum	sim (vende confeções)	Primário
114	Odete de Santana Gabriel	37 anos	Sr. Procópio	não	Alfabetizado
115	Percília - Nan Daré	38 anos	Isolina - Mãe Zozó	não	Primário
116	Petronílio de Obaluayé	26 anos	Senhorzinho	sim (acensorista)	Alfabetizado
117	Porfírio Santana	42 anos	Tia Nocy	não (é aposentado)	Alfabetizado
118	Primo de Carvalho	43 anos	Siduca de Oxumaré	não (aposentado)	Primário
119	Raílda Amorim	19 anos	Porfírio de Ogum	sim (é contador na petrobrás)	Segundo Grau
120	Reginalda Dórea	39 anos	Dona Maura de Oxum	sim (ensina)	Primeiro Grau
121	Tia Rita	41 anos	Valdir Shangô Ayá	sim (tem barraca na feira de s. Joaquim)	Primário
122	Valdelice Santos	30 anos	Tia Nassi	sim (funcionária pública)	Alfabetizada
123	Valdomiro Bispo	45 anos	Manoel Rufino de Oxum	não (faz faturamento para os Orixás)	Primário
124	Veridiana dos Santos	46 anos	Claudio Bispo dos Santos	não	Analfabeta
125	Virgínia Andrade	38 anos	Cotinha	não	Primário
126	Zoralina de Jesus	21 anos	Mucagi	não	Primário

5.1.2 Funções e perfis dessas hierarquias

O Terreiro de Candomblé tem à sua frente um Pai ou Mãe de Santo, que tem a responsabilidade da Casa. É o zelador ou zeladora de Santo como se costuma dizer entre as pessoas de Candomblé. Um Yorubá são chamados Babalorixás (Homens) ou Yalorixás (Mulheres). É o cargo de mais alto grau num Terreiro. O Pai e Mãe de Santo é responsável sobretudo pelo AXÉ do Terreiro, o que quer dizer a Força do Orixá. O cargo é determinado por processo de adivinhação através do jogo de búzios do oráculo de IFÁ, em caso de desaparecimento da titular.

"Após o desaparecimento da saudosa Mãe Senhora, em 1967, duas novas Mães de Santo lhe sucederam à frente do Axé Opô Afonjá. A atual, Maria Estella de Azevedo Santos Ode Kayodê... Outros Terreiros foram criados, originários do Axé Opô Afonjá, formando uma terceira, ou mesmo uma quarta geração dessa família de Candomblés que nasceu na Barroquinha. Citemos o Axé Opô Aganju, de Balbino Daniel de Paula, o Baraim, que viajou para a África e aí participou das festas para Xangô com perfeita naturalidade, e como se sua família não houvesse deixado aquele País há várias gerações. Recebeu aí novo nome africano GBOBAGUNLÊ "o rei desce sobre a terra".

Pierre Verger - 1981:30.

São auxiliares do Pai ou Mãe de Santo:

- . Babá ou Iakekerê - assistente do Pai ou Mãe de Santo (Pai Pequeno ou Mãe Pequena).
- . Dagan - responsável pelo Padê, cerimônia realizada em homenagem a EXU antes das festas.

- . Iatebexê - auxiliar do Pai ou Mãe de Santo para garantir a sequência dos cantos aos Orixás durante as cerimônias.
- . Iabassê - "Mãe" que supervisiona a preparação das comidas dos Orixás e das pessoas filiadas ou convidadas por ocasião das cerimônias.
- . Mogbá - Ministro de Xangô. Só existe em dois Terreiros de Salvador.
- . Ekedí - "É uma segunda Mãe Pequena" disse uma Yalorixá.
- . Ogan - função espiritual junto ao Terreiro, acumulada de certas funções materiais, conforme a consagração para que é destinado.
- . Axogum - Ogan confirmado para realizar os sacrifícios oferecidos aos Orixás.
- . Alabê - Ogan confirmado para a função de Chefe dos Tocadores de Atabaques durante as cerimônias religiosas.
- . Yamaró - Filha de Santo que acompanha a Dagan na realização do Padê.
- . Kolabó - responsável por todos os objetos de Xangô.

Além da hierarquia estabelecida por cargos ou funções existe um determinante fundamental de hierarquia — é o tempo de Orixã e as obrigações que conferem aos Filhos e Filhas de Santo o Título de "Egbon" o que quer dizer MAIS VELHO.

5.1.3 As hierarquias estabelecidas e a questão da Identidade Negra: tradição de origem africana

Por que os negros africanos se reuniam em torno da Religião dos Orixás?

- . Todos se sentiam à vontade
- . Era ponto de encontro
- . Era meio de identificação
- . Era forma de realização pessoal e coletiva

Nessa relação com os Orixás, com a natureza, fazendo sacrifícios, oferecendo cantos e danças era uma FORÇA que se criava, que se mantinha e os mantiam JUNTOS, na mesma HISTÓRIA em gestos conhecidos em maneira de ser comum.

[O Candomblé é uma alternativa de sobrevivência trazida pelos negros durante a escravidão e que sobrevive até os nossos dias com a mesma força, o mesmo poder, guardando tradição, repassando cultura e conferindo identidade.]

O Negro se identifica no Candomblé com que?

- . Origem - ele vem de um mesmo Continente: a África.

- . história - eles tem uma história comum, vive junto com os outros negros o mesmo processo de opressão e desaculturação.
- . ancestrais - tem como ponto em comum no processo de dias para a relação com os ancestrais: perderam família, língua, práticas tradicionais.
- . seus intermediários assimilados à natureza (Orixá)

Isto os une através de um mesmo:

- . jeito de rezar - cantando, dançando, divinizando a natureza e dialogando com ela.
- . jeito de fazer oferendas - sacrificando animais em homenagem aos seus antepassados, para pedir, agradecer, para se fortificar para as lutas e a resistência.
- . jeito de cantar aos seus seres sobrenaturais em língua deles, mesmo se não havia uma língua africana única: eram gêges, eram nagôs, eram sudaneses, eram bantus.
- . jeito de dançar em formas de prece aos seus ancestrais. Cada Orixá tem sua dança que revela a personalidade profunda de cada um em seu momento de transe.

. jeito de ser GENTE, enquanto revive sua dimensão de ser negro ele se identifica, se sente solidário, em família e em liberdade.

E essa força se mantém até hoje.

Algumas características que guardam o Candomblé e o identificam com a tradição africana:

1. todo o culto de Candomblé é professado em língua africana;
2. todo o conhecimento é passado de geração em geração por TRADIÇÃO ORAL;
3. o poder da hierarquia assegura a tradição. E a hierarquia se dá através de posto, de cargos e de tempo de Orixá;
4. o poder dos mais velhos é uma força e eles assumem o papel de guardiães da tradição e repassadores de conhecimento, de cultura, de fé;
5. a relação com a natureza assegura a relação com Orixá, com o sobrenatural;
6. o poder feminino é bastante forte. A mulher no Candomblé pode assumir todas as funções;
7. o Candomblé é uma comunidade de trabalho, to

dos contribuem, todos aprendem e essa apren
dizagem se faz na prática;

8. quanto mais se pratica, se cumpre as obriga
ções, mais se aprende.

Nessa expressão de vida, de liberdade, de segu
rança, de confiabilidade o negro se reencontra com seu passado,
com sua história, com seus ancestrais, com seu "jeito" de ser,
isso lhes IDENTIFICA como PESSOA, como RAÇA, que tem uma CULTURA,
que tem um CONHECIMENTO e isso lhe dá fôrça para exigir
que suas desigualdades sejam reconhecidas e suas diferenças sejam
respeitadas.

5.2 RELAÇÕES CERIMONIAIS

5.2.1 As Festas do Candomblé

Concretizando melhor o que se quer dizer, des
crevem-se algumas festas de Candomblé, embora se esteja conven
cidos que simples narrações dificilmente podem fazer perceber
o significado do Candomblé para o Negro.

A Festa de Oxum no Ilê Opô Aganju. O dia de
Oxum no Ilê Opô Afonjê, Terreiro de Candomblé é na Bahia. O
Pai de Santo Balbino Daniel de Paula - o Barahim.

É uma das festas mais bonitas lá do Terreiro. A
festa de Oxum Mimã. Oxum da Yakekerê da Casa, Rosa, filha de

Senhora e que tem dela o mesmo Orixá.

É uma das festas mais bonitas lá do Terreiro. A Festa é de Oxum. Oxum é esposa de Xangô, Oxum, Orixá do Amor, Orixá da Beleza, Orixá do Ouro, da Vaidade Feminina.

O Barracão está todo enfeitado: muito dourado, muito amarelo ouro. Tudo é brilho

Os rituais precedentes:

Pela manhã o Santo comeu: o sangue dos animais se derramou todo carregado ao Axé Divino sobre os Orixás, e as pessoas que tem de cuidar do Orixá para que ela possa cuidar das pessoas.

As cerimônias internas já foram feitas para pedir a Benção dos Orixás, a licença e a abertura dos caminhos para a cerimônia que terá a participação de todos: Pai de Santo, Mogbás, Ogans, Ekedis, Filhos de Santo, e o povo que vem de fora e vem de longe para assistir à cerimônia — a Festa.

E a festa vai começar:

Entra o Pai de Santo: Solene, Altivo, Digno, Pleno de Realeza. Os atabaques já estão em seus lugares, e tocam em saudação a Ele, que entra e toma o seu lugar. Entram as Filhas de Santo, vestidas em grande gala, com suas saias rodadas e coloridas. Suas batas rendadas em labirinto. Seus panos das costas engomados. Tudo em colorido de festa.

As Filhas de Santo, uma por uma, retiram seus ojás de suas cabeças e, depois de saudarem os pontos sagrados do Barracão e os atabaques, pedem a benção ao seu Pai de Santo, cumprimentam aos Mogbás, aos Ogans e às Ekedis. E entram na roda para começar o canto e dança em louvor aos Orixás ao som dos atabaques, sob a coordenação do Pai de Santo.

Rosa entra bem mais tarde com D. Sofia, Maria e D. Senhorazinha. É um cortejo real. Nesse dia, Rosa é a Dona da Festa. Ela é a mais antiga Filha de Oxum da Casa. Ela é a YAKEKERÊ do Terreiro. A segunda pessoa da Casa. É uma sábia. Ela tem a ciência dos fundamentos de sua religião.

Os atabaques continuam ressoando. O Pai de Santo inicia os cantos em louvor a cada Orixá. São louvados todos os Orixás: Ogum, Omolu, Oxossi, Oxumaré, Logum-Edé, Xangô, Oxum, Iansã, Yemanjá, Nanã e Oxalá.

Durante a saudação, as Filhas de Santo dançam em volta do Barracão. Cada saudação tem seu ritmo, seus gestos, seus passos.

Pés, mãos, corpos — tudo dança num mesmo ritmo: louvando, saudando, agradecendo, fazendo prece em atitude de festa conforme a cultura africana.

Chega o momento da descida dos ORIXÁS: o ponto alto da solenidade do Culto.

A Dona da Festa chega na sua espiritualidade —

OXUM se manifesta na pessoa de Rosa. É louvada em especial. Os atabaques tocam. Todos cantam e ela dança.

Tantas Oxuns quantas desceram em suas Filhas de Santo, dançam silenciosamente: só vestimenta, instrumentos, gestos, passos e ritmo. Tudo dentro do mais rigoroso ritual.

É oração. É saudação. É ritual. É sobretudo, processo de identificação que garante a encarnação dos ancestrais, em figuras humanas de hoje, comunicando seus gestos, sua expressão corporal, seu ritmo, sua imagem, tão negros quanto o são em suas origens negras.

É tradição Oral, passada ao longo de 400 anos e mantida através das diversas formas de vida e opressão que o Negro tem vivido no Brasil: escravidão, marginalização e opressão. Nesse momento, eles são: reis, rainhas, princesas, Orixás, Santos Orixás. É o momento da IDENTIFICAÇÃO entre o Ser Negro e o seu Orixá que realiza a plenitude de sua personalidade, na mais estreita ligação entre a pessoa e suas verdadeiras raízes.

No momento da manifestação do Orixá, a pessoa que o recebe assume a identidade que lhe corresponde na sua mais alta aspiração de valorização, de respeito, de consideração à sua dignidade e às suas características individuais e sociais, que o real cotidiano não lhe permite ser.

A CERIMÔNIA DO DEKÁ (Realizada pelo Babalorixá Balbino Daniel
— Pai do Ilê Opô Aganju)

Casa de Dona Elza — Residência e Barracão. O Barracão belissimamente enfeitado, decorado com muitas flores e muitas cores.

Nos arredores, muito movimento. Filhas de Santo chegando com suas imensas trouxas de roupas, de adereços, de joias. São seus trajes típicos — cada uma trazia dois trajes completos, diferentes, e mais a Roupa de seu Santo.

E começam a preparar-se, a vestir-se para entrar no Barracão.

Pai de Santo, Filhos de Santo e os convidados de honra do Pai de Santo, suas Ebames (Filhas de Santo mais velhas no Culto) da sua casa de origem — o Afonjá.

O Pai de Santo entra primeiro, os Alabês já o esperam em seus postos de responsáveis pelo ritmo. São eles que garantem a musicalidade dos atabaques, acompanhando os cantos que vão reger toda a cerimônia.

E, pouco a pouco, as Filhas de Santo vão entrando belíssimas. Rosa, Yakekerê do Ilê Opô Aganju, entra com toda a plenitude da realeza — nunca é demais para repetir, poucos têm a oportunidade de conhecê-la pessoalmente. Sua vida se passa entre o trabalho e suas práticas religiosas. É uma sábia

escondida. Só aparece em Dia de Festa.

Entram: D. Senhorazinha de Oxum, D. Onorina de Ossaim, D. Sincinha de Iansã, D. Mundinha de Oxaguiã. São as Ebames do Pai de Santo. Elas são as guardas de honra do Ilê Axé Opô Afonjá. Sentam em lugar de honra.

As Filhas de Santo entram, dando Dobá ao Pai de Santo. Entram na roda, começam a cantar e a dançar, louvando a Ogum primeiro, e seguindo até os outros Orixás, todos eles lembrados com ritmo, canto, dança e gestos próprios de cada música, forma de oração cantada em Yorubá.

Quando cantam para Xangô, todos se ajoelham, é o dono do Aganju, de onde são todos, inclusive D. Elza, a Dona da Casa e que, a partir daquele dia, se tornara Mãe de Santo, responsável por sua Comunidade Terreiro.

Esta transferência de Poder que confere o Dom de Pai ou Mãe de Santo, se chama de entrega de DEKÁ. O cerimonial de consagração de D. Elza, era o dia do seu DEKÁ. E se constitui numa cerimônia extremamente delicada. É transmissão de poder espiritual.

E começa o cerimonial:

Ela sai dos aposentos internos a primeira vez, toda vestida de branco. A segunda vez, vestida de cores e a terceira, já possuída pelo seu Orixá. Ela recebe das mãos do Pai de Santo os instrumentos sagrados que correspondem ao Po

der que naquele momento lhe é conferido. O Pai de Santo entra majestoso, irradiante, com uma felicidade incomum, vestido com traje de rei africano (de verdade). Pronuncia um pequeno discurso, onde ele acentua a responsabilidade que ele acaba de receber, assim se expressando: "Eu, Baldino Danial de Paula, Filho do Ilê Axé Opô Afonjá, tenho a honra de lhes passar os poderes de Mãe de Santo, de Zeladora de Orixá, e recomendo à Senhora que não pense em mim na qualidade de Seu Pai de Santo, mas, durante toda a sua vida, procure honrar o nome maior que a Senhora recebeu — NETA de D. Senhora de OXUM MUIÁ, minha Mãe de Santo, cujo nome é venerado pela tradição, como uma das maiores representantes da Religião dos Orixás na Bahia".

No início da cerimônia, enquanto o Pai de Santo entra com os instrumentos de transmissão do poder em suas mãos, cantando e dançando, suas Filhas de Santo e suas Ebâmes cantam todas juntas com ele:

"EMI SAURÊ
 SAURAJÊ
 EMI SAURÊ OBERIOMAN
 EMI SAURÊ
 SAURAJÊ
 EMI SAURÊ OBERIOMAN".

A saudação por excelência que só é cantada solenemente.

Festa de Iansã no Ilé Axé Opô Afonjá — 1982

D. Sofia, toda enfeitada de camisu, de bata de algodão — o camisu ainda em rechelieu bordado antigo em fio de algodão, saias bem engomadas e rodadas, com um movimento am plo que acompanha seu passo manso, seu ritmo cadenciado, sem pre pronto àquela musicalidade mansa com que ela atravessa o salão, trabalhando, cuidando de um ou de outro Santo lá do Afonjá.

Iniciada a Solenidade. Os atabaques cantam para louvar a todos os Orixás.

D. Estela, a Mãe de Santo da Casa vive um dia solene: Mais bonita, com pano da costa dourado, ladeada por Ca rybé e outra moça que deu Santo, dança uma belíssima Iansã.

Os atabaques tocam. D. Sofia está na roda — en tra quando começa a tocar para Iansã, sai depois da roda por alguns instantes. Ela volta. Junto a ela fica o cortejo de rea leza: cinco a seis velhas Filhas de Santo. Bem velhas. Gestos afinadíssimos, ritmos encantados, numa harmonia de alegria e oração, de fé e de marca de identidade com o seu Orixá, com as expressões rituais dos seus antepassados.

Em um certo momento, D. Estela diz aos ataba ques: "toquem mais para Iansã". D. Sofia inicia a possessão de Iansã, numa sintonia e identificação perfeitas, com suas carac terísticas. Tudo nela tem um encadeamento: os passos, os ges

tos, a maneira de falar, entre tímida e segura, entre serieda de e um tom sorridente, entre doçura e firmeza.

Iansã chega. D. Estela fica perto e assegura a presença do Orixá que chega. Outras Iansãs chegam também, e tantas... Belíssimas todas. Mas a maestria, a ciência, toda a harmonia entre o ser pessoal e a posse do Orixá era força de tradição, caracterizado em D. Sofia. (Ela dança bastante).

A seguir todas entram para o Rankô e saem belís sinas: Iansã em cor de rosa, em verde, em vermelho, em branco, em todos os matrizes.

Ouve-se um toque: A gô gô mika ru a ô ô mika; a gô gô mika ru a â Mikarauaê. Entregam-se as flores. D. Sofia em sua Iansã recebe primeiro a de D. Mundinha — Mãe de Vival dina que é Filha de Nanã e estava de saia na roda.

Os atabaques têm a finalidade de cantar Alaketurê. Tocam minutos e minutos seguidos. Todos os Santos Orixás têm tempo de circular todo o salão e abraçar todas as figuras expo nenciais — a Mãe de Santo, os Ogans, os Mogbás, os Alabês, os amigos mais ligados aos Orixás, as pessoas possuídas pelos Ori xás. Nessa troca de abraços, num espetáculo de beleza...

Alguém passou e disse: "Ouvindo Alaketurê, até os amigos têm vontade de se abraçar..."

É festa, é tradição.

É festa de Identidade. Assim, só entra na roda,

só entra no ápice, (no jogo da verdade) quem está aí, porque crê que alguma coisa ali se passa e que vem de longe.

No Afonjá, percebe-se que todos os integrantes do ritual se reencontram com um abraço de tradição, com uma fonte de velhas práticas tradicionais.

Tudo no Afonjá é enciclopédia viva, é berço de tradição, é biblioteca, anos de arquivo, documentário de práticas (imemoriais) que marcam uma gente, identificando-a, qualificando-a como pertencente e reconhecedora de um saber que veio de longe. Saber que, há mais de duzentos anos passados, se mantém (reconhecido) em lugares diferentes com as mesmas características. Esta autenticidade pode ser comprovada por alguém que seja um profundo conhecedor da prática do Candomblé e seus fundamentos. No Afonjá, no Gantois, na Casa Branca e no Aganju, através das práticas que correspondem ao que foi vivido e trazido pelos mais velhos, se conservam puros os preceitos e fundamentos da religião, desde os tempos da escravidão no Brasil.

5.2.2 Função das Cerimônias como Elementos de Coesão e Identidade do Grupo! Conservação da Herança, Transmissão de Valores

As festas são o momento de identificação maior entre os membros do Terreiro; nas festas se realizam os atos de culto aos Orixás:

- . Sacrificam-se os animais;

- . Purificam-se as pessoas para participar dos sacrifícios;
- . Fazem-se as práticas advinhatórias para ver a sorte do próprio Terreiro, dos seus membros e a força do Axé;
- . Realizam-se cerimônias públicas e privadas em homenagem aos Orixás através de cantos, danças;
- . Os Orixás se manifestam em seus filhos;
- . O Pai ou Mãe de Santo coordena toda a cerimônia, depois de haver-se preparado espiritualmente.

Além dos atos de culto aos Orixás, realizam-se práticas de caráter social, cultural, que desenvolve o sentido de identidade entre o grupo, de conservação da herança e transmissão de valores que constituem a força de coesão no Terreiro.

Em tempo de festa todas as Filhas de Santo se reúnem no Terreiro. Chegando todos cumprem os rituais de saudação aos pontos sagrados do Terreiro, ao Pai de Santo ou Mãe de Santo e entre os irmãos.

Cada Filho ou Filha de Santo tem individualmente ou por grupos mais afins, suas pequenas casas por exemplo, irmãos do mesmo "barco" (barco é o conjunto de pessoas que são

iniciadas juntas na Religião). Nessas casinhas, de um ou vários Filhos de Santo, existe o necessário para viver uma semana, dez dias ou até quinze dias se necessário no Terreiro.

Há uma solidariedade entre Pai e Irmãos de Santo. É um pouco de vida em comum, de liberdade, de valorização, de reconhecimento mútuos.

É tempo de festa, de convivência, de realização, de saída um pouco da realidade cotidiana. É um tempo longe da opressão. É uma experiência que é fora da realidade, mas que realiza a idealização de ser de ter um lugar no mundo. É um momento em que todos são necessários, todos são valorizados, porque há uma interdependência entre as funções que se realizam no Terreiro. Por exemplo, a função mais importante da festa pública se passa no barracão, aberta ao público, é a dos tocadores de atabaque e dos que dão a sequência dos cantos. Sem eles a festa não tem autenticidade para os Orixás, nem esplendor para os participantes e visitantes.

"AS FESTAS são aquelas cerimônias que se realizam dentro de um calendário estabelecido ao longo do ano. Para a nação de Ketu o ciclo se inicia com as obrigações feitas para Oxossi no dia de Corpus Christ. Segue-se a Festa de Xangô, depois Iyamassê, Mãe de Xangô. Essas datas são variáveis. Há alguns critérios que as determinam. A abertura do Terreiro com as primeiras festas do ano no 1º semestre. E no segundo semestre recomeçam as festas com as águas de Oxalã no mês de setembro. Seguem-se festas para todos os outros Orixás o que pode durar até o mês de dezembro antes do Natal. As datas de

pendem sobretudo da nação, de uma ordem hierárquica entre as casas, Mães mais antigas que devem abrir o período de cada festa. E as casas Filhas estabelecem seu calendário de acordo com aquelas. Em algumas casas, em alguns Terreiros há datas fixadas para certas festas mais especificamente a data da festa do Orixá Dono do Terreiro. Por exemplo, no Ilê Axê Opô Afonjã, a festa de Xangô se realiza no dia 29 de junho e no Ilê Axê Opô Aganjũ, cujo Babalorixá é o filho de Afonjã, tem a festa de Xangô com data fixa no dia 4 de julho de cada ano".

Aylton Raimundo Batista dos Santos Faromé, 1985.

5.3 FUNDAÇÃO DOS TERREIROS

5.3.1 Motivação e significados de seus nomes

Seria importante para nós, ao lado de saber quem era o Pai ou Mãe de Santo, quanto tempo de iniciado em Orixá, saber também um pouco da história de cada Casa, o que vale dizer cada Comunidade Terreiro de Candomblé.

Para isto colocamos uma simples pergunta, COMO COMEÇOU?

As respostas são muito incisivas, todas elas guardam uma unidade em torno de questões fundamentais, colocadas em respostas bem explícitas.

Selecionamos algumas dessas respostas de acordo com as razões principais.

1. "Depois da OBRIGAÇÃO DE SETE ANOS".

Estas obrigações de sete anos conferem ao Filho de Santo o direito de pertencer ao patamar superior da Casa. Ele passa a pertencer ao quadro dos MAIS VELHOS no SANTO. Conheço uma mocinha de 17 anos, que já faz parte dos MAIS VELHOS no SANTO, ela foi INICIADA aos 10 (dez) anos de idade. E tem ares de gente grande, quando ela entra no barracão e é convidada para alguma cerimônia que só pode ser realizada por gente de sua categoria.

2. "Depois que recebi meu BALAIO, meu Pai de Santo disse que eu já podia cuidar das coisas".

O que significa receber Poderes e é realizado em cerimônia especial, o que se constitui na transmissão de cargo que confere a dignidade e a MISSÃO de Pai ou Mãe de Santo. Esse cargo é um poder que é fruto de destinação ou de herança de família. Poucos têm o privilégio de recebê-lo. O que se pode saber e/ou confirmar através de consultas aos Orixás, através dos Babalorixás ou Yalorixás.

3. "Fazendo JÔGO DE BÚZIOS E FAZENDO CONSULTAS".

O JÔGO DE BÚZIOS é a fonte de consulta suprema, através da qual os Orixás respondem sobre a sorte, o destino e o rumo dos acontecimentos. Só pode jogar Búzios quem tem preparação, delegação e o poder que é conferido pelos ORIXÁS.

4. "Porque é dever da gente CONTINUAR, aí eu continuei fazendo as minhas OBRIGAÇÕES".

A dimensão de continuidade é muito importante, a transmissão de funções e a recomendação de dar prosseguimento às Obrigações junto aos ORIXÁS tem um sentido muito forte no Candomblé.

"Meu Pai era antigo e disse que eu tinha que continuar com o que eu aprendi, fazendo as OBRIGAÇÕES de outras pessoas"

Aqui no sentido de CONTINUIDADE tem a idéia de passagem de CONHECIMENTO. Evidentemente as duas idéias se completam: continuar a Religião através da passagem do conhecimento que a fundamenta e a mantém VIVA.

"Depois que meu Pai me deu poderes eu recolhi um sobrinho".

O sentido de família é também extremamente forte. Normalmente numa Casa de Candomblé há irmãos, sobrinhos, primos de sangue, além de outras pessoas de fora que chegam e se constituem como uma FAMÍLIA DE SANTO (na África, Orixá vem de família).

Outras respostas com o mesmo sentido:

"Eu sei comigo que depois de um ano Iansã designou por Búzios que eu ia substituir YÁ DODÓ que

substituiu TIA NESSY".

Aqui há uma síntese de: a palavra do ORIXÁ através dos BÚZIOS, o sentido da designação, do receber o apelo do ORIXÁ e a idéia de substituição em dois momentos. O que reforça a questão da guarda e da passagem da TRADIÇÃO.

"Com Candomblé Angola".

Essa resposta abre uma questão: a de que não consideramos a Tradição Nagô como a única ou a única verdadeira. A questão que se coloca é histórica. Os Nagôs trouxeram um sistema religioso mais articulado, o que lhes permitiu agrupar outros negros, de outras Etnias em torno de uma Religião Comum — a dos ORIXÁS que com diferentes e especialidades guardam um ponto comum: uma forma própria do Negro se comunicar com Deus.

"Porque GOSTO DA SEITA e depois que meu Pai disse que eu tinha cargo, aí eu fiz as OBRIGAÇÕES, os ORIXÁS me ajudando".

"Eu fiz as OBRIGAÇÕES, GOSTAVA e GOSTO, comecei a JOGAR e foi aparecendo gente"

As duas últimas respostas nos colocam muito claramente diante do significado do Candomblé como Cultura Negra de Identidade.

... "gostava, gosto, comecei a jogar e foi apa

recendo gente".

Estas respostas nos foram dadas por pessoas que têm uma prática, uma vida de 03 a 65 anos, COMO INICIADO em COMUNIDADES TERREIRO DE CANDOMBLÉ. Elas nos ajudam a confirmar nossas posições de que o CANDOMBLÉ é o lugar onde o negro RE DESCOBRE ou CONTINUA A VIVER SUA IDENTIDADE.

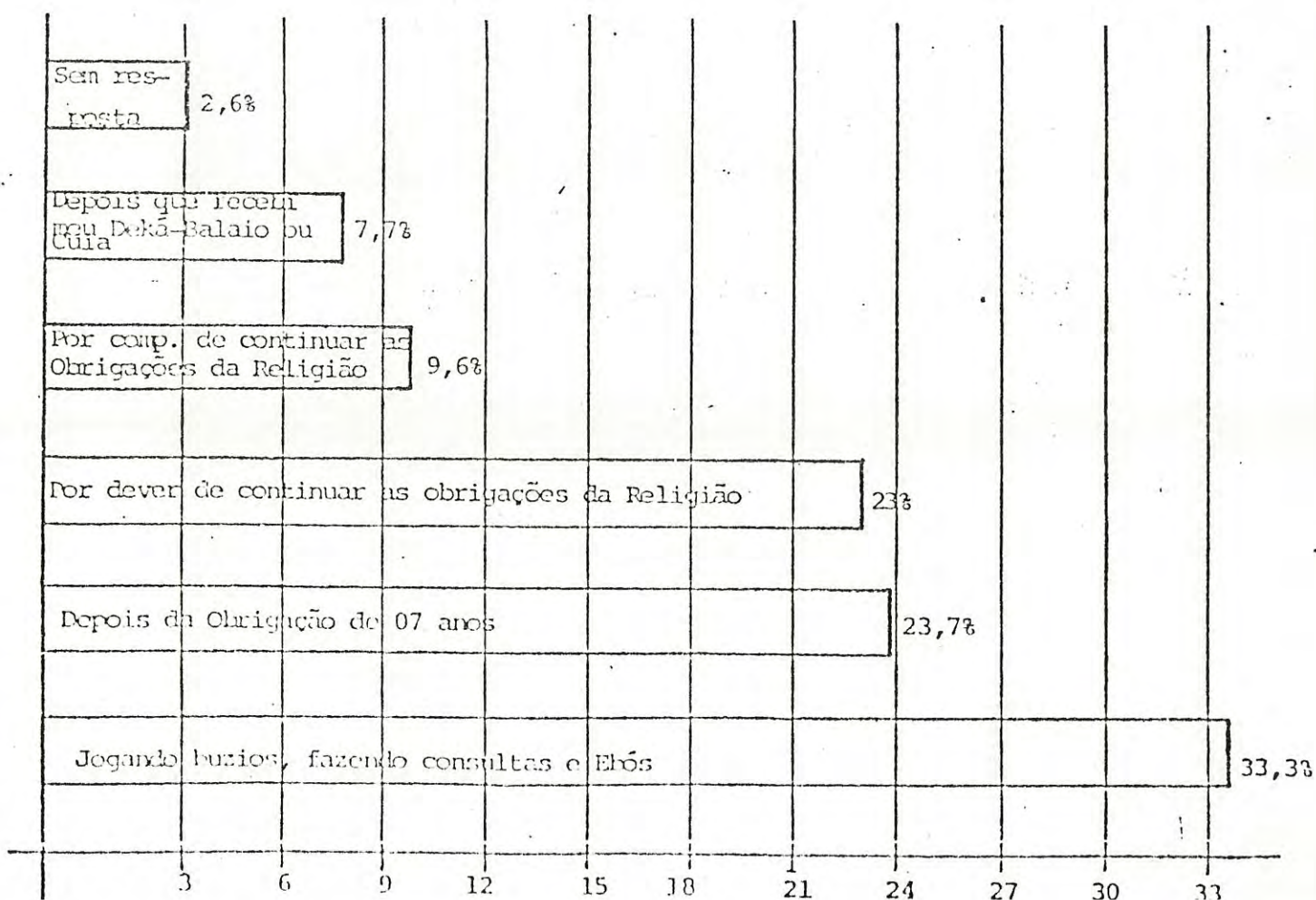
A HISTÓRIA DOS TERREIROS

Como começou? ou como nasceu o Terreiro?

HISTÓRICO	TERREIROS	
	Nº	%
Depois da Obrigação de 07 (sete) anos	37	23,7
Depois que recebi meu Deká-Balaio ou Cuia	12	7,7
Jogando búzios, fazendo consultas e ebôs	52	33,3
Por dever de continuar as Obrigações da Religião	36	23,0
Por compromisso de continuar a Religião de Família	15	9,6
Sem resposta	04	2,6
Total	156	100

HISTÓRIA DA ORIGEM DOS TERREIROS

COMO COMEÇOU?



Como se inicia (Histórico) de um Terreiro de Candomblé? As respostas da própria pesquisa que realizamos, nos oferece basicamente 04 (quatro) respostas: uma Filha ou filho de Santo, inicia seu processo de vir abrir um Terreiro de Candomblé, quase sempre a partir de:

1. Jogando búzios para as pessoas de fora que procuram para ler seu destino.
2. Depois da obrigação de 07 (sete) anos que o torna apto a exercer qualquer cargo dentro do Candomblé.
3. Por dever de continuar a religião da família, seguir a linha da ancestralidade. Passa de Pai para Filho, para parentes mais próximos ou às vezes para uma pessoa que faz parte da família de Santo.
4. Depois que recebeu o Deká, cuia ou Balaio, são poderes conferidos ou cerimônia pública, onde o Pai ou Mãe de Santo confia a uma Filha ou Filho de Santo que cumprida todas as Obrigações fundamentais, pode abrir o seu próprio Terreiro. O que não significa que ele ou ela perde sua vinculação com a Casa, a sua Mãe ou Pai de Santo, continua integrante de seu Terreiro de Origem, onde realizou sua

iniciação e fez suas Obrigações de 3 e 7 anos.

"Os Terreiros geralmente são fundados quando a pessoa iniciada completa as suas Obrigações (3 a 7 anos), e esta pessoa é indicada pelo Orixá para assumir a chefia de um Terreiro. Para isto, se faz necessário que esta pessoa tenha o dom nato, preparo psicológico, e profundo conhecimento dos fundamentos e preceitos inerentes à prática da religião. Pode acontecer também da pessoa herdar o cargo de chefia de um Terreiro, por morte do Babalorixá ou Iyalorixá. Este, em hipótese, é o motivo para se fundar um Terreiro".

Aylton Raimundo Batista dos Santos:
1985

5.3.2 Motivação e suas relações com a Identidade e a Solidariedade

As quatro motivações mais fortes, como razão de fundação de um Terreiro são diretamente ligadas a questão de Identidade e Solidariedade.

a) Depois da Obrigação de 7 (sete) anos.

É uma confirmação definitiva à Religião. Depois da Obrigação de 7 (sete) anos o Filho ou Filha de Santo passa a ser um "Egbon", um mais velho, mais respeito, transmissor de conhecimentos, guardião de tradição e é essa tradição que os identifica com seus ancestrais e seus Orixás.

b) Depois que eu recebi meu Balaio ou Cuia — o que significa a transmissão do cargo de Baba

lorixá ou Yalorixá. Zelador de Orixá, responsável pelo Axé ou força do Orixá que deve ser distribuída entre seus Filhos e Filhas de Santo, entre a hierarquia da Casa e aqueles que frequentam o Terreiro. É o dom por excelência de estar a serviço. Identificado com um poder sobrenatural esse serviço é distribuído entre os filhos, irmãos e clientes.

c) Jogando búzios, fazendo consultas e ebós

Esta é a verdadeira prática de solidariedade. É uma prestação de serviço por excelência. E para os Pais e Mães de Santo tradicionais há uma taxa estabelecida pelos próprios Orixás, que não lhes permite cobrar do cliente, aquele mínimo necessário à sobrevivência do culto. É verdade que a Mãe ou Pai de Santo vive também de suas práticas religiosas. Mas ele tem que antes de mais nada servir. Há depoimentos, que aqui não podemos revelar de Pais ou Mães de Santo que renunciaram à sua vida pessoal para exercer a função de zelador de Orixá a serviço do Terreiro.

O jogo de búzios, as consultas e os ebós são as práticas de solidariedade mais frequentes. É através desses meios que se crêem que se resolvem os problemas de ordem pessoal para o bem estar da comunidade e daqueles que sem pertencer ao culto pedem prestação.

d) Por dever de continuar as Obrigações da Religião

Esse item fica explícito quando em outras oportunidades falamos da prática da Religião como Identidade, Resistência, Tradição.

Há uma quinta resposta que acrescenta: Por compromisso de continuar a Religião da Família. Aqui estão contidos os mesmos princípios da resposta anterior com o reforço do compromisso com a Família o que expressa uma continuidade da prática religiosa ancestral, uma vez que na África os cultos, os Orixás, as práticas religiosas têm caráter familiar.

A frequência dessas respostas tem maior expressão na prática da solidariedade: 33,3% começaram o Terreiro jogando búzios, fazendo consultas e ebôs, o que tem por objetivo ajudar as pessoas a curar uma doença, encontrar um trabalho, melhorar de vida, resolver um problema de família, prever um mal que possa vir a acontecer, fazer uma limpeza de corpo. Pessoas pertencentes ou não ao Candomblé acreditam, têm muita fé nesses trabalhos e a eles recorrem com frequência.

5.4 TERREIROS E A QUESTÃO SOCIAL

5.4.1 Atitude ante os Problemas Sociais

As pessoas de Candomblé, em sua vida cotidiana são lavadeiras, costureiras, barraqueiros, carpinteiros, ele

tricistas, empregadas domésticas, vendadoras de acarajé, etc. Dentro do Candomblé são pessoas com altos cargos, imensos poderes. E estas pessoas sabem muito sobre a Ciência do Candomblé, são profundos conhecedores dos mistérios da Religião e são grandes educadores capazes de em pouco tempo transformar pessoas que as vemos entrar tímidas, inseguras, de repente se tornam com um desempenho de quem já pode mover-se naquele mundo cheio de "magia", de segredos, de rituais e de mitos.

O problema que se coloca é que o desenvolvimento dessas pessoas do Candomblé, e até mesmo na vida, curando uma doença, conseguindo um emprego, resolvendo uma situação de conflito em família, etc., não é acompanhado de um conhecimento da realidade que as oprime e determina sua condição dentro da sociedade. Aparentemente há um conformismo com aquela posição subalterna e nenhum questionamento sobre as suas determinações fundamentais. Um Pai ou Mãe de Santo fica plenamente satisfeito em ter o suficiente para realizar suas festas de Santo, melhorar a qualidade de seu Terreiro. Os Filhos e Filhas profundamente agradecidos aos seus ORIXÁS por conseguirem alcançar "benefícios" imediatos para a luta do seu cotidiano. Mas ninguém se pergunta o que se pode fazer para que esta situação que eles sentem: de exploração, de dominação, de expropriação, possa mudar. A verdade que eles sentem é que vão pedir aos Santos para melhorar — curar uma doença, conseguir um trabalho — uma roupa para lavar, uma casa de família para trabalhar, um lugar de vigia noturno, uma vaga de pedreiro ou aju

dante de construção, um emprego como vendedor numa loja para ganhar um salário mínimo.

Hoje, existe na Bahia, por exemplo, muitas organizações de base, tais como: movimento de favelados e invasões, movimento de desempregados, Associações de Empregadas Domésticas, Associação de Moradores, Grupos de Mães, Movimento dos Mutuários do BNH pelo direito a moradia, Movimento contra a Carestia, movimento dos bairros da periferia e com lideranças das próprias periferias. É claro que aqui, ali existem os perigos de cooptação, de apropriação das lutas do povo, mas há povo se organizando e há assessorias que acompanham com seriedade. Mas o povo de Candomblé não entra nessas lutas. Só se organiza em torno do Candomblé. Será que eles se fecham entre eles, ou mesmo o povo que participa dessas lutas ou discrimina por serem "macumbeiros", "espíritas", "feiticeiros"? Há uma informação, o pessoal de Candomblé sempre gente muito simpática, acolhedoras não faz problelismo de sua Religião, ao contrário, quanto mais em segredo mais sérios, só se localizam seus tambores e os clientes e achegados vão lá fazer suas consultas.

Daí a questão que colocamos:

- Como é possível guardar a tradição que é a riqueza que os identifica, os fortalece como grupo e como raça e fazer a ligação entre essa luta cultural pela Identidade e uma luta política pelas suas questões concretas de:

- . moradia
- . alimentação
- . emprego
- . salário
- . saúde
- . educação

- Como estabelecer o vínculo do passado com o presente:

- . eles têm consciência de um passado histórico que os escravizou e lutaram contra eles nos quilombos, nas fugas, nas organizações clandestinas, nos núcleos religiosos e culturais
- . hoje essa condição de dominação continua através das discriminações, do preconceito de cor, o racismo além do desemprego, a falta de oportunidade de acesso aos bens essenciais do consumo para sobreviver. É porque a luta parou só no cultural.

5.4.2 Respostas Teóricas e a Prática no Interior dos Terreiros

Consideramos essas respostas a maneira como são encaradas e vividas as questões relativas aos problemas sociais

no interior dos Terreiros. Aqui apresentamos a fala do Sr. Ba
balorixá, conhecido, citado e muito respeitado no meio dos Can
domblês de Salvador na Bahia.

BALBINO DANIEL DE PAULA — ILÊ AXÉ OPÔ AGANJU — 14.06.85

"O que é que marca a fundação de uma Casa de
Candomblé?

Quando se implanta o Axé? Quando nasce?

Que condições são necessárias?

Desde que a pessoa tenha todas as suas Obriga
ções. Tenha o dom e o direito de abrir o Axé.

O que confere esse Dom?

Quando a gente é iniciado, que faz jogos.

Quando a gente está no Axé? É que a nossa Yalo
rixá diz que se a gente tem o direito ou não de abrir um Ter
reiro de Candomblé.

Esse direito acompanha a pessoa pela vida inte*ir*
ra, porque é um dom e ele tem que cumprir com aquela Obrigação.

O dom é um direito que a pessoa nasce com aqui
lo.

Qual é a diferença que o Senhor faz entre um
dom e um direito?

- Se a Sra. tem direito a esse papel a Sra. não tem o dom de saber como usar o papel.

Quantas pessoas têm direito e não têm dom. O dom é uma coisa nata, e o direito é adquirido depois. Eu tenho o dom pra isso, porque eu sou, e eu recebi o direito para exercer.

Como é que o Sr. sente esse seu dom?

- Aí vem o problema de dizer que herdou. Eu não sei se eu herdei. Toda a minha família são gerações de africanos, mas esse pessoal de afrino só cultivava Babá Egum. Nunca cultivaram Orixá. Eles não aceitavam Orixá. Cantavam por Orixá, mas não podiam dançar, nem receber as mulheres que dançavam e recebiam Orixá. Os homens só faziam as Obrigações de Orô para Egum e Iansã.

Então, nessas últimas gerações, o meu pai se chamava Pedro Daniel de Paula, que era um dos filhos caçulas do meu avô Manoel Antônio, que tinha o cargo de Babalorixá. Ele era de Xangô Ogodô, mas ele não aceitava o Santo (Orixá) Ogã da parte do Egum, pois tinha um posto muito importante que se chamava Alapini.

Numa certa ocasião, um certo ano, eu estava com oito anos de idade, uma senhora de Iansã

que se chamava Dona Júlia era feita no Ilê Axé Opô Afonjá, filha do Velho Eduardo, irmão do meu pai, um ano dia 20 de janeiro quando se bota duas bandeiras sagradas dentro d'água para Oxum outra para Iemanjá aí a Iansã trouxe um recado de Xangô que ele Xangô estava querendo uma oferenda de um galo, ele virou para a Santa e disse que Xangô fosse trabalhar para comer. Então Iansã mandou fazer um prato de acarã — um tipo de pavio com azeite de dendê que o Santo come. Acende aquele pavio e quando fica bem em chama, aí Iansã disse que ia comer aquele fogo todo para aliviar o sofrimento dele, porque Xangô ia levar ele. No dia 21 após o que ele falou ele foi tomar um copo de água, se engasgou e ele foi para uma cama completamente morto. Ele só comia quiabo sem caroço que é a comida que Xangô come e giló que é a amargura. Então uma semana antes dele morrer — dia 21 de abril — na mesma hora que ele profanou contra Xangô, ele morreu. Ele pediu para minha mãe que ela fizesse um favor para ele de não deixar nenhum dos filhos entrar para a Religião de Orixá, nem de Egum, pois é uma Religião de muito respeito e as pessoas não iam saber cumprir com suas Obrigações.

Foi desta época em diante que a minha irmã que se chama Rosalina Daniel de Paula, de junto da mais velha apareceu com problemas de doença; caíram os cabelos todos, muito magra, esquelética. Na época tinha 2 médicos muito famosos na Ilha de Itaparica, um deles era meu padrinho, chama-se Dr. José de Figueiredo que ainda está vivo. Disseram que ela não tinha nada com doença, era coisa de Santo. Foi ali que minha mãe Dona Ana Maria de Paula levou minha irmã ao Ilê Opô Afonjá entregue a Dona Senhora. Disse que o problema dela era Santo, ela fez Oxum e hoje completamente curada é Yakekerê do Ilê Axé Opô Aganju. Depois de Rosa fez a outra de Iemanjá, Maria Daniel de Paula, Yia Ladê fez Iemanjá. Depois foi João Daniel de Paula, este não raspou o Santo, mas assentou Omolu e fez Bori. Depois Flodoaldo Daniel de Paula que trabalha no culto de Egun.

Por último foi a pessoa que está falando para o Afonjá. Quando meu pai morreu eu fiquei com 08 anos de idade. Eu vim para Salvador, fiquei morando no Curuzu com a minha irmã e trabalhava em Água de Meninos. Quando eu completei 10 anos comecei a sentir problemas, tomava cacha



ça, isso só me acontecia ao meio-dia. Aí foram acontecendo estes problemas de Exu ficar me pegando. Chegou um certo ponto que a minha irmã que já era feita de Iemanjá mandou chamar minha mãe. Minha mãe me levou no Afonjá e Dona Senhora mandou me levar na casa de um Pai de Santo que se chamava Vidal que era de Oxalá e se Win Tunsy; era um grande Pai de Santo, ele disse que estava me botando maluco. Ele fez trabalhos para mim, fez ebô e eu fiquei na casa dele para fazer o Ogum. Porém aconteceu o pior; sete dias depois que eu tinha feito Borí ele faleceu. Eu porém já estavava bom não quis mais saber de macumba. Já estava rapaz, para mim o carnaval era tudo, minhas festas, bailes. Quando foi uma certa ocasião um dia 28 de junho de 59 eu estava na minha casa dormindo, depois de 1 ano e pouco do Sr. Vital morreu, me apareceu 2 garotos e um homem perto de mim, bonito de bigodes e me ordenou que eu tinha que ir pra ali, mas eu não sabia para onde. Eu via no sonho uma porta muito grande com duas janelas e muita gente e a Dona Senhora que foi depois minha Mãe de Santo, sentada no meio da porta, eu não sei o que foi, só sei que foi uma farra muito grande que eu me despertei e comecei a gritar

minha irmã me acuda, me acuda, eu tenho de ir pra ali. E minha irmã apavorada de tanto eu falar que tinha que ir pra ali, ela me perguntou: tem que ir pra ali pra onde? Eu tenho que ir para S. Gonçalo. Aí quando deu duas horas da tarde eu me arrumei, peguei o bonde no gasômetro na calçada, saltei no Retiro, subi a ladeira de S. Gonçalo e fiquei no Afonjá. Chegando lá tomei a benção à Mãe de Santo: benção minha avó. E ela me perguntou: o que foi que você veio fazer aqui? Aqui não é lugar de menino. Aí ela mandou que eu fosse me sentar junto do Cosme e do Moacir que eram pessoas de Ponta de Areia que estavam no Afonjá. Mas eu estava tendo uma felicidade muito grande. Uma alegria que eu não sei como explicar. Nesse intermédio começou as festas e chegou um bocado de Iansã. Quando de repente chegou Iansã de Dona Sofia e ela deu dois gritos na rua. No terceiro grito, ela gritou perto da Mãe de Santo. Foi nisso que Dona Sofia (13) a Iansã gritou que me apareceu o homem que me mandou ir para o Afonjá e os dois garotos. Um garoto estava vestido todo de vermelho e branco com um chapeuzinho vermelho e branco e 02 listinhas verdes. E o outro todo vestido de

verde e branco, com o chapéu verde e branco e duas listinhas vermelhas. Aí um dizia para o outro fique que é seu. Aí o talzinho que estava vestido de vermelho me jogou no meio do barracão. Estavam três bancos e eu pulei pro meio do barracão. Quando acordei estava com a minha roupa toda suja de dendê (minha calça branca diagonal) e entrei para fazer o Santo. No mesmo dia morreu um homem lá dentro da roça.

Foi aí que Dona Senhora falou que o meu Santo não podia ficar junto com os outros, pois eu tinha que trazer meu Santo para minha casa para abrir um Axé para que eu seguisse os meus antepassados. Depois de minha confirmação como Babalorixá aqui no Brasil, abri o Terreiro aqui e fui confirmado lá na África em 1973 em Saketé. Pronto.

Qual a sua relação com o seu Orixá?

- Eu sou uma pessoa muito feliz com meu Santo. Desde quando eu saí do Axé e acabei de fazer o meu Santo, a minha Mãe de Santo colocou na frente de Xangô Afonjá 700 mil réis e mandou que eu fosse negociar na feira de Água de Meninos, como eu tinha barraca antes, e toda se

mana eu tinha que pagar 20 mil réis, mas an
tes de eu ir vender, o Santo Xangô Afonjá man
dou pra minha Mãe de Santo me dar um litro
de água da talha dele, um acarã branco e 3
moedas para enterrar no lugar onde eu tinha
minha banca. Então eu quando retornei ao lu
gar onde eu trabalhava, os meus colegas per
guntaram: Nê você estava no quartel ou estava
fazendo Santo? — Estava fazendo meu Santo e
com muito orgulho, e não me perturbe não, se
não vocês não vendem nada.

Então eu vendia minha mercadoria toda e ajuda
va a eles venderem a deles. Eu tinha um Se
nhor que era gerente de banco e abriu uma con
ta bancária. Construí uma casa muito boa den
tro do Afonjá, com duas salas, dois quartos,
banheiro, cozinha e área. E nisso comecei a
realizar todos os sonhos que eu tinha e estou
realizando.

Tudo que Xangô me prometeu ele me deu e me dá.
Meus sonhos foram realizados de ir para a
África, de eu ter uma casa de Candomblé gran
de, bem organizada e bonita. Então eu me sin
to uma pessoa filho de Xangô com muito orgu
lho, completamente realizado.

Xangô é um Santo Justiceiro".

5.5 RELAÇÃO ENTRE TERREIROS

5.5.1 Como influi a nível de Identidade e Solidariedade

Há uma interligação de linguagem, de nação entre os Terreiros. Todos conhecem seus antepassados. Até 5ª, 6ª geração. Partindo da Casa Mãe, de Origem, todos conhecem seus avós, seus tios e seus irmãos de Santo — da mesma origem. Em realidade cada Terreiro é autônomo, tem seu Babalorixá ou Ialorixá, sua hierarquia, seu ciclo de cerimônias e plenos poderes para exercer qualquer função. No entanto, há uma solidariedade, mesmo entre eventuais discórdias, crise de relacionamento (mesmo internamente dentro do próprio Terreiro). Há uma troca de respeito, de zelo, de estímulo. As festas atendem a um ciclo determinado por um tempo hierárquico. As Casas mais antigas "batem" primeiro. E vão se seguindo as outras mais novas com dependência de filiação. Por exemplo o Ilê Axé Opô Aganju é Filho do Elê Axé Opô Afanjá. Logo a festa do Aganju se inicia três semanas depois.

Essa diferença permite que as "Egbons", quer dizer os mais velhos do Afonjã, podem participar das festas do Aganju, apoiando, auxiliando nos rituais, acompanhando as cerimônias principais sobretudo nas cerimônias internas.

Entre os períodos, nos intervalos das festas se realizam obrigações de 3 a 7 anos, entrega de Deká, iniciação de Iaois, em todas estas cerimônias normalmente estão presen

tes pessoas de outros Terreiros para colaborar. É uma honraria ser convidado e é uma distinção ser visitado. Tudo se passa com muito rigor. As recepções a esses visitantes, sobretudo as mais melhas exige todo um ritual de respeito, finura, trato especial e elegância, nos mínimos detalhes.

Nações diferentes também se visitam, se acolhem com a mesma solidariedade e fidalguia.

É comum e muito bonito, quando em meio a uma festa no barracão, entra um visitante ilustre, um Babalorixá ou Yalorixá, um "Egbon", um irmão ou parente de "Santo" do zelador do Terreiro, a festa pára, os atabaques dobram num ritmo de saudação, o Pai ou Mãe de Santo tira o seu pano da costa, oferece ao visitante e o convida para entrar na roda ou dirigir uma cerimônia.

A solidariedade se dá também ao nível da troca, da ajuda mútua quando se faz necessário no próprio cotidiano.

6 CANDOMBLÉ E SOCIEDADE NACIONAL

6 CANDOMBLÉ E SOCIEDADE NACIONAL

6.1 RELAÇÕES HISTÓRICAS: PERSEGUIÇÕES. POR QUE FORAM PERSEGUIDOS?

O próprio contexto histórico que se desenvolvia a viagem dos africanos, com todas as implicações do tráfico, o presenciar a morte de companheiros, e essa entrega à própria sorte daqueles que sobreviviam já constituía por si uma violência. Aqui o batismo cristão, violência que se acumulava. E em meio a essas circunstâncias está o preceito contra a Religião de origem que ele trazia de seu continente. O africano foi buscando caminhos de retorno às suas práticas tradicionais. Passando pelo sincretismo, reunindo-se para dançar eles iam fazendo o Candomblé. Em tempo de escravidão era proibido pelos senhores, em tempo de "alforria" era combatido pela Polícia.

As perseguições são históricas e violentas. Aqui na Bahia havia batalhões especializados em extermínio de Candomblé.

Por que essas perseguições? Não convinha aos Senhores, à classe dominante que os negros se organizassem em torno de suas práticas tradicionais. A Religião católica deveria ser uma Religião. Fazia parte do sistema vigente esse tipo de interdição.

Finalmente só no ano de 1975 um ato governa

mental libera a prática do Candomblé. Mas restou o preconceito, a desconfiança por parte do "branco" contra essa Religião de "negros", gente primitiva, selvagem. Seu destino estava traçado: ser servo e cristão.

6.2 DATAS DAS FUNDAÇÕES, QUE RELAÇÕES EXISTEM ENTRE CRESCIMENTO OU DIMINUIÇÃO DO CRESCIMENTO DO Nº DE TERREIRO COM A SOCIEDADE NACIONAL OU OUTROS FATORES QUE POSSAM EXPLICAR.

A importância de levantarmos o tempo de FUNDAÇÃO DOS TERREIROS é porque o tempo de existência de um Terreiro determina a intensidade de Axé, a força da tradição, o acúmulo de saber, a dinâmica da afirmação de uma Identidade mantendo uma luta de resistência ao longo de 400 anos em condições de opressão. Encontramos Terreiros cuja função corresponde às décadas de 20 à 80. Podemos constatar pelos resultados obtidos. As tabelas mostram claramente a escassez de Terreiros fundados nas décadas de 20 até 50. Nos anos 60 há um crescimento considerável; passando de 3 Terreiros na década de 20, 3 na década de 30, 21 na década de 40, 26 na década de 50 e 54 na década de 60. O que corresponde a um início de discussão, de mobilização em todos os setores da sociedade e para o Candomblé, na Bahia, esse clima facilitou, que em 1975 o culto fosse liberado por decreto do Governo, mesmo sem uma mudança radical nas estruturas nem nas razões dos preconceitos.

Depois de realizada a pesquisa, hoje, agosto de 1985, estamos acompanhando o processo de iniciação de um Terreiro de Candomblé com os seus cinco primeiros Yaôs (Filhos de Santo) no bairro de Itapuã estes 5 (cinco) Yaôs têm uma faixa etária bastante diversificada 18, 19, 25, 45 e 50 anos aproximadamente. A Mãe de Santo é do Ilé Axé Opô Aganju. Tem suas Obrigações feitas, recebem Deká em 1984. Essa fase de iniciação dos primeiros Filhos de Santo de uma Casa, mostram a passagem de conhecimentos dos mais velhos aos mais moços, a guarda da tradição no mais absoluto rigor em cada detalhes na formação dos novos. A responsabilidade, a troca de colaboração, o sentimento de identificação que existe entre os antigos filhos com a sua própria religião, já dissemos em outra oportunidade que um Terreiro de Candomblé é uma Comunidade de trabalho, de divisão de responsabilidades, onde a contribuição de cada um é fundamental e indispensável. Falamos também da interdependência entre a Mãe ou Pai de Santo e seus Filhos de Santo, Ogans e Ekedis. Um Pai de Santo, mesmo se acusando às vezes de dominação de autoritarismo sobre os Filhos de Santo, em termos do sagrado das práticas religiosas, ele não realiza nenhum ato de culto sozinho. Por isto cada pessoa no Terreiro é consagrada para um serviço específico. Essa interdependência é da própria natureza da Religião — todos integram efetivamente o Terreiro.

COMUNIDADES DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR

ANO DE FUNDAÇÃO

ANO DE FUNDAÇÃO	COMUNIDADES FUNDADAS Nº	FILIADOS Nº	MÉDIA FILIADOS POR COMUNIDADE
1929	2	+ 15	+ 7,5
1933	1	n/informado	-
1935	1	100	100
1940	3	190	63
1942	4	200	50
1944	1	60	60
1945	2	88	44
1946	2	80	40
1948	2	125	62,5
1949	5	215	43
1950	4	145	36,3
1951	2	80	40
1952	2	53	26,5
1953	6	240	60
1954	1	60	60
1955	2	61	30,5
1956	2	60	30
1957	1	35	35
1958	1	30	30
1959	1	27	27
1960	7	+ 210	+ 30
1961	1	n/informado	-

Continuação

ANO DE FUNDAÇÃO	COMUNIDADES FUNDADAS Nº	FILIADOS Nº	MÉDIA FILIADOS POR COMUNIDADE
1962	2	55	27,5
1963	6	169	28
1964	4	116	29
1965	7	196	28
1966	4	160	40
1967	1	20	20
1968	9	239	26,5
1969	3	70	23,33
1970	8	140	17,5
1971	3	172	57,3
1972	2	+ 30	+ 15
1973	3	57	19
1975	5	135	27
1976	2	85	42,5
1978	1	25	25
1979	2	55	27,5
TOTAL	115	3.798	33

FUNDAÇÃO DOS TERREIROS POR DÉCADAS

DE 1920 A 1980

ANO DE FUNDAÇÃO	Nº DE TERREIROS	FUNDADOS	%
De 1920 a 1929	03		
De 1930 a 1939	03		
De 1940 a 1949	21		
De 1950 a 1959	26		
De 1960 a 1969	54		
De 1970 a 1979	36		
Respostas abertas	11		
Sem respostas	02		
TOTAL	156		

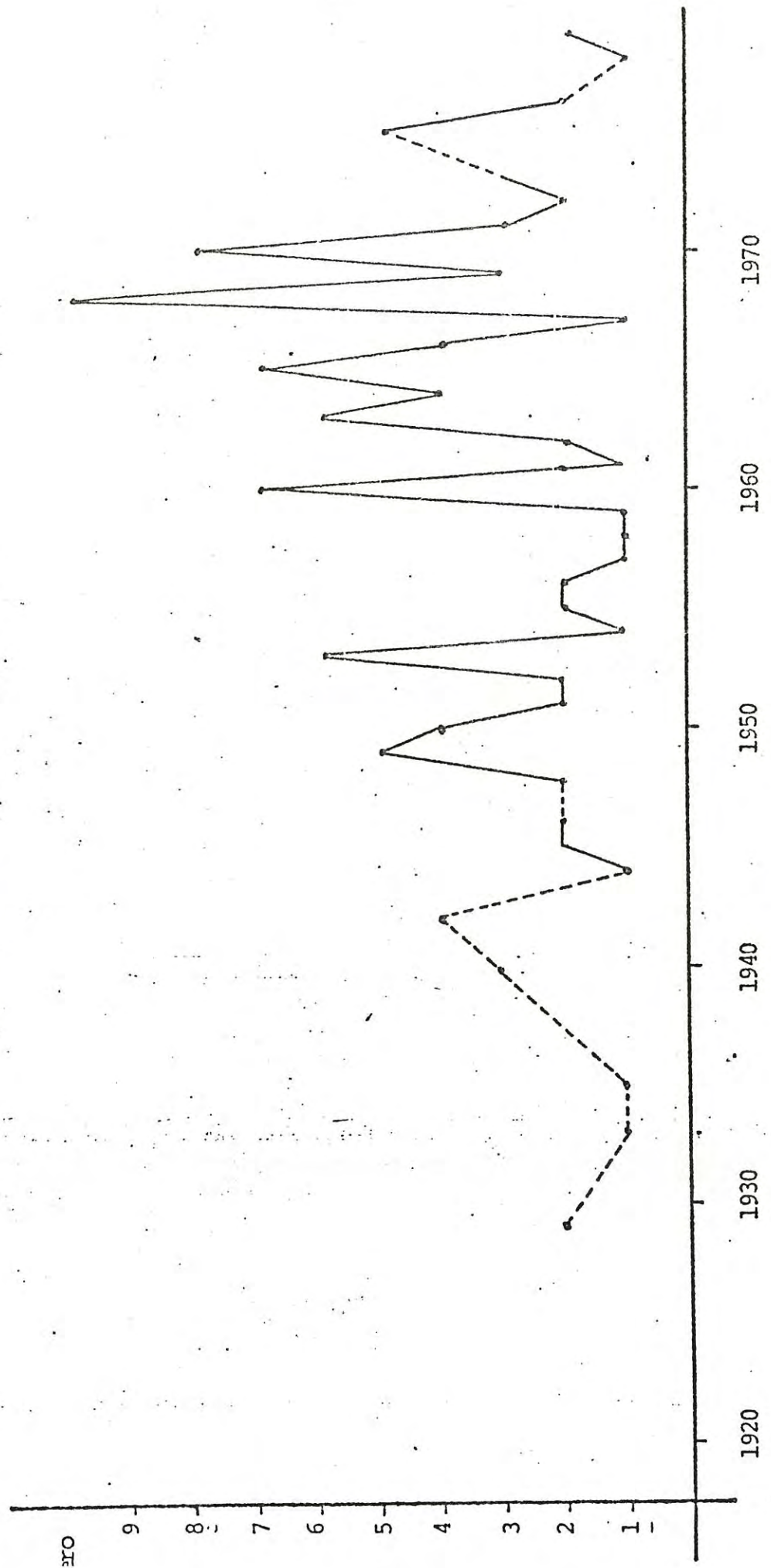
Respostas abertas à mesma pergunta: Quando foi fundado o Terreiro?

1. "Fundação mesmo, acho que foi depois que fez, mas antes já tinha festas".
2. "Eu acho que foi em 1940, na época da guerra".
3. "Não sei porque herdei de minha mãe".
4. "Não sei porque herdei de minha mãe".
5. "Logo que fiz minhas Obrigações".
6. "Quando fiz o Santo".

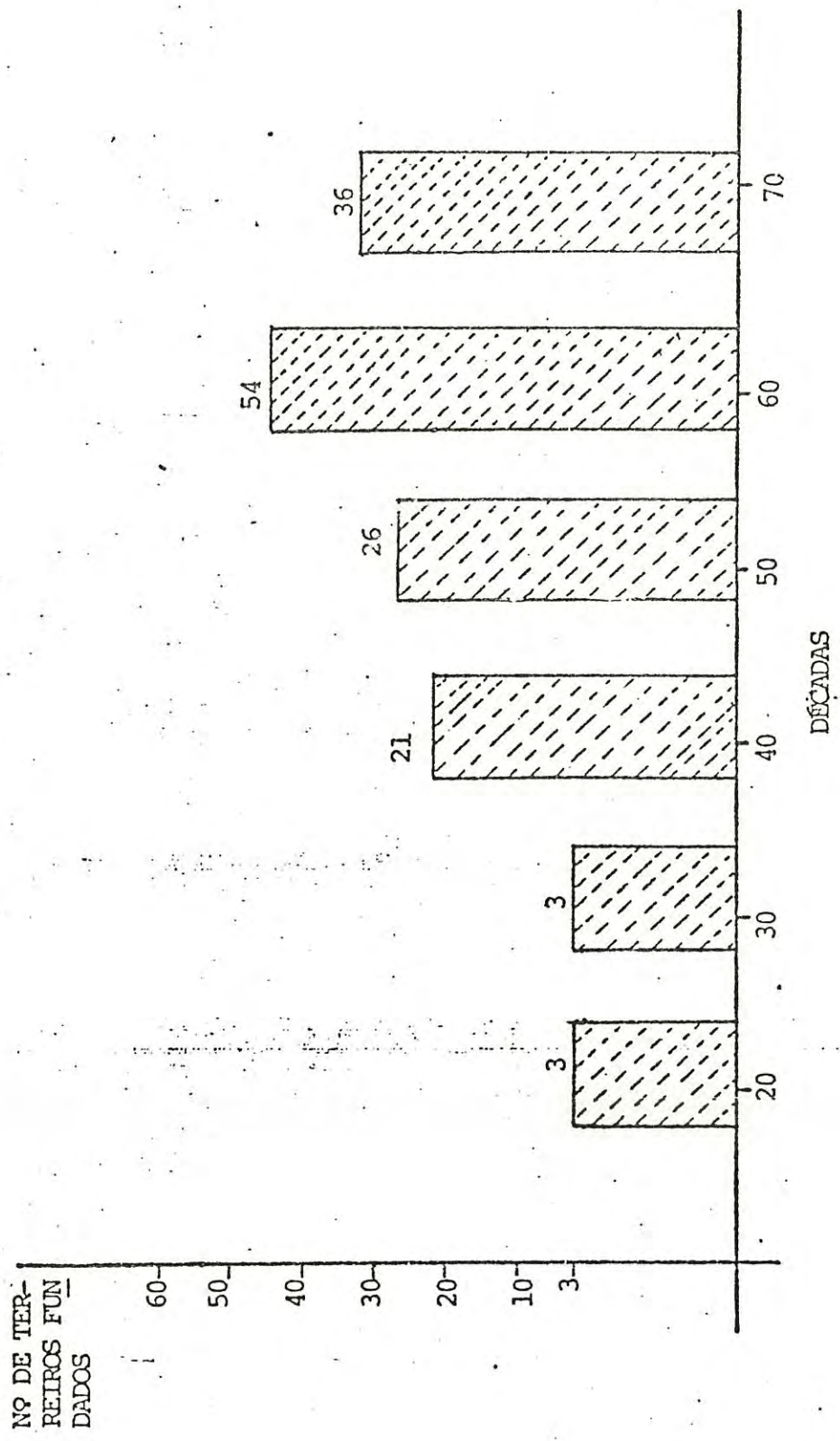
7. "Foi herdado da mãe da atual Iyalorixã".
8. "Não sei, sou substituta já em 4º lugar".
9. "Não sei, sou substituta, já sou a 3ª e não tenho nenhum registro".
10. "Não sei, porque já encontrei e não tem registro".
11. "Sinceramente, não sei, foi a velha que me deixou".

COMUNIDADE DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR

FUNDAÇÃO/ANO



DUNDAÇÃO DAS COMUNIDADES DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR
DÉCADAS DE 20 a 80



TEMPO DE FUNDAÇÃO

DÉCADAS DE 20 A 70

"Tempo de fundação por década. No século XIX, se tem notícias da fundação de duas Casas, inclusive duas das três mais famosas do Brasil; O Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, a Sé do Candomblé, e a Sociedade São Jorge Egbé do Gantois, casa do Culto Ketu, fundadas por africanos (Casa Branca fundada por Iya Adetá, Ihã Akalá e Iya Nosso Oká), e por descendente direto de africanos, no caso o Gantois. Depois, veio o Ilá Axá Opô Afonjá, fundado por Ana Eugênia dos Santos (Mãe Aninha, que funcionou no Pelourinho, Ladeira da Praça e finalmente São Gonçalo do Retiro, quando se estabeleceu por volta de 1900. Porém, devido à grande repressão policial existente até os anos cinquenta, poucos terreiros foram fundados neste período de mais de meio século. A grande concentração de fundações de Terreiros ocorreu na década de 60, devido à maior liberdade e maior aceitação do Candomblé não como seita mas, como religião, por parte da sociedade.

Depois dos anos 60, a repressão tanto policial quanto da Igreja Católica diminuiu consideravelmente. Com isto, as pessoas passaram a assumir abertamente a sua condição de "Omorixá" (Filha de Santo, e o Candomblé deixou de ser visto como seita exótica, primitiva e coisa de negros, para assumir sua mal condição de religião multi-racial vez que, hoje, muitos brancos aceitam o Candomblé como sua religião".

6.3 SITUAÇÃO ATUAL DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Número de Filiados: dado concreto da situação atual dos Terreiros

Tivemos a preocupação de levantar o nº de pessoas vinculadas ao Terreiro. Essas pessoas significam gente de Candomblé efetivamente. São os Filhos e Filhas de Santo, os Ogans, as Ekedis. Não se considera um visitante ou cliente membro do Terreiro. Para ser filiado realmente é necessário ter as Obrigações feitas: iniciação, confirmação, vínculo espiritual definitivo. Uma vez iniciado no Candomblé o direito fica adquirido por toda a vida. Sem os filiados o Terreiro não existe.

Falamos dos personagens desse Universo mítico e místico - o do Candomblé. Onde eles estão situados na Sociedade Civil? Em tempos mais remotos era religião de pobres, de negros, de gente de submundo, de ex-escravos. Hoje esse universo se amplia. A sociedade civil busca alternativas para a solução de seus problemas, de visão de mundo, de relação com a história, de alternativas para superação da crise que vive a humanidade. Crise de busca, crise de falta de espaço na sociedade, a composição de classe se altera, os meios de opressão ganham formas novas; as formas de comunicação tomam maior força em comunicar valores que incorporem uma visão dessa nova sociedade. Quando falamos de nova sociedade nos referimos as crises que o Brasil vive hoje no bojo de seu processo histórico. Não perdemos

clareza de que os meios de dominação econômico-político-social são os mesmos e determinantes da condição de vida da classe subalterna num País como este, onde ser negro é mais um desafio de uma forma de discriminação.

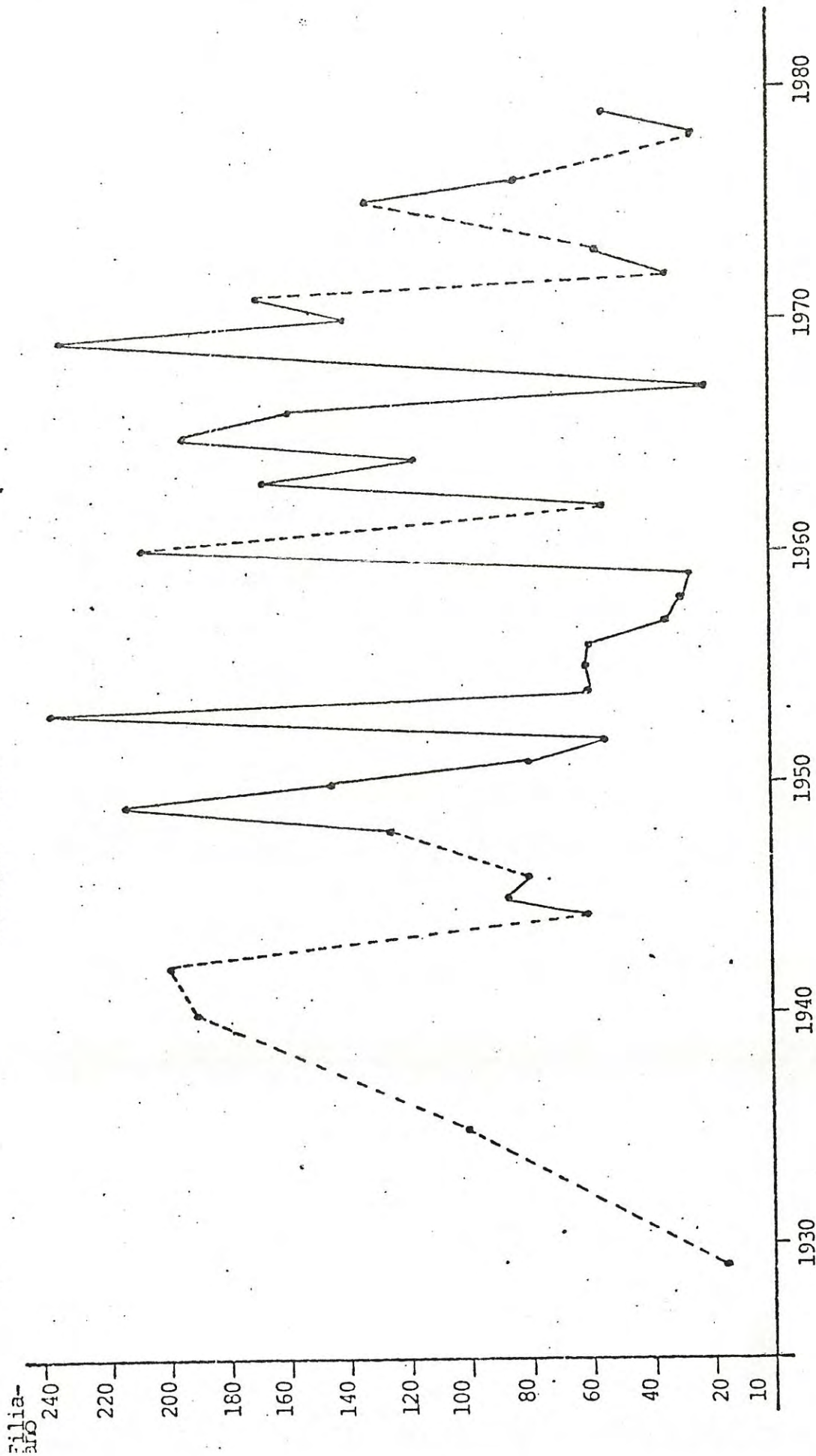
Hoje, é possível encontrar gente de qualquer classe social no Candomblé, por razões que aqui não nos cabe explicar. Mas os dados que apresentamos sobre: posição ritual, posição social e cor nos atestam que mesmo alguma modificação o Candomblé continua uma religião predominantemente de negros e com a participação de alguns elementos brancos predominantemente de classe subalterna. As exceções a essas categorias: negro e pobre na condição de Filho e Filha de Santo são ainda raras e numericamente significantes como veremos nos dados que a seguir apresentamos. Ainda existe uma estratificação social, manifestações de preconceitos por parte da classe dominante ante a gente de Candomblé. O que não significa que gente de "outras classes" não recorram aos Terreiros de Candomblé pedindo "servigos" que eles acreditam como feitiço, macumba.

O público que frequenta as festas de Candomblé é bastante diversificado. Estas festas são abertas ao povo e que se realizam no Barracão — as danças, os cantos aos Orixás, a possessão dos Filhos de Santo por seus Orixás. Mas quem assegura uma presença efetiva, batendo palmas, entendendo e acompanhando o que está se passando, é gente negra e pobre. Essa gente vai ao Candomblé porque conhece e com ele se identifica.

Acreditamos que por parte dos declarantes houve um equívoco de interpretação entre pessoas que participam efetivamente do Terreiro e os Filiados e assistentes, são clientes que eventualmente ou frequentemente vão ao Terreiro para assistir as festas ou demandar algum tipo de benefício, no entanto é possível afirmar que há um crescimento de pessoas que procuram o Candomblé, se integram a ele o adotam como Religião.

COMUNIDADE DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR

FILIAÇÃO ANUAL



7 CONCLUSÕES DO TRABALHO

7.1 SENTIDO DE DIGNIDADE IGUALITÁRIA

O Negro sempre lutou pela preservação de sua dignidade. Concordamos com Décio Freitas e Clovis Moura, que as lutas escravistas tinham um sentido conservador, até mesmo reacionário, porque lutavam por manter uma sociedade apenas igualitária, mas arcaica, com os vícios da opressão e da dominação estruturais. Importavam-lhes libertar-se da escravidão. Queriam ser tratados com liberdade e com respeito. O aviltamento à dignidade é o mais forte resquício dos elementos que constituíam o sistema escravista. O econômico, o político, tinham seu peso. Mas a violência pessoal feria mais profundamente. O servilismo não pode ser confundido com perda de dignidade. Às vezes é tático, às vezes é inconsciência, mas nunca um sentimento de perda do seu eu mais profundo que reclama por respeito e igualdade.

7.2 SENTIDO DE IDENTIDADE NEGRA

Como o negro se identifica no Brasil?

- . O negro brasileiro é um cidadão, livre, marcado por um passado histórico que são determinações que lhe conferem marcas de uma raça e de uma classe diferentes.
- . O negro brasileiro é o negro africano - escavo.

Como se identifica o negro africano?

- . Por seu continente: a África negra.
- . Por seu País.
- . Por sua região.
- . Por seu grupo étnico.

O grupo étnico antes da colonização era o determinante do processo de identificação do negro africano.

- . Uma língua comum: um dialeto
- . Práticas tradicionais comuns.
- . Práticas religiosas comuns.
- . Vestimentas.

O negro africano no Brasil perdeu as suas marcas fundamentais de origem, ele tem que lutar para ser um sujeito com identidade.

Essas lutas se iniciaram nos porões das senzalas, e continuam até hoje de maneira diferente. Mas é só uma questão histórica. Estruturalmente a opressão tem os mesmos efeitos. Discriminam a pessoa, o cidadão, a raça, e consequentemente a classe.

O negro trava hoje sua luta de Identidade a partir do que restou do estropiamento sofrido em sua longa traves

sia, passando pelos navios negreiros, pelas senzalas e as tentativas de vida e sobrevivência após a abolição.

Responsabilizamos por esse processo: as classes dominantes, o Estado e a Igreja. Nada disso é novo. Mas incontestável. Essa aliança não só se responsabilizou, como efetivou a quebra cultural do negro de suas raízes, sua história, sua cultura, que os identificava como seres humanos enraizados, historicamente situados, e culturalmente identificados entre si.

A Identidade Cultural de um povo se constitui de todos os elementos que caracterizam a origem, a maneira de ser, de viver, de se organizar, de trabalhar, constituir família, de se relacionar entre o homem e a mulher, de se relacionar com a Sociedade Nacional, com os bens, com os meios de produção e o fruto do trabalho, seja a nível pessoal, familiar ou coletivo.

Essa identidade se expressa através das formas de organização políticas, sociais, econômicas, culturais e religiosas.

Para identificar-se um povo é preciso conhecer: seu passado histórico, o lugar que ele ocupa na sociedade, a maneira como ele é encarado por essa sociedade onde ele vive, os serviços básicos de infra-estrutura de que ele dispõe, suas condições reais de trabalho, sua produção ao nível de ciência, arte, literatura, música, dança, pintura, domínio de idiomas,

forma de alimentar-se, vestir-se.

Repassar a questão de Identidade para nós, significa ter presente o nosso passado histórico, conhecer nossa história, nossa tradição, nossa cultura, nossa origem.

Não nos propomos a repensar a história e reviver a tradição por mera especulação ou volta ao passado. Para nós, negros brasileiros, é fundamental nos situarmos na Sociedade Nacional enquanto cidadãos. Quem somos?^{15/} De onde viemos? Qual é o nosso projeto histórico? Quais são as nossas perspectivas de integração nessa nova ordem social, que se está construindo?

Para isso é fundamental termos um quadro de referência que nos situe frente a certos dados que nos permitam conhecer o legado de nossos antepassados:

- as práticas tradicionais de nossos ancestrais;
- a tradição oral e sua significação hoje;
- literatura;
- música;
- arte;
- religião;
- pintura;

- poesia;
- dança;
- línguas crioulas;
- formas de alimentação;
- formas de vestir-se.

E isso transportado para cá, para o Brasil em tempo de cativo, como era criado na senzala. O que foi a vida cultural, social, política, econômica, organização familiar na senzala? 16/

Estamos conscientes, como já dissemos de início, que nosso compromisso é com luta pela transformação das estruturas de opressão que atinge a toda a sociedade; e com uma luta específica, que a nós nos compromete enquanto negros, com a especificidade que nos caracteriza, pela cor, pelo passado escravos.

Por outro lado, essa especificidade tem para nós seu fundamento nesse acervo vivido na senzala, por nossos ancestrais. Não para reviver, mas para resgatar. O que nos assegura essa posição é a própria história que nos mostra que o negro nunca aceitou a escravidão, a colonização; ele sempre lutou, ele sempre resistiu. E essa resistência é força, hoje, constituída em 400 anos de luta por uma libertação de um povo que sob as mais diferentes formas de opressão encontrou as mais

criativas formas de luta.

Estamos vivendo, hoje, a continuidade desse mesmo processo de busca de libertação. Mudaram as formas. Mantém-se os esquemas de dominação, de discriminação, de preconceito racial. Hoje distante de formas originais que nos identificavam culturalmente como negros vindos da África, hoje há mais de 4 séculos de desagregação, e quase um século de abolição da escravidão formal, nos identificamos por traços culturais hoje adaptados em terra de cativo, e sobretudo nos identificam as mesmas formas de OPRESSÃO que nos discriminam das mais variadas manifestações.

Diante dessas formas de opressão, o negro sempre desempenhou um papel histórico neste País. Nem sempre conscientes do papel a que eram submetidos,^{17/} podem ser registradas lutas significativas e formas singulares de organização, a exemplo de Palmares, A Revolta dos Malés na Bahia, Canudos, Alfaiates, além de fugas, estratégias as mais diversas em busca da libertação. O escravo sempre trabalhou e lutou.

A estas lutas seguiam-se nos anos 30 em São Paulo, organizações negras com o objetivo de buscar uma resposta a situação do negro após a abolição.

O Clarim da Alvorada, a Frente Negra de Libertação, o Teatro Experimental do Negro. Nos anos 70 há uma retomada formal do movimento, mais situada em contexto, politicamente mais definidos, com um quadro de referência mais articulado,

em termos de maior clareza quanto ao inimigo principal. Já não se buscava integrar o negro num quadro social existente, onde as diferenças fundamentais eram de natureza estrutural. Esses movimentos tem níveis de consciência e comprometimento distintos. Mas surgem e existem:

- O Movimento Negro Unificado, o I.P.C.N., Agentes de Pastoral Negros (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), grupos de caráter mais científico junto a Universidades no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Pará.

Existem grupos de caráter mais cultural:

- Os afoxês, os blocos afro, os grupos de teatro, de poesia, de música, de literatura. Todos a que nos referimos são grupos constituídos de negros, produzindo sobre a questão do Negro. Já se podem registrar alguns resultados em que pese nossa condição (negra) de existir.

E todos estes trabalhos buscam em suas raízes mais profundas travar novas formas de luta, buscando o espaço que sempre foi negado ao Negro, num País que ele construiu com seu trabalho escravo. E hoje em sua condição de "cidadão livre"

essa mesma sociedade se afirma para ele como uma negação de sua história, sua cultura, sua capacidade intelectual, seu poder de participação nas decisões do País: econômicas, políticas e sociais; seu reconhecimento como tipo humano aceito e reconhecido esteticamente. Isso se reflete a cada dia em termos atuais em problemas específicos que reforçam a continuidade do processo de discriminação e marginalização^{18/}.

Discriminação e marginalização que se caracterizam através de um cotidiano, onde os direitos humanos capazes de lhes assegurar condições de:

- Uma política econômica que favoreça às classes subalternas;
- Igualdade de oportunidade de emprego;
- Salário justo capaz de assegurar um padrão de vida humanamente digno;
- Qualificação técnico-profissional;
- Direito a terra para trabalhar;
- Direito à moradia;
- Direito à educação;
- Direito à saúde;
- Acesso aos meios de comunicação de nosso reconhecimento da cultura negra;

- Respeito às religiões negras;
- Respeito às tradições ainda hoje preservadas por alguns grupos negros que guardam sua di mensão de:
 - . etnia
 - . cultura
 - . tradição
 - . religião,

fundamentalmente negros, embora sofrendo as adaptações requeri das pelo tempo e pelas condições em que foram preservadas em meio à escravidão e à colonização. Através da Tradição Oral foi passado de geração em geração, costumes, jeito de ser e co nhecimentos. Esse acervo constitui nossa força de ser negro, e conseguimos sentir essa força quando sabemos que os nossos an tepassados conheciam bem seus antepassados, conheciam bem seus ancestrais, a história de cada um deles, da qual todos faziam parte. Havia um ritual a ser respeitado e assim eles viviam, trabalhavam, se reuniam, discutiam os problemas da família, da comunidade, elegiam seus chefes de aldeias, faziam suas festas, cultuavam seu Deus, seus ancestrais, seus Orixás.

No Estado da Bahia onde se pode constatar uma fonte de raízes, de tradições, de culturas, artes e religiões negras, também a situação sócio-econômica e política do negro não se faz distinta de outras regiões do País. O negro na Bahia

em quase sua totalidade vive nos escalões mais marginalizados da sociedade.

Ao lado dessa condição sócio-econômica aquém de subalterna se encontram na Bahia núcleos de resistência cultural e religiosa africanos dos mais autênticos do País. Mantidos desde os tempos da colonização e da escravidão estão vivas e atuantes as marcas de Identidade Cultural trazidas do Continente Africano.

As adaptações são marcas do tempo e da história, mas a essência se preserva como em sua origem, o que também se pode encontrar no campo religioso como o Vodum no Haiti.

São núcleos de cultura e resistência negras na Bahia guardando autenticidade grupos de:

- . Maculelê
- . Capoeira
- . Samba de Roda
- . Samba Duro
- . Afoxés
- . Blocos Afros
- . Teatro Negro
- . Cinema Negro

- . Poesia Negra
- . Música Negra
- . Dança Negra
- . Pintura Negra

Todos estes grupos têm propostas de preservação cultural de Identidade. Variam o grupo de intensidade com um compromisso mais puramente cultural ou buscando um caminho político como maneira de atingir o povo negro que não participa destes grupos, ainda constituídos por uma minoria consciente da questão político-cultural.

Não negamos a existência de um nível de consciência do que significa ser negro, mas referimos às formas de participação política mais explícita.

Por outro lado, estes grupos não estão integrados em uma política cultural mais ampla no Estado ou no País. Muitos deles são iniciativas particulares, enfrentando os mesmos problemas do seu cotidiano. Isto provoca várias questões que ora colocamos:

Quais as razões da não integração do negro na sociedade de classe?

O negro é considerado um cidadão?

Existe igualdade de oportunidades para o negro?

Quando se pensa em negro o que vem em mente como associação de idéias nos primeiros segundos (momentos antes de uma reflexão mais elaborada)?

Quais são os negros que fazem parte da nossa sociiedade "civilizada"?

Onde estão os negros no Brasil?

No escalão superior da Igreja Católica?

No escalão superior ou no oficialato das Forças Armadas?

Nos Ministérios Públicos?

Nas representações parlamentares?

Nos quadros da magistratura?

No magistério superior?

Nos gabinetes de pesquisas científicas?

Nos quadros técnicos científicos? Nas assessorias de empresas governamentais ou privadas de alto nível?

Nas gerências das multinacionais?

Onde está o negro?

Conheço muitos.

Muitos negros.

A participação do negro num processo de conscientização, organização e transformação da sociedade se dará numa luta sem nenhuma dúvida, entre as duas classes de interesses antagônicos: burguesia e o proletariado. Mas seguramente entre os proletários estarão os negros conscientes, organizados e comprometidos com essa transformação mais ampla, entretanto sem perder a especificidade de uma luta que lhes cabe mais diretamente, o resgate de sua história como raça. Seria justo reintegrar o negro numa sociedade nova, sem discutir, sem questionar, sem resolver o "porque" de tantas páginas da História Nacional dedicada a um de seus grandes capítulos: a Escravidão e suas sequelas!

O negro é uma raça que não foi integrada. Ele chegou como escravo, ele serviu, ele participou da construção do País, ele resistiu sempre. Ele não gostou. Nunca. De ser escravo, de ser explorado, de ser dominado por uma classe que detinha o poder, e por isso o escravizou, e um dia essa mesma classe assume a administração do processo de sua abolição, de acordo com suas conveniências político-sociais e econômicas, determinadas pelo quadro de exigência das relações internacionais. 19/

Porque já não convinha mais a escravidão?

O que fazer com os negros ex-escravos?

Para onde iriam eles depois de libertos da es

cravidão formal? O que foi pensado juntamente com ele considerando sua especificidade racial, sua historicidade, num País como este, onde a composição social se fez por acordos políticos, interesses econômicos e conveniências sociais e nunca por identidade de cada raça.

7.3 LIÇÕES DE EXPERIÊNCIA DOS TERREIROS PARA OS NEGROS BRASILEIROS

CANDOMBLÉ — Seus valores podem ajudar a Sociedade? Como?

1. O poder e saber dos Babalorixás e Yalorixás são adquiridos por tradição oral e repassados no cotidiano a toda comunidade e aos membros da comunidade entre si. 20/
2. A divisão de responsabilidades. Comando descentralizados: acento em responsabilidade do poder hierárquico, cuja instância maior é a do Babalorixá ou Yalorixá; Poder recebido dos Orixás a ser distribuído com os da Casa. A função do comando é coordenação, e jamais é exercida individualmente, por exigência dos próprios fundamentos — o Pai ou Mãe de Santo nunca trabalham sozinho. Ele precisa da colaboração de Filhos de Santo, de Mogbás, de Ogans, de Ekedis e seus substitutos diretos, além das funções específicas: Dagã, Ko

labê, Alabê, o da Matança, etc.

3. A complementariedade nas funções: participa
ção de todos os níveis segundo o seu grau —
Os Filhos de Santo são a pedra angular, num
Terreiro de Candomblé, embora tenham que res
peitar toda a hierarquia.
4. A organização do trabalho também como proces
so de preparação e exercício de participação.
5. O papel da mulher. A presença de mulheres co
mo maioria no Candomblé, assumindo todas as
funções de MAIOR importância:

- . Yalorixás
- . Iya Kekerê
- . Kolabá
- . Ekedí
- . Iabassê
- . Iamaró
- . Filha de Santo
- . Ebâme
- . Dagã

[Com segurança a presença de mulheres no Can
domblé é no mínimo de 90% e com direito a as

sumir todos os pontos de representa poder
dentro da Religião.]

6. O Candomblé como uma Comunidade de Trabalho:

- . Educação — troca de conhecimentos de natureza diversa;
- . Medicina Natural — o conhecimento e uso das plantas para cura de doenças;
- . Trabalho profissionalizante — trabalham o ferro, a madeira; trabalham contas, conchas, búzios, couro.
- . Artesanato
 - costura
 - ornamentação
 - peças sagradas e decorativas
- . Cozinha

7. Ocupação dos negros que têm função alta no Candomblé, nos estratos subalternos da sociedade. Posição social e posição ritual dos membros do Candomblé.

8. Maioria absoluta negra no Candomblé:

- Entre os que ocupam cargos e/ou são filiados;

- Entre os assistentes/frequentadores.

9. A diversidade de nações (Nagô, Jêje, Gêge/Na
gô), todas desenvolvendo o mesmo culto com
pequenas variações, o que testa a integração
e definição de uma Identidade Negra através
do Candomblé, desde os tempos da escravi
dão. 21/

10. Organização do negro no Candomblé:

- Tudo tem seu lugar

- Tudo tem sua hora

- Tudo tem seu jeito próprio.

11. A pedagogia do conhecimento:

- O saber e as funções dos mais velhos:

. passados dos mais velhos aos mais moços;

. vendo e aprendendo;

. prestando muita atenção sem perguntar
muito;

. fazendo como os mais velhos fazem;

. sabendo guardar segredo, eles têm uma di
mensão do silêncio, no qual ninguém bus
ca penetrar.

12. A importância da família:

- Primeiro núcleo de resistência
- Iniciação básica
- Transmissão de conhecimento pelo cotidiano
- Herança espiritual
- Responsabilidade de continuação dos destinos dos mais velhos
- Parentesco é compromisso.

13. Família de Santo:

- Compromisso forte

14. Sentido de respeito MUITO FORTE:

- Com os Santos
- Com o Pai ou Mãe de Santo
- Com os mais velhos no "Santo"
- Com a hierarquia

15. A Dignidade é questão fundamental em todo o Ritual, entre todos os Níveis Hierarquicos.

16. A questão acentuada da Oralidade na Sociedade de de Candomblé, em oposição com o valor do Código de Linguagem Escrita na Sociedade Acadêmica — na educação oficial — no Candomblé todo o conhecimento é passado dos mais velhos aos mais moços pelo cotidiano. Não há aulas, não há teoria. O código é: é assim que se faz. 22/
17. O valor do tempo no Candomblé — confere direitos, obrigações, compromissos e saber.
18. A importância do RITUAL.
19. A relação entre o culto e o cotidiano através das funções sociais, profissionais que os agentes religiosos exercem na sociedade civil.
20. A manutenção do Candomblé como afirmação de IDENTIDADE ao longo de todo o período que vem da escravidão até os nossos dias. A pesquisa mostra Casas fundadas entre 1929 e 1979, e pessoas com tempo de iniciado em ORIXÁ fazendo parte da Religião, como Filho de Santo com um mínimo de 4 anos e um máximo de 69 anos.
21. A prática da Advinhação do Destino, através

de consulta ao Oráculo de IFÁ. É uma prática de solidariedade, é um serviço que ajuda a muitos que crêem.

22. O conhecimento da natureza e sua relação com ela através das manifestações de raio, de trovão, do vento, da chuva.
23. A importância das folhas, que eles sabem identificar pelo nome e pela sua utilidade para os mais variados fins.

7.4 RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS

Qual é a forma de saber, requerida no Candomblé?

- O poder advém, sobretudo, na linha do tempo, do saber e do domínio, da tradição e da ancestralidade.
- Não há correspondência entre grau de instrução e posição ritual dentro do Candomblé.
- Se valoriza e se vive de geração em geração um saber próprio que o saber formal não alcança.
- Os cargos, as funções mais altas não estão relacionadas com o grau de instrução, mas com o conhecimento, axé, comprometimento e dom pessoais.

A partir desta realidade conhecida e vivida pe
las camadas populares sugerimos:

- Conteúdo e forma de novas alternativas de co
municação com as camadas populares, valorizando
do as manifestações culturais do Negro.
- Através da busca de alternativas pedagógicas
de discussão da Temática Negra com as camadas
populares negras e não negras:
 - a) A questão da educação nas camadas popula
res onde a maioria é negra, sobre pontos
fundamentais: o africano vindo para o Brasi
l; o seu passado histórico, racismo; pre
conceito de cor e discriminação racial; a
participação do Negro na construção do
País;
 - b) Elaboração de material de estudo adequado
ao nível das camadas populares como instrumen
to de discussão capaz de levar a uma luta
política que tenham como ponto de partida
o cultural, conhecido e vivenciado por
essas camadas. A opressão é concreta, no
dia-a-dia, mas é preciso partir do mais fami
liar para eles que são os núcleos cultura
is e religiosos até chegar aos núcleos



determinantes da opressão que vêm de fora de sua realidade.

- c) Aprofundar estes temas e ter condições de desenvolver um programa de discussão teórico/metodológico entre o cultural e o político com as camadas populares dos bairros da periferia de Salvador, cuja maioria é negra.

A partir destas idéias seria possível:

- Ver o que se pode resgatar do cultural como instrumento de luta;
- A questão da participação da mulher nos diferentes processos de libertação do negro;
- A questão da mulher negra na sociedade de classe, e na perspectiva da DISCRIMINAÇÃO RACIAL, hoje na Bahia e no Brasil;
- A questão dos meios de comunicação junto às camadas populares com a explicação da questão do negro na sociedade hoje;

O objetivo principal de nossa proposta seria:

- A questão da informação; da consciência crítica, da participação política do negro na sociedade

cidade, sem perder de vista a PERSPECTIVA DE RAÇA E DE CLASSE SUBALTERNA NO SISTEMA CAPITALISTA DE PRODUÇÃO.

7.5 CONCLUSÕES GERAIS

[Os Terreiros de Candomblé guardam as marcas gerais do continente africano — a fé em um ser supremo que se manifesta através dos Orixás; organização em torno de núcleos de família; celebração de cultos e cantigas em língua africana; escola de trabalho, de organização social, exercício de poder na pessoa do Babalorixá ou Yalorixá compartilhado com todos os níveis que constituem a comunidade — o que faz lembrar os antigos reinos africanos.

A marca da Tradição Oral fortemente acentuada na guarda e transmissão de conhecimentos, não são relativos à celebração dos cultos, mas se passa no Candomblé um sentido de vida que marca valores fundamentais: a dignidade e valorização pessoal; o sentido de família; o respeito aos mais velhos; o respeito pela tradição na vida da Comunidade; o trabalho como meio de sobrevivência da família, e da religião; a convivência na comunidade onde os bens devem ser compartilhados,] (por exemplo: dia de festa, os Filhos e Filhas de Santo vão para a roça (que é o Terreiro ou a Casa de Candomblé), os que podem mais, levam mais para sua manutenção, e dividem com aqueles que podem menos), na hora da festa todos têm tudo o que for necessário para a cerimônia; Babalorixá ou Yalorixá tem a centraliza

ção do poder espiritual, e acompanha de perto tudo o que se passa em sua Casa pelo qual ele é o principal responsável.

No Terreiro se trabalha confeccionando tudo o que é necessário para o culto — instrumentos, atabaques (o instrumento de maior força espiritual), a construção das casas dos Orixás, do Barracão, os artefatos necessários ao culto, além das vestimentas, colares de contas, símbolos dos ORIXÁS feitos de conchas, de contas, de palha, de ferro; as comidas que seguem a um rigoroso ritual, desde a seleção dos elementos com que se preparam comida de Santo e se compartilha com os visitantes. A comida chamada comida de Santo é servida depois da cerimônia com ALUÁ, uma bebida feita com casca de ananás e melado de rapadura.

Há uma organização social, uma solidariedade, uma responsabilidade no trabalho, nessa participação e ação junto aos objetos sagrados, nessa integração que tem sua origem e seu fundamento na vinculação com os ORIXÁS. Os grupos se constituem com pessoas ligadas espiritualmente, iguais e identificados, sobretudo na raça — porque a maioria das pessoas de Candomblé são pessoas negras e, na classe porque a maioria é pobre. Ao lado da constituição do Terreiro, das cerimônias internas, dos laços de integração, do sentido de identificação ela tem seu momento mais solene nas Festas de Barracão, onde os ORIXÁS se manifestam — Rainha das Águas — Oxum, Rei do Trovão — Xangô, Rainha do Mar — Yemanjá, Rainha dos Ventos e

dos Raios — Yansã, Rei da Caça — Oxossi, Oxalá — Pai de To
dos, o Guerreiro, ferreiro que abre caminhos — Ogum. Em meio
a esse reinado se realiza o profundo momento de Identificação,
quando pessoas que lá no seu cotidiano vivem como lavadeiras,
costureiras, baianas de acarajé (vendedoras de comida típica
em pontos turísticos), passa a ser RAINHAS e REIS), como os
Orixás que os habitam. Assumem em toda a sua plenitude, uma
dignidade e uma nobreza incontestáveis, no que há de beleza,
de elegância, de opulência e transcendência. E esse momento de
Identificação, o negro vive somente à margem da Sociedade ci
vil onde ele é um subalterno pobre e discriminado pela cor e
pela sua posição social.

[A mulher negra cabe aqui uma referência especi
al — ela que acumula discriminações pela vida afora, por ra
zões já conhecidas, no Candomblé, ela assume seu lugar verda
deiro e vive seu momento de glória, de plenitude. Ela é RAINHA
de verdade. Ela é uma mulher que todos RESPEITAM como SER HUMA
NO feito ORIXÁ. Os de dentro crêem profundamente e os de fora
admiram tanta nobreza e tanta dignidade em coreografias boni
tas e com ar de transcendentalidade. A mulher é também respei
tada em toda a sua dignidade, fora dos momentos de possessão,
ela tem cargos no Terreiro. É a Yalorixá, mãe e responsável
por tudo e todos que constituem sua "Casa".]

A gente de Candomblé tem muita consciência de
que seus ancestrais vieram da África, eles se identificam com

um além que é religioso, e um além-mar que é uma terra onde alguém de sua linhagem tinha e teria história, tinha nome, tinha lugar. Eles não têm aqui uma referência que os qualifique ante a sociedade capitalista. E aí situamos o outro lado da questão principal que a nosso ver, passa pela Identidade e deve chegar à uma posição de assumir as implicações do processo histórico que lhes trouxe até aqui, os escravizou, os colonizou e determinou a condição em que vivem hoje. Eles assumem essa possibilidade de requalificação social e de identificação, através do Candomblé. Embora não confessem a alegria de serem lá requalificados socialmente, dizem sempre, "soube que minha santa estava muito bonita, mas não pude ver, entrei logo no Santo" (o transe que lhes tira a consciência). Por outro lado, recorrem ao Candomblé sob a alegação de que é um chamado especial, vão para cumprir um "destino", que pode ser herança de família — na África os Orixás eram de família, passavam de um para outro membro da família. Aqui pelos búzios é que se sabe quem deve ser Filho ou Filha de Santo, e quem tem "cargo" para ser Pai ou Mãe de Santo. Há um orgulho velado em tudo isso. Dizem sempre: "o santo disse e eu tenho que cumprir". Alegam muito também questão de saúde, de emprego, de ajustes familiares como motivo que os leva ao Candomblé. E muitos dizem, "por mim, eu não gostaria, mas tenho que cumprir. Tenho que ficar".

Mas voltando ao que chamamos ainda há pouco o outro lado da questão, com a qual continuarei este trabalho: em outra oportunidade, é como encontrar uma forma de manter es

tes "núcleos de resistência", aos quais já nos referimos além do Candomblé: Os Afoxês, os Blocos Afro, os Grupos de Teatro, de Música, de Dança que retornam as raízes — SEM DESCARACTERIZÁ-LOS, porque sua força está nessa marca de algo comum que os identifica e os une étnica e culturalmente — mas a questão é: como POLITIZAR SEM ALTERAR, o discurso, e sobretudo a AÇÃO desses núcleos, que têm na sua maioria gente que pertence às CAMADAS POPULARES e vive as determinações que essa condição impõem ao seu cotidiano em termos de moradia, de alimentação, de saúde precários ou inexistentes. Como engajar esses núcleos numa luta com uma perspectiva de transformações estruturais, de uma luta concreta, por questões democráticas, condição subalterna.^{23/}

E nesse sentido seria bom lembrar nessa busca que:

"Não é a consciência que determina a existência, mas é a existência que determina a consciência".
Marx e Engels. A Ideologia Alemã, pág. 37
Ed. Ciências Humanas. São Paulo, 1979.

"A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente e o ser dos homens, é o seu processo de vida real".

Pág. 37. 1979.

A Classe — está diretamente vinculada a ideologia, às formas de consciência.

Estamos conscientes de que a luta cultural por si só, não leva às transformações estruturais determinadas pelo sistema capitalista de produção. Mas estou certa de que é preciso passar pela sua luta específica, a especificidade da cor que o coloque acima das maselas pelo racismo, traduzido em preconceito de cor e discriminação racial.

O específico por si só é conservador! Mas é um ponto de partida e deve ser desenvolvido conjuntamente com a luta geral pela transformação das estruturas da sociedade maior.

A questão fica colocada. Não chegou o meu momento para a explicação. Prometo a mim mesma um continuar desse caminho, participando da luta pela tomada de consciência do negro, de sua posição de raça e de classe.

Gostaríamos que ficasse claro que no Candomblé se reencontra:

1. O sentido de dignidade igualitário.
2. O sentido de identidade negra.
3. Lições da experiência dos Terreiros para os negros brasileiros em particular e em sentido mais amplo para os negros em geral.
4. Recomendações estratégicas.
5. Outras conclusões.

Estes pontos nos permitem um certo número de elementos para repensar a questão do ser negro no Brasil.

Como disse um militante negro norte americano:

*"Gostaria de despojar-me de certas im
posições do cotidiano, certas condi
ções impostas pela própria situação de
classe, para desenvolver um trabalho
de estudo e pesquisa engajado na reali
dade, em busca de sua explicação".*

Eldridge Cliver. 1981.

NOTAS

NOTAS

1. FREITAS, Décio. Escravos e Senhores de Escravos. Porto Alegre. Editora Mercado Aberto, 1983.

A Situação do Escravo em Salvador.

"... No fim do século XVIII e princípio do século XIX, a Cidade do Salvador era o maior centro urbano do Brasil e um dos maiores, se não o maior, de todos o Novo Mundo. Segundo as melhores estimativas — na base de estatísticas escassas e precárias — sua população andaria, incluídos os subúrbios, pelos centro e quinze mil habitantes. Quase metade do total da Bahia. Centro Urbano de tal magnitude constituiria uma singularidade, numa economia essencialmente agrária. Mas Salvador era a Cidade mais antiga do Brasil, fôra a metade do século, a Capital do vice reinado e tinha uma importância administrativa e comercial correspondente à da produção que se escoava pelo seu porto.

Outra singularidade de Salvador, consistia na sua população negra. Apeans 25% dos habitantes passavam por brancos, cerca de 20% constatavam como pardos e nada menos de 25% eram negros.

Salvador era uma cidade negra, e os negros por sua vez, na sua grande maioria, escravos. pág. 81

2. FERNANDES, Florestas. Integração do Negro na Sociedade de Classe.

"Nós brasileiros", dizia-nos um branco, "temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar até que ponto está arraizado no nosso meio social".

É verdade que em ideal de democracia impede as manifestações demasia do brutais, disfarça a raça sob a classe, limita os perigos de um conflito aberto. Se a isso acrescentarmos certa bondade natural do brasileiro, o hábito adquirido há séculos de viver com os negros, e mesmo, por vezes, uma certa displicência, compreendemos melhor que o preconceito não se exprime abertamente. Mas de um modo mais sutil ou encoberto".

3. Mörner, Magnus. L'histoire sans frontiere. Fayard. France 1971.

"... Os navios negreiros carregavam escravos de diferentes portos. Ao chegarem os escravos eram dispersos em diferentes tipos de serviço, como mão-de-obra escrava. A ausência de uma língua comum, levava os escravos a adotarem a língua dos senhores e começar seu processo de aculturação. Por outro lado, as condições em que se realizavam as viagens nos navios negreiros, não permitia que trouxessem consigo para o Novo Mundo seus bens de seus países.

Exerceram, apesar de tudo, grande influência sobre a religião popular, a música, a dança, a linguagem, a agricultura na América.

4. Escravidão Senzala

Branços e Negros em São Paulo.

"A senzala onde eram fechados ao anoitecer e da qual soltavam-se ao amanhecer, não se confundiam com um estábulo, porque era mais propriamente uma prisão, habitualmente sem iluminação, nem ventilação convenientes. Localizada no porão da casa grande ou dela separada alguns metros, sua característica permanente consistia em nunca proporcionar o menor conforto aos seus moradores, amontoados em pequenos espaços, em um estado de promiscuidade e abandono extremos".

5. Ferreira, Euclides Menezes. O Candomblé no Maranhão. Gráfica e Editora Alcântara Ltda. São Luiz do Maranhão, 1984. Pág. 80.

"Devemos não esquecer que a formação do rito afro brasileiro deve-se aos escravos negros os quais merecem o nosso respeito por suas práticas admiráveis de resistência, como também pela memória que herdamos, e continuamos lutando para preservar".

6. Kaplan, David e Manners, Robert A. Teoria da Cultura. Pág. 43. Zahaar Editores. Rio de Janeiro, 1975.

"Se alguém deseja produzir avaliações que exprimem o que é a cultura do ponto de vista de outrem a quem pertença, enão deve esforçar-se para produzir uma avaliação em termos dos conceitos, categorias e interpretações nativas.

7. BASTIDE, Roger. 1971/79. in Querebentan de Zomadu (Etnografia da Casa das Minas). Sergio Figueiredo Ferretti. Coleção Ciências Sociais. Série Antropologia I, 324p. São Luíz do Maranhão, Edufma, 1985.

..."O que sabemos é que em toda parte onde existiram confrarias de negros, a religião africana subsistiu no Uruguai, na Argentina, no Perú e na Venezuela, e que essas religiões africanas desapareceram nesses países quando a Igreja proibiu as confrarias de se reunir fora da Igreja depois da Missa para dançar. Quantas vezes notamos no Nordeste que essas confrarias de negros são compostas das mesmíssimas pessoas que frequentam o Candomblé e aí ocupam importantes cargos hierárquicos. Por conseguinte, a Igreja sem o querer, ajudou a sobrevivência dos cultos africanos.

A confraria não era evidentemente o Candomblé mas constituía uma forma de solidariedade racial que podia servir de núcleo e continuar em Candomblé com o cair da noite". Pág. 220.

8. Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira. São Paulo, Ática, 1977.

Todas as questões, aponta Ferreira Gullar, levam a um único e mesmo problema, que reside em saber se nos países subdesenvolvidos, existe um ângulo peculiar donde se vê a História. Pág. 21.

9) Pág. 89

Entre os Bassangas do Zaire, por exemplo, o ser supremo... é imaterial, é invisível. Ele se exprime através dos fenômenos da natureza, como o vento, o relâmpago, a tempestade, etc. A crença no Ser Supremo entre os Bassangas não é acompanhada de um culto correspondente. ... É um Deus distante e ocupadíssimo. Eis a razão de não se dirigirem senão aos intermediários... "Munanga Kabengele, 1977. 293-294.

10. AUGRAS, Monique. O duplo e a metamorfose (a identidade nítida em comunidade nagô). Editora Vozes. Petrópolis, 1983. Pág. 31

"Ao nível do Candomblé tradicional, não há fusão, nem síntese entre a ideologia cristã e o sistema nagô.

Encontramos, ao contrário, uma nova visão do mundo, modos diferentes de pensar, símbolos originais. Parece que em última análise a transmissão dos mitos e dos ritos, a organização dos tempos, objetivaram reconstruir um templo (mítico) e um espaço (sagrado) que recriam a essência da África perdida".

11. Ortiz, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. Editora Brasileira. São Paulo, 1985. Pág. 137.

"Um seminário sobre a noção de identidade, coordenado por Levi Strause, dizia nas conclusões de seu trabalho que a

IDENTIDADE é uma entidade abstrata sem existência real, muito embora fosse indispensável como ponto de referência; (Levis Strauss (org.) L'identité, Paris. Ed. Grasset. 1977.

12. Cossard, Giselle Bisan. A Filha de Santo.

O Orixá e a Filha de Santo. Pág. 131

"... a importância que a determinação do Orixá protetor exerce. Ligado a cada ser humano a partir do momento de sua concepção, ele corresponde a uma estrutura inata. De terminar o Orixá é na realidade, perceber o núcleo das disposições que cada indivíduo recebeu de herança e que constituem a sua estrutura somato-psicológica".

13. Montello, Josué. Os tambores de São Luís. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora. 1981. Pág. 6

"Foi então que escutou o romper dos tambores, ali perto na Casa - Grande das Minas. Quase no mesmo instante tiniram os Ogãs, e sacudiram as cabeças, mas não suplantaram os tambores, que iam acelerando os tantantã nervoso que obriga as noviches a girarem sobre se mesmas" pág. Depois de passar para o outro lado da rua, Damião deu consigo na calçada do Querebantan, e ali retardou a caminhada, querendo entrar. Era uma casa baixa, de beiral saliente, caiada de novo, na esquina do beco das Crioulas, com janelas de rótulas e portas de duas fôlhas, sobre a rua de

São Pantaleão".

..."Pág. Quando saiu ele não saberia dizer ao certo quanto tempo ali permanecera. Vinte minutos? Meia hora? Ou mais ainda? Mais ainda certamente. O importante é que depois de ouvir os tambores e assistir às danças rituais sentia preparado para ir ao encontro do seu trineto. Sentado no banco a olhar as noviches dançando rodeadas de velas, era outra vez o negro puro, filho de sua raça, em contato com as remotas raízes africanas".

- 14) Camargo, Cândido Procópio Ferreira de Kardecismo e Umbanda. Pioneira São Paulo. 1961. Pág. 15

"... existe uma idéia de que as religiões populares ou religiões de filk são mais homogêneas. Ao lado disso coloca-se, que nas religiões afro brasileiras e especialmente no Terreiro, na casa de culto, encontra-se uma tentativa de recriar laços primários perdidos no meio urbano (cf. Camargo, 1961).

15. Arthur Ramos

O negro na civilização brasileira. Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro. (São Paulo. Empresa Gráfica Carioca), 1956. Pág. 97

"Para o estudo da herança cultural do Negro, no Brasil, torna-se necessário o investigar nas culturas de origem...

Através destas pesquisas e estudos sobre as tradições culturais do negro brasileiro, propomos o seguinte quadro das sobrevivências culturais do negro no Brasil:

- a) Culturas sudanesas, introduzidas pelos negros da Costa dos Escravos, do Dahomey, da Costa do ouro etc. (Negros yorubas, euves, fanti-ashantis...).
- b) Culturas sudanesas negro-maometanos, introduzidas pelos haussás, Fapas, mandingas, fulahis, etc.
- c) Culturas bantus, introduzidas pelos negros angola-congueses e moçambiques, principalmente.

Nas sobrevivências religiosas, podemos reconstituir algumas culturas de origem... chama-se Candomblé na Bahia, termo que como macumba significa primitivamente dança e instrumento de música e por extensão passou a designar a própria cerimônia religiosa dos Negros. Pág. 101 ... O culto destes Orixás é celebrado na Bahia, em templos especiais, os Terreiros. Em cada Terreiro, existem os altares dos Orixás, os Pegís.

16. Fernando Henrique Cardoso. Capitalismo e Escravidão no Brasil. Meridional. Paz e Terra, 1977. Págs. 259 e 260.

(O Negro na Sociedade de Classe em formação).

... a alienação não se processou como uma entrega sem dores. Para tornarem-se iguais aos brancos, e um dia, quem

sabe sentiram-se componentes do mesmo grupo nacional, foi preciso primeiro que os negros se afirmassem como um "outro grupo".

O ponto de partida era já alienado: o grupo de referência não era o "nosso grupo" mas o grupo dos brancos, diante do qual os negros eram os "outros". De qualquer maneira, no próprio processo de tentar realizar suas aspirações alienadas, os negros tomavam consciência de si como o que eram, como grupo espoliado. Contraditoriamente, ao mesmo tempo que precisava lutar para tentar ser o que não eram e o que não poderiam ser: iguais aos brancos, descobriram o que realmente eram; párias da sociedade de classe, lumpem e negros. Sem consciência plena do processo, os negros sentiram mais do que compreenderam a dupla determinação que os limitava".

17. GODELIER, Maurice. Antropologia. Organizador (da Coletânea) Edgar de Assis Carvalho. São Paulo Editora Ática, 1981. 208 páginas.
Pág. 150.

... Logo, a questão teórica se torna: como pode o homem primitivo se representar na sua consciência esta natureza que existe na prática e se apresenta na sua consciência como um domínio de forças misteriosas e superiores?

A resposta de Marx e Engels é clara e o veremos — corres

ponde em profundidade aos resultados de antropologia moderna das religiões: o homem primitivo pensa a natureza por ANALOGIA. O pensamento primitivo pensa espontaneamente a natureza de maneira analógica ao mundo humano.

18. Freitas, Décio. *Palmares a Guerra dos Escravos*. Edições Graal. 1978. Pág. 189.

"A insurreição palmarina deve ser apreciada à luz desta ampla perspectiva histórica. Constitue a mais séria e veemente contestação ao sistema escravista. Foi o primeiro experimento de um Brasil realmente autônomo e independente, sobranceiro e colonialismos, e dependências externas de qualquer tipo. Sua República abrigou a primeira sociedade igualitária e livre que tiveram os desgraçados do Brasil. Ressoa como a mais esplendorosa epopéia dos dominados da história brasileira".

- 19) Freitas, Décio. *Escravos e Senhores de Escravos*. Porto Alegre, R. G. Sul. Editora Mercado Aberto. 1983.

"A revolução antiescravista não produziu no Brasil uma sociedade nova, moderna e dinâmica. Na medida em que preservou múltiplos elementos da formação anterior, assumiu um caráter, não apenas conservador, mas na verdade arcaico. Salvo melhor juízo deve-se ao historiador russo Sergucy Kovaliou a conceituação das revoluções pré-capitalistas como revoluções de tipo arcaico, ou seja, revoluções que produ

ziam sociedade atrasadas e conservadoras. Nisso parece consistir a especialidade da transformação social operada no Brasil com o desaparecimento da escravatura". "Pág. 166).

20. Herskovits, Melville. L'heritage do noir. Presence Africaine. Paris, 1962. 347 páginas.
Págs. 240 e 241.

"Tous les écrivains qui se sont intéressés a la région d'Afrique d'ou sont venus la plupart des esclaves noirs, n'ont pas manqué de noter que la caractéristique essentielle de la religion, réside dans rapports intimes avec la vie quotidienne. Les forces de l'univers, qu'elles soient bonnes ou mauvaises, sont toujours présents dans la vie du Noir; il les consulte en cas de doute, les informe des mesures décisives qu'il a l'intention de prendre implorant leur protection quand il a besoin de soutien ou d'aide".

..."Le rituel a pour base la vénération exprimée en chants et danses, l'expérience religieuse suprême consistant dans la possession par le Dieu".

21. Ribeiro, René. Cultos Afro-brasileiros dos Recifes. Um estudo de ajustamento social. 2ª edição. Recife. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 1978. Pág. 30.

"O contato com a África, através os escravos recém chegados, ou pelo comércio de amuletos, talismãs, e objetos de

culto, como a informação de Kaster deixa entaves a Nina Rodrigues assinalara na Bahia (102) reforçava aqui as tendências para a manutenção, pelos escravos e seus descendentes, das tradições e ritos religiosoa africanos".

22. HAMPATÉ BÂ A. A tradição viva.

Pág. 181

"Quando falamos de tradição em relação a história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode deixar são a memória viva da África.

23. HASENBALG, Carlos A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda. 1979. 302 páginas.

Pág. 31

"De um ponto de vista teórico, diferentes interpretações dos arranjos raciais presentes podem advir de conceituações divergentes do passado escravo e da natureza da relação senhor-escravo. O exame dos vários paradigmas da relação senhor-escravo é uma medida parcial na procura da ligação en

tre escravismo e relações raciais pós-abolição, na medida em que esses paradigmas se referem à extensão em que o escravismo produziu mais ou menos permanentemente, um conjunto de características sociais, psicológicas e culturais próprias do grupo escravo e seus descendentes. O julgamento acerca da qualidade específica e estabilidade destas características grupais é por sua vez, básico, ao escolher entre explicações alternarivas da posição sócio-econômica dos negros após abolição".

ANEXOS

DEPOIMENTOS

Sistema de Educação na África

Mme. BINTA KENO ABDJAN, 1985

Etnia Dioula ou Malenkué (= la mème chose).
Ao Norte da Costa do Marfim.

Adiem Bouaké Sequela - puras. Outras são já mes-
cladas.

Odinué 100%. Sequela 100%. Bouaké é a etnia
dominante.

Religião - são mulçumanos.

Quando uma criança nasce se raspa a sua cabeça no sétimo dia de seu nascimento. A criança vai à Escola "Ecole Coranique" e começa aí o seu processo de Educação. Seja menino ou menina é igual o princípio de educação. Ele aprende a ler o Alcorão, a conhecer as leis mulçumanas, o ensino para um meni-
no pode durar 18 anos. Ele começa aos 7 anos. Mas ao mesmo tem-
po ele fica junto de um mestre. Ele habita lá, trabalha para ele, é a sua formação para alguém que não vai à escola formal. De 7 anos a 18 a formação termina. Então ele volta à casa de sua família depois dessa formação com um diploma, que não é um diploma formal, mas é um saber que recebe. Nesse momento ele sabe rezar, ele conhece a Lei, ele sabe o que é bom e o que

não é bom dentro da sua Religião. Logo ele é um homem que é preparado para enfrentar a vida.

Seu pai vai buscar a forma de levá-lo a se ca sar para que ele tenha sua casa. Mas para escolher a sua mu lher, não é ele que vai fazê-lo, é seu pai que vai escolher a sua esposa. Mas o critério dessa escolha será sua prima (filha de seu pai ou filha de sua mãe) ou filha de uma amiga íntima do Pai que é de boa família. Boa família entre nós não quer di zer que o pai seja rico, quer dizer, uma família que tenha uma boa moral, isso é muito importante. O que se entende lá por mo ralité? Que a mãe tenha sido boa esposa, boa trabalhadora, obe diente, tenha recebido uma boa educação. Se supõe que essa fi lha seja o modelo de sua mãe. Isto quer dizer que ela também deve ter passado pela Ecole Coranique. Mas ela não tem a mesma formação que seu marido porque ela é mulher.

O procedimento do casamento. Vai ser chamado o filho jovem, o pai vai lhe dizer, eu te escolhi, para uma espo sa. É a filha de meu irmão ou a filha de minha irmã, ou a fi lha de um amigo que me é muito caro. Eu sei que ela será uma boa esposa, porque sua mãe é uma boa mulher. É uma esposa res peituosa, trabalhadora e honesta. Ele não pergunta o seu ponto de vista. Depois ele pergunta o que tu pensas? O filho dirá en tão o que te dá prazer é bom para mim. Tua escolha é a minha escolha. Ele dirá a seu filho, eu estava certo de que tu res ponderias dessa maneira, porque tu és um filho respeitoso,

educado, eu não me enganei. Tu és meu verdadeiro filho.

Se o filho reagia de outra maneira de dizer não, o pai sentirá vergonha diante dos outros porque fica demonstrado que ele tem um filho que não obedece, e ele o pai é responsável de não haver educado bem ao seu filho, porque na nossa educação um filho não diz não aos seus pais. Mesmo se o filho não fica satisfeito com alguma coisa ele não tem direito de dizer não a seus pais. É por isso que a mulher mulçumana é uma esposa muito submissa, respeitosa, trabalhadora, corajosa, ela não deve jamais elevar a voz diante do seu marido. Mesmo se ele não tem razão ela não dirá jamais. À noite quando ela se encontra com seu marido dirá: "grand frêse", porque assim ela trata seu marido como um símbolo de respeito, tu não foste justo comigo.

E o marido entre os dois, um diante do outro pedirá desculpas.

A vida de uma mulher em sua casa, em família:

A jovem que se casa à idade de 17 a 18 anos se faz uma cerimônia, de lavar sua cabeça depois de haver dado "Cola" — para que o nível de amizade seja bem estabelecido. Quando é feito o pedido da mão da moça, o pai diz: eu vou refletir, mas de fato ele vai consultar sua mulher, seus irmãos, a família. Se a família está de acordo, de toda maneira a família não pode dizer não porque já deu sua palavra. Mas se tudo está de

acordo, se faz o casamento.

A jovem depois da cerimônia ela fica 7 dias em casa de seu marido; durante estes 7 dias (é importante que ela seja virgem, ao contrário, ela desonra a família), se tudo passa bem durante os 7 dias o marido oferece um carneiro ao Pai dela, da moça com quem ele se casou. Isto significa que ele educou bem sua família.

Depois destes 7 dias a jovem volta à casa de seus pais, se prepara então os presentes de casamento, para reconduzí-la definitivamente à casa de seu marido.

DEPOIMENTO

LOPES, Tomé Herculano Frei Mercedário, angolano da região de Bandus, onde ainda se conservam muito das origens da religião tradicional Bantu.

"Dentro das propostas das lições tiradas da experiência dos Terreiros do Candomblé qual deverá ser o nosso comportamento em vista do futuro?

Um povo que conhece a sua história, a sua Religião e a sua Cultura, é um Povo forte; é um Povo com futuro.

O estudo ora realizado sobre a realidade do Candomblé, pretende dar a conhecer ao mundo um pouco daquilo que é a Religião dos Orixás, no intuito de colocar nas mãos de Negros brasileiros de modo especial e nas mãos de todos os Negros e demais homens dispostos a conhecer e a valorizar para respeitar aquilo que de mais sagrado tem a alma negra: sua religião e cultura.

Existem poucas fontes sérias de consulta sobre a realidade da Religião dos Orixás porque seu estudo tem sido feito por pessoas estranhas e alheias à nossa religião e cultura.

Em atenção à reivindicação justa da Comunidade Negra que, cansada de ver e de assistir as violações à sua cul

tura e religião exigindo por isso que o estudo deve ser feito por nós mesmos que conhecemos em profundidade porque acreditamos no que escrevemos; realizei este trabalho para tornar crível e aceitável a força transformadora da nossa religião e cultura aos olhos de descrentes e desconfiados.

Recomendo firmemente, partindo de minhas convicções pessoais endossadas por vários Negros que conhecem a nossa cultura que no Candomblé o Negro pode encontrar (recuperando se for o caso) a identidade e as características dos nossos ancestrais, assim como a vivência da Tradição Oral, uma das vertentes do Candomblé que é, sem dúvida alguma, uma arma poderosíssima para preservar a cultura e a religião do Negro.

A Tradição Oral mantém a nossa cultura passada de pai a filhos, de geração a geração, num ritmo seguro, sério e conseqüente. E isto sem dizer que existem segredos passados para poucos, passados para os melhores filhos, aqueles que amam e se interessam pelas coisas que vão sendo transmitidas sempre de forma solene.

A identidade do Negro e as características dos nossos ancestrais, assim como a vivência da Tradição como sejam, a Comunhão e a solidariedade, numa fraternidade ampliada podem ser encontrados no Candomblé".

GLOSSÁRIO

GLOSSÁRIO

01. ABÊBÊ — leque ritual de Òsun e de Yemanjá.
02. ADÊ — coroa, tipo de diadema usado pelos Orixás feminino (adê) e por Oxalá; era a coroa dos reis e das rainhas, na África.
03. AGO — "com licença" (agô) expressão frequentemente ouvida nos Terreiros.
04. AGÔ — Licença, pedido de passagem.
05. AJÁ — Campanha que a Mãe de Santo agita junto ao ouvido das filhas, quando o Santo custa a manifestar-se.
06. AJÁ — A campanha que é símbolo de poder, utilizado pelo Babalorixá ou Yalorixá em todas as cerimônias privadas ou públicas.
07. AKAÇÁ — Massa de milho envolvida em folha de bananeira.
08. ALUÁ — Bebida preparada com milho ou arroz cozido e fermentado: casca de abacaxi, gengibre fermentado e adoçado com rapadura; do árabe haluah.
09. ALUÁ — Bebida que é servida com a comida do Santo. (Já descrito no texto sobre as festas).

10. ALUJÁ — Rítmo de atabaques consagrados a Xangô - toque de guerra.
11. AXÉ — É a força espiritual, misteriosa, invisível, responsável pelo destino, pelo crescimento do Terreiro e de cada um dos seus membros. O Axé é dinâmico, ele cresce à medida que se intensifica o interesse pelo cumprimento das Obrigações, pelo exercício das práticas religiosas. O Axé se intensifica à medida que se desenvolve o máximo possível de integração entre o Terreiro e os Orixás, à nível individual e coletivo. O crescimento do Axé do Filho de Santo supõe busca de conhecimento, contato com os mais velhos, identificação com o seu Babalorixá ou Yalorixá, passa por esse caminho a ligação entre cada Filho ou Filha de Santo e seu Orixá.
12. ASOGUN — Sacrificador, ôgan de faca (axôgun).
13. AYABA — Rainha.
14. ANOS 60 — A popularização do Candomblé, o fim da perseguição da polícia deu mais liberdade. O povo pode mais assumir.
15. BABÁ — Pai - título dado aos Eguns, em particular.
16. BABALÃO — "Pai do segredo", sacerdote de Ifá, advinho.

17. BABALORIXÁ — Pai de Santo.
18. BARRACÃO — Salão onde se realizam as festas públicas.
19. BORÍ — Comida oferecida à cabeça; (sacrifício). É a cabeça que come, e não o Orixá. O Borí pode ser seco, isto é, sem matança e sem sangue. A oferenda mais adequada é um obí.
20. CANDOMBLÉ — "Primitivamente era um baile africano, e em seguida suas práticas religiosas", seg. MEN
DONÇA. Segundo CASTRO o termo provém de Kan
dombele: culto, oração (banto).
21. CANDOMBLÉ — Uma religião antiga do Nordeste da África - Culto afro-brasileiro. Candomblé é autêntica Religião do Negro.
"É saber fazer do nº 1 ao nº 30".
22. CARURU — Esparregado de quiabos, acompanhado de carne ou peixe, originário do Daomé.
23. DEKÁ — Axé que se recebe em pleno público, só para o público, depois o fundamento só se recebe internamente.
24. EBÓ — Oferenda de animais destinada a um Orixá.

25. DESTINO — A pessoa quando nasce, nasce com um destino. As pessoas dentro do Candomblé nasce com um destino de bom ou de ruim. Destino de ir para a frente, progredir, ter. Outros não.
26. EGUN — As almas dos mortos, os antepassados.
27. EPO — Azeite de dendê.
28. FEITA — Iniciada, aquela que fez o Santo.
29. FEITURA — Iniciação, processo em que os duplos sobrenaturais dos elementos psíquicos da pessoa são fixados em objetos simbólicos, e sua contraparte neste mundo, fixados na cabeça e no corpo da noviça.
30. EBOMI — Egbom - mais velho (barco).
31. FERRAMENTA — Objetos simbólicos que os Orixás manifestados levam consigo: espada, leque, etc. e que evocam sua natureza e suas funções.
32. FILHA OU FILHO DE SANTO — Iniciada, sacerdotisa.
33. FILIADOS DO TERREIRO — Filhos de Santo, Ogans, Ededis, Mogbás. Títulos dentro do Axé - um Terreiro de Candomblé e feito de títulos dentro do Axé.

34. HERANÇA DE FAMÍLIA — Dentro da Religião dos Orixás - dentro do Candomblé no Brasil não existe hereditariedade. Na África para que a pessoa tenha herança de família. São bairros que pertencem a cada Orixá. O membro daquela família é o Rei. Cada bairro cultiva um Orixá.
35. FUNDAMENTO — Princípios, rituais e símbolos que garantem a conservação e transmissão do Axé do Terreiro, e a preservação da ordem do mundo, num sentido mais geral.
36. IÁ — Mãe.
37. IAÔ — A esposa mais jovem do grupo familiar; no Candomblé, é o primeiro grau na hierarquia iniciática. Poderia ser igualmente uma forma abreviada de iya wòrìsà, a iniciada mais recente da Casa.
38. IFÁ — Deus ou Orixá da adivinhação.
39. IJEXÁ — Nome de uma tribo Yorubá "nação do Candomblé".
- 40 JEJE — Nação do Candomblé; etnia africana de origem daomeana.
41. JOGO DE BÚZIOS — Consulta adivinhatória ao oráculo DEIFÁ.

42. KÉTU — Nação do Candomblé. As primeiras casas de culto Kétu teriam sido fundadas por sacerdotes da cidade de Kétu.
43. LOCALIZAÇÃO — Antigamente era escondido, agora está liberado. As pessoas fazem o seu Terreiro de Candomblé onde lhe convém.
44. MATANÇA — Oferenda de um animal a um Orixá.
45. MO JUBA — "Eu vos saúdo", expressão comum nas orações e na língua do povo de Santo.
46. NAÇÃO — Grupo de devindades provenientes da mesma etnia africana (Congo, Angola, Jeje...) ou do mesmo subgrupo étnico (Kétu, Ijexá).
47. OBÍ — Noz de cola, semente de árvore Cola Acuminata. Há dois tipos: o abatá, africano, com quatro cotilédones; o gbanja brasileiro, com dois cotilédones.
48. OBRIGAÇÕES — deveres a serem cumpridos pelos adeptos com os Orixás.
49. OBRIGAÇÕES DE 3 ANOS — Obrigações intermediárias.
50. OBRIGAÇÕES DE 7 ANOS — Última Obrigação do estágio de Yaô para o status de Ebomi.



51. ODE — Caçador.
52. OGAN — Superior, chefe. Os Ogans são membros masculinos do Candomblé com dupla função, civil e religiosa; O Ogan é um protetor da Casa escolhido por um Ori_xá e confirmado por um ritual público. Além de suas funções civis, que consistem em prestigiar e fornecer dinheiro para as festas sagradas, o Ogan pode também desempenhar funções religiosas como alágbe, assogun, etc. (Ogã ou Ogan).
53. OGUN — Guerra. Também é o nome do Deus da Guerra e das artes mecânicas.
54. OJÁ — Tira de pano que as filhas de Santo amarram no peito (ojá). É usada ainda hoje na África para carregar as crianças pequenas e simboliza o status da mulher casada.
55. OKÓ — Pênis; lança de Omulu.
56. OMI — Água. Oferenda que deve estar presente junto ao assento de qualquer Orixá.
57. ORÍ — Cabeça, alma, um dos elementos da pessoa, ligado aos antepassados.
58. ORIKI — Saudação, nome indicado atributo da pessoa.

59. ORIXÁ — Divindades intermediárias que governam o mundo em nome de Deus.
60. ORIXÁ — Divindade protetora personalizada (divindade, por que não somos seita, somos Religião).
61. OSSÉ — Semana. Domingo, dia de Oxalá; na antiga semana africana de quatro dias.
62. PADE — Ou Ípade; reunião, cerimônia propiciatória realizada antes da festa no Barracão, quando houve matança de bichos de quatro pés.
63. POVO DE SANTO — Expressão popular que designa na Bahia os grupos ligados aos cultos de origem africana.
64. O POVO NO CANDOMBLÉ — É uma assistência para que os filhos têm cargo. Quando não tem cargo continua com o posto de filho.
65. QUALIDADE — Forma pela qual é conhecido um Orixá, e que corresponde a funções específicas deste último. De cada Orixá são conhecidas várias qualidades.
66. RUMPI — É o tambor do meio, tocado com dois agidavi; é tocado pelo otun alagbê (do Fun humpevi).

67. RUN — Dos três tambores usados no Candomblé, é o maior to cado pelo alagbê. Faz contracanto e papel de solis ta; dirige a orquestra. É tocado com um agidavi, com a mão direita. A mão esquerda bate com a palma ou com os dedos.
68. SANTO — Nome empregado para designar o Orixá, devido à as sociação deste último com um Santo católico. San to bruto; Orixá que não foi submetido aos ritos de iniciação, e que se manifesta brutalmente, de modo imprevisível.
69. SIGNIFICAÇÃO DO TEMPO — Quanto mais o tempo vai passando vai encontrando as responsabilida des, os compromissos.
70. TEMPO DE SANTO — Se não há a Obrigação de 7 anos você não é Egbom. Conta a Obrigação de 7 anos fun damental.
71. TERREIRO — O tempo onde é praticado o culto dos Orixás, ou dos Eguns; o termo designa ao mesmo tempo o lugar, o sítio geográfico, o santuário, e a co munidade ligada a este último.
72. XIRÊ — Festa, brincadeira.
73. NOMES DE NAÇÃO — Apesar de que tenho meu Santo que é afri cano, eu não sou africano, sou brasilei-

ro, descendente de africano. Quando os portugueses aqui chegaram encontraram os índios que são os caboclos. Egum, Keto, Bate Folha (muslicongo) Angola Gêge.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

01. a) Nome do Babalorixá ou Yalorixá: _____

b) Quanto tempo tem de Orixá: _____

02. Quem é a Mãe de Santo ou Pai de Santo do Babalorixá ou Yalorixá da Casa ou Terreiro? _____

03. a) Quando foi fundada a Comunidade Terreiro? _____

b) Como começou? _____

04. Observar o grau de instrução do Babalorixá ou Yalorixá. _____

(perguntar caso perceba disponibilidade)

05. Babalorixá trabalha fora do Terreiro ou desenvolve outras funções além da função de Babalorixá ou Yalorixá?

SIM NÃO

Qual? _____

06. Que pessoas trabalham aqui no Terreiro?

Mogbás: [] SIM [] NÃO Quantos brancos? ____ Quantos negros? ____

Ogãs: [] SIM [] NÃO Quantos brancos? ____ Quantos negros? ____

Ekédis: [] SIM [] NÃO Quantos brancos? ____ Quantos negros? ____

Filhos de

Santo: [] SIM [] NÃO Quantos brancos? ____ Quantos negros? ____

a) Que fazem os Ogãs? _____

b) Que fazem os Ekedis? _____

c) Que fazem os Filhos e as Filhas de Santo? _____

07. Qual a profissão dos Ogãs?

[] Funcionário Público

[] Mecânico

[] professor 1º grau

[] Eletricista

[] Professor 2º grau

[] Pedreiro

[] Professor Universitário

[] Carpinteiro

[] Pescador

[] Vendedor Ambulante

Lavrador BiscateiroOutras. Citar qual: _____

08. Qual a Profissão dos Ekedis?

 Funcionário Público Lavrador Professor 1º Grau Empregada Doméstica Professor 2º Grau Baiana de Acarajé Professor Universitário LavadeiraOutras: Citar qual: _____

09. Qual a Profissão dos Filhos e Filhas de Santo?

 Funcionário(a) Público Pedreiro Professor(a) 1º Grau Carpinteiro Professor(a) 2º Grau Vendedor Ambulante Pescador Biscateiro Lavrador(a) Baiana de Acarajé Mecânico Lavadeira Professor Universitário Empregada Doméstica Eletricista Costureira Outras: Citar qual: _____

10. Quem é o Orixá Padroeiro da Casa ou Terreiro? _____

Qual a festa mais importante? _____

Quando se realiza? Dia _____ Mês _____

11. As pessoas que frequentam o Terreiro na sua maioria são:

Brancas Negras

Porque? _____

12. Qual o maior motivo que leva as pessoas a procurarem o Can
domblé? _____

13. Que força sustenta a Comunidade Terreiro como Religião há
tantos anos? _____

14. Quantas pessoas são filiadas a Comunidade Terreiro? _____

15. Quantas pessoas moram no Terreiro (residência fixa)? _____

16. Na sua opinião como as pessoas se sentem num Terreiro? E qual o sentimento que elas sentem por esta Religião? _____

17. Qual a idade média das pessoas que procuram, hoje, a Comunidade Terreiro? _____

18. O que uma pessoa precisa saber para pertencer à Comunidade Terreiro? _____

19. Como são adquiridos os conhecimentos na Comunidade? _____

20. Quem é que manda numa Comunidade Terreiro? De que modo?

Por que? _____

21. Porque existem os diversos níveis hierárquicos? _____

IDENTIFICAÇÃO

Nome do Terreiro: _____

Nação a que pertence: _____

Endereço: _____

Localização: _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Heley. Negras Raízes. Editora Record, 6ª edição, 1976.

AMADO, Jorge. Bahia de Todos os Santos. Livraria Martins Editora. São Paulo, 12ª edição, 1966.

_____. Jubiabá. 18ª edição. Livraria Martins Editora.

AREIAS, Almir das. O que é capoeira? 2ª edição. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo. 1984.

ARTAND, Gerard. Se Conaitre soi-mê-me. Les Editions de L'homme, Montreal, 1978.

AUGRAS, Monique. O duplo e a metamorfose. A identidade nítida em comunidades nagôs. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.

AVARO, Joseph Ambourve. Um peuple gabonais a l'aube de la colonization. Paris. Editions Karthala. Centre de Recherche Africains, 1981. 285p.

AZEVEDO, Thales de. Democracia Racial. Ideologia e realidade. Petrópolis. Vozes, 1985.

BASTIDES, Roger. Les Ameriques Noires. Petite Biblioteque Payot. Paris, 1967.

_____. As religiões africanas no Brasil.

BASTIDES, Roger e FERNANDES, Florestan. Branços e Negros em São Paulo. São Paulo, Editora Brasileira, 1971.

BONIN, Giselle Cossard. Idem LEPINE, Cluse. Os estereótipos da personalidade no Candomblé...

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Peões, Pretos e Congos. Goiânia, Editora de Brasília, 1977.

_____. Os Deuses do Povo. Editora Brasiliense. São Paulo, 1980.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Kardecismo e Umbanda (interpretação sociológica). Pioneira. São Paulo, 1961, 176p.

CÂNDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1971.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. A Afro América. A Escravidão do Novo Mundo (Tudo é História 33). Brasiliense. São Paulo, 1982.

CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

_____. e IANNI, Octávio. Cor e Mobilidade Social em Florianópolis. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1960.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. "Etnicidade". Revista Religião e

Sociedade, nº 1 pág. 58. Maio de 1981.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. Negros, Estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo. Editora Brasileira, 1985.

CARIBÉ, Hector Páride Barnabé. Nome de Caribé. As Sete Portas da Bahia. Salvador-Bahia, Livraria Martins. Editora, 1962.

CARNEIRO, Edson. Regiões Negras. Negros Brancos. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1981.

_____. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978 - 6ª edição.

CARVALHO, Edgar Assis. Antropologia Econômica. Economia e Sociedades: Abordagem funcionalista, estruturalista e marxista. (Godelier, Mourice), 1981.

CASCUDO, Jués de Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro 4ª edição. Instituto Nacional do Livro. Brasília, 1979. (Editora Melhoramentos. São Paulo).

C.I.M.I. (Conselho Indigenista Missionário). História dos povos Indígenas. 500 anos de luta. Vozes, Petrópolis, 1982.

CLEAVER, Eldrige. Alma no Exílio. Autobiografia espiritual e intelectual de um líder negro norte-americano. Editora Civilização Brasileira, 1971. Título Original: Soul on ice.

CONRAD, Robert. Os últimos anos de escravatura no Brasil. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

COSTA, Emília Viotti de. A abolição. Coordenação Jaime Pinsky. São Paulo, Global Editora, 1982.

CUHE, Denys. Perou Nègre. Editions L'Harmattan, 1981. 180p.

CURTS, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978.

DESPERTRE, René. Boujour et adieu a la Negritude. Paris Editins Robert Laffort, 1980.

DINESEN, Isak. A fazenda africana. Círculo do Livro. Editora Civilização Brasileira. Título Original: Out of África. Copy right, 1937-1938.

FERNANDES, Florestan. A integração do Negro na Sociedade de Classe. São Paulo. Editora Ática, 1978.

_____. Circuito fechado. 2ª edição. Hucitec. São Paulo, 1979.

FERREIRA, Climério Joaquim. Uma festa pública de Candomblê. Centro de Estudos Afro Orientais. UFBA., 1980.

FERREIRA DE CAMARGO, Cândido Procópio. Kerdecismo e Umbanda. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1961.

FERREIRA, Euclides Menezes. O Candomblé no Maranhão. Gráfica e Editora Alcântara Ltda.

_____. Orixás e Voduns em Cânticos Associados. Gráfica e Editora Alcântara Ltda. São Paulo, 1984.

FREITAS, Décio. As Guerrilhas do imperador. Rio de Janeiro, Edições Graas, 1978.

_____. Escravos e Senhores de Escravos. Porto Alegre. Editora Mercado Aberto, 1983.

_____. Insurreição Escravas. Porto Alegre, Editora Movimento, 1976.

_____. Palmares a Guerra dos Escravos. Rio de Janeiro, Edições Graad, 1978.

GODELIER, Maurice. Organizador. Edgard de Assis Carvalho. Coordenador: Florestan Fernandes. Antropologia. Fetichismo, Religião e Teoria Geral da Ideologia. São Paulo, Editora Ática, 1981. 208p.

GOÊS, Dantas Beatriz. Repensando a pureza nagô. Religião e Sociedade nº 8

GOULART, José Alípio. Da palmatória ao Pai Patíbulo. Castigos de Escravos no Brasil. Conquista. Rio de Janeiro, 1971.

GOULART, José Alípio. Da Fuga ao Suicídio. Aspectos da rebel-
dia dos escravos no Brasil. Rio de Janeiro. Conquista, 1972.

HAMPATE BÂ A. A tradição viva.

HASENBALG, Carlos A. Discriminação e desigualdades sociais
no Brasil. Rio de Janeiro. Edições Graad. Ltda., 1972. 302
páginas.

HERSKOVITS, Melville. L'Heritage du noir. Paris, Presence
Africaine, 1962. 347 páginas.

HURBON, Laenec. Dieu dans le Vodou Haitien. Payot. Paris,
1972.

IANNI, Octávio. Roças e Classes Sociais no Brasil. Rio de Ja-
neiro. Civilização Brasileira, 1966.

_____. Escravidão e Racismo. São Paulo, Editora Hucitec,
1978.

JUNQUEIRA, Carmem e CARVALHO, Edgard de A. Antropologia e In-
digenismo na América Latina. Pauperização e Indianidade. São
Paulo. Cortez Editora, 1981.

KABENGUELÊ, Munanga. Os bassangas de Chaba (Zaire); Aspectos
sócio-econômicos e políticos-religiosos. São Paulo, 1977.
Tese de Doutorado.

_____. Revista Tempo e Presença nº 176.

KAPLAN, David. e MANNERS, Robert. A Teoria da Cultura. Zahar Editores S/A., Rio de Janeiro, 1975.

KI-ZERBO, Josef. A'frique Noire. Hatier. Paris, 1978.

_____. Coordenador do Volume I História Geral da África. Ática/UNESCO, 1982.

_____. História Geral da África. Teorias relativas às "raças" e história da África. São Paulo. Ática. Paris UNESCO, 1982.

LAPSSADE, Georges e Luz. Marco Aurélio. O Segredo da Macumba. (Estudos sobre o Brasil e América Latina), 1972. 101p.

LEPINE, Claude. Os estereótipos da personalidade no Candomblé nagô in Oloorisá (Escritos sobre a Religião dos Orixás). São Paulo. Editora Agora. Coordenador e Tradutor: Carlos Eugênio Marcondes de Moura.

L'ESPINAY, Francois Marie de. "Eglise et Religion Africaine: Candomblé au Brésil". In Revue Monchanin Vol. XIII nº 04. Canadá, 1980.

_____. "La Religion des Orixás. Une autee parole du Dieu unique"? In Lumière et Vieyon. France, 1984.

_____. "Quand Dieu parle Yorubá". In Vivants Univers nº 339. Belgique, 1982.

MANIL, Foundation. L'image de noir dans l'art Occidental Office du Livre. Houston, 1976.

MARX. Engels, Lenine e Mao. Antologia sobre materialismo Dialético. Cadernos Peninsulares. Lisboa, 1975.

MATIAUS. Alfred. Les incas. Editions du Seuil, 1961.

MATOSO, Kátia de Queiroz. Ser escravo no Brasil. São Paulo. Editora Brasiliense, 1982.

MONTELLO, Josué. Os tambores de São Luís. Rio de Janeiro. Livraria José Olimpio Editora, 1981.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira. São Paulo. Ática, 1977.

MORNER, Magnus. L'histoire sans frontiére. France Fauard, 1971.

MOURA, Clovis. O Negro. De bom escravo a mau cidadão? Rio de Janeiro, Conquista, 1977.

_____. Brasil: Raízes do protesto negro. São Paulo, Global Editora, 1983.

_____. Rebeliões na Senzala. Quilombos, Insurreição, Guerrilhas, Rio de Janeiro, 1972.

MUNANGA, Kabanguelê. In Querebenton de Zomadu. Coleção Ciências Sociais. Série Antropologia I, 324 páginas. São Luís Maranhão. Edufma, 1985.

NASCIMENTO, Adbias. Dramas para negros e prólogos para brancos. Antologia do Teatro Negro. Rio de Janeiro. Teatro experimental do Negro, 1961. 419p.

_____. O Genocídio do Negro Brasileiro. Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1978.

OCTÁVIO DA COSTA, Eduardo. In bandeira da Alairá (outros escritos sobre a religião dos Orixás). O tocador de atabaques nas casas de culto afro maranhenses. Organizador: Carlos Eugenio M. de Moura. São Paulo, Nobel, 1982.

OLINTO, Antonio. A Casa da água. Difel. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro/São Paulo, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade. Etnia. Estrutura Social. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. São Paulo, 1976.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

PIERSON, Donald. Branços e pretos na Bahia. São Paulo. Editora Brasileira (Companhia Editora Nacional), 2ª edição, 1971.

PINSKY, Jaime. História Popular nº 4. Escravidão no Brasil.
2ª edição. São Paulo, Global Editora, 1982.

PIRES, Dom José Maria. Revista Escrita. Ensaio. São Paulo.

Presence Africaine. Revue Culturalle du Monde Noir nº 98. Identité Culturalle et Développement, 1976.

_____. Revue Culturalle de Monde Noir. nº 101/102. Identité Culturalle e Negro Africaine III.

QUEIROZ, Suely R. Reis de. A Abolição da Escravatura. (Tudo é história, 17). Brasiliense. São Paulo, 1981.

QUEREBENTAN DE ZOMADU. Etnografia da Casa das Minas. FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Coleção Ciências Sociais. Série Antropologia I, 324p. São Luís do Maranhão, Edufma, 1985.

RAMOS, Arthur. O negro na Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. Livraria Editora da Casa do Estudande do Brasil. Esta Edição: Empresa Gráfica Carioca. São Paulo, 1956.

_____. O negro Brasileiro. Etnologia Religiosa. 2ª Edição Brasileira, 1940.

_____. As Tradições Culturais no Brasil. Livraria Editora Casa do Estudante Brasileiro. Rio de Janeiro, 1956.

RIBEIRO, Renê. Cultos Afro-brasileiro do Recife. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

ROCHA, Osvaldo. Rosa Negra. Os agrestes verdejam. Editorial Livramento (História Presente 3). São Paulo, 1980.

RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. Brasiliana, 5ª Edição, 1977.

_____. Africanos no Brasil. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1977.

ROGER, Bastide. O Candomblé na Bahia. Editora Brasiliana, 1978.

SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro. Zahar Editores S/A, 1979.

SANTOS, Joel Rufino dos. Zumbi. São Paulo. Editora Moderna Ltda, 1985.

SOUZA, Neuza dos Santos. Tornar-se Negro. As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

TRINCAZ, Joaqueline. Colonizations et Religions e Afrique Noir. Paris. Editions L'Harmattan, 1981. 357p.

TRINDADE, Liana M. Salvia. *Ibdem* (PEPINE, Claude). Os estereótipos da personalidade no Candomblé...

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia.

VELHO, Ivone Maggie Alves. Guerra de Orixá. Um estudo de ri-
tual e conflito. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1975.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Deuses Yorubás na Africa e
no Novo Mundo. Corrupio. Círculo do Livro. Salvador-Bahia,
1981.

_____. Ibidem (LEPINE, Claude). Os estereótipos da persona-
lidade no Candomblé...

_____. Notícias da Bahia, 1950. Editora Corrupio. Salva-
dor-Bahia, 1981.

_____. e BATISTA, Roger. Ibidem.

_____. Fluxo e refluxo do tráfico de negros entre o Golfo
do Benin e Bahia de Todos os Santos. Paris, 1968.